

André Gustavo Bengtson

**Cartas dos leitores aos jornais: manifestações do conservadorismo no  
Brasil contemporâneo**

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
departamento de Pós-Graduação em  
Sociologia do Instituto de Filosofia e  
Ciências Humanas da Universidade Estadual  
de Campinas sob a orientação do Prof. Dr.  
Fernando Antonio Lourenço

Este exemplar corresponde à  
redação final da dissertação  
defendida e aprovada pela  
comissão julgadora em  
28/02/2005

Banca:

*Fernando Lourenço*

Prof. Dr. Fernando Antonio Lourenço - orientador

*Rachel Meneguello*  
Profa. Dra. Rachel Meneguello – Depto. de Ciência Política IFCH/Unicamp

*Rubem Múriilo Leão Rego*  
Prof. Dr. Rubem Múriilo Leão Rego – Depto. de Sociologia IFCH/Unicamp

200508283

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	UNICAMP
	B436c
V	EX
TOMBO BC/	63207
PROC.	16-P-00086-05
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	11,00
DATA	15/04/05
Nº CPD	

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

Bib. id. 349756

B436c	<p><b>Bengtson, André Gustavo.</b>  Cartas dos leitores aos jornais : manifestações do conservadorismo no Brasil contemporâneo / André Gustavo Bengtson. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.</p> <p>Orientador: Fernando Antonio Lourenço.  Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>1. Conservantismo. 2. Jornalismo. 3. Medo.  4. Discriminação. 5. Racismo. I. Lourenço, Fernando Antonio. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
-------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Palavras -chave em inglês (Keywords): Conservatism.  
Journalism.  
Fear.  
Discrimination.  
Racism.

Área de concentração: Teoria sociológica e pensamento social.

Titulação: Mestre em sociologia.

Banca examinadora: Fernando Antonio Lourenço, Rachel Meneguello, Rubem Murilo Leão Rego.

Data da defesa: 28/02/2005.

## Resumo

O objetivo desse trabalho é analisar algumas manifestações do pensamento conservador na sociedade brasileira. Utilizo como material empírico para a pesquisa a sessão de cartas dos leitores de dois jornais brasileiros: Folha de São Paulo e Correio Popular, de Campinas. A fim de efetivar o trabalho, realizo o seguinte caminho: No primeiro capítulo, apresento uma revisão bibliográfica sobre o conceito de conservadorismo, principalmente a partir das contribuições de Karl Mannheim, Anthony Giddens, Norberto Bobbio e Roberto Romano. No segundo capítulo, transporto essa polêmica discussão para o âmbito nacional, através da revisão de alguns estudos de Antônio Flávio Pierucci e Maria Teresa Gonzaga Alves. Ainda nesse mesmo capítulo, faço uma análise mais detida sobre o primeiro volume de *Populações Meridionais do Brasil*, de Oliveira Vianna, autor reconhecido como um dos principais ideólogos do conservadorismo brasileiro. Finalmente, no terceiro capítulo, proponho uma análise sobre o conservadorismo no Brasil contemporâneo a partir de evidências empíricas coletadas no decorrer da investigação publicadas nas cartas enviadas às colunas de leitores de jornais brasileiros, destacando as representações em torno da figura do presidente Lula, os condomínios fechados e a visão dos leitores sobre manifestações populares.

## Abstract

The objective of this work is to analyze some manifestations of conservative thought in Brazilian society. I use, as empiric material for this research, the letters from the readers' section of two newspapers: Folha de São Paulo and Correio Popular. In order to execute the work, I go the following route: In the first chapter, I present a bibliographical review of the concept of conservatism, mainly starting from the contributions of Karl Mannheim, Anthony Giddens, Norberto Bobbio and Roberto Romano. In the second chapter, I transport this controversial discussion to the national setting, through the review of some studies on conservative thought and popular conservatism, as defined and analyzed by Antônio Flávio Pierucci and Maria Teresa Gonzaga Alves. In the same chapter, I make a more restrained analysis of the first volume of *Populações Meridionais do Brasil*, (Southern Populations of Brazil), by Oliveira Vianna, author recognized as one of the principal ideologues of the Brazilian conservatism. Finally, in the third chapter, I propose an analysis of conservatism in contemporary Brazil, based on the empirical evidences collected during the investigation, published in letters sent to the readers sections of Brazilian news papers, pointing out representations of the figure of the presidential candidate Lula, on the question of violence and of closed condominiums and the readers vision about popular manifestations.

**Para Vi e Gi.**

## Sumário

Resumo/Abstract	03
Agradecimentos	09
Introdução	11
<b>Capítulo 1 – Discutindo um conceito</b>	
Considerações iniciais	17
Uma primeira pista: dicionário versus filósofo	18
Karl Mannheim: conservadorismo e tradicionalismo	20
Roberto Romano e a soberania popular	23
A grande acomodação e o darwinismo social	26
Direita e esquerda	29
O contraponto de Anthony Giddens	32
Bobbio versus Giddens	34
Preeminência da mão direita	35
Considerações finais	36
<b>Capítulo 2 – Um recorte sobre o conservadorismo no Brasil</b>	
Introdução: o legado da conciliação	39
Metrópoles do conservadorismo popular	42
O conservadorismo popular	45
Um novo horizonte, uma nova direita	50
Um complemento para o estudo da nova direita	52
A face da nova direita: uma caricatura	54
Conservadorismo e voto	56
Uma matriz do pensamento conservador brasileiro	60
Considerações finais	73

### Capítulo 3 – Ampliando horizontes

Introdução	75
Sobre as colunas dos leitores	76
O Pensamento Conservador nas colunas dos leitores	
Resumo da pesquisa	78
Análise das cartas	80
Preconceito aos homossexuais	85
Condenação à prática do aborto	87
Sentimento de degradação da sociedade	88
Contradições	94
A questão social é um caso de polícia: o caso da manifestação dos trabalhadores Informais da cidade de Campinas	96
Análise das cartas	99
O candidato Lula nas colunas dos leitores	102
Correio Popular	102
Folha de São Paulo	104
Os objetivos	105
Medo Velado versus medo escancarado	110
Os enclaves fortificados e a questão da segurança pública	117
Televisão e armamento	123
Considerações finais	124
Bibliografia	129
Apêndice	133

## Agradecimentos

Inicialmente, gostaria de agradecer aos conselhos, dicas, indicações bibliográficas e, sobretudo, a paciência dedicada pelo meu orientador, Fernando Lourenço. Sem dúvida, sem os seus préstimos, esse trabalho não se concluiria. Além do apoio intelectual, foi fundamental a ajuda financeira empreendida pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), instituição que merece, nesse momento, meus maiores agradecimentos.

Finalmente, dedico especial agradecimento aos meus pais e irmão, pelo importantíssimo suporte “técnico”, principalmente à época da formatação final do trabalho. Aliás, não posso esquecer que esse apoio serviu, fundamentalmente, como uma verdadeira estrutura psicológica, visto aos inúmeros percalços que a vida nos oferece, especialmente no que tange aos defeitos com meu computador e, especialmente, os “defeitos” daquele que tenta operar essa estranha invenção moderna, com a qual, digamos assim, não sou um grande entusiasta.

## Introdução

*Não podemos fechar os olhos para a maior parte dos países onde a sociedade dos dois terços (ou mesmo dos quatro quintos ou dos nove décimos) não é a da abundância, mas da miséria.*

*(Norberto Bobbio, Direita e Esquerda)*

Não é difícil, não é incomum, encontrarmos variadas manifestações do pensamento conservador em meio à sociedade brasileira. Vejamos, por exemplo, o teor do seguinte panfleto distribuído anonimamente à população de São Gabriel, interior do Rio Grande do Sul:

GABRIELENSES DIZEM NÃO À INVASÃO E A SEUS APOIADORES

Povo de São Gabriel, não permita que sua cidade tão bem conservada nesses anos, seja agora maculada pelos pés deformados e sujos da escória humana. São Gabriel, que nunca conviveu com a miséria, terá agora que abrigar o que de pior existe no seio da sociedade. Nós não merecemos que essa massa podre, manipulada por meia dúzia de covardes que se escondem atrás de estrelinhas no peito, venham trazer o roubo, a violência, o estupro, a morte. Estes ratos precisam ser exterminados. Vai doer, mas para as grandes doenças, fortes são os remédios. É preciso correr sangue para mostrarmos nossa bravura. Se queres a paz, prepara a guerra, só assim daremos exemplo ao mundo que em São Gabriel não há lugar para desocupados. Aqui é lugar de povo ordeiro, trabalhador e produtivo. Nossa cidade é de oportunidades para quem quer produzir e não há oportunidades para bêbados, ralé, vagabundos e mendigos de aluguel.

Se tu, gabrielense amigo, possuis um avião agrícola, pulveriza a noite 100 litros de gasolina em vôo rasante sobre o acampamento de lona dos ratos. Sempre haverá uma vela acesa para terminar o serviço e liquidar com todos eles.

Se tu, gabrielense amigo, és proprietário de terras ao lado do acampamento, usa qualquer remédio de banhar gado na água que eles usam para beber, rato envenenado bebe mais água ainda.

Se tu, gabrielense amigo, possuis uma arma de caça calibre 22 atira de dentro do carro contra o acampamento, o mais longe possível. A bala atinge o alvo mesmo há 1.200 metros de distância.

FIM AOS RATOS. VIVA O POVO GABRIELENSE!!!!<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Apud in ROMÃO, Lucília Maria Souza. O receituário do extermínio. Publicado em resistir.info, 16 de agosto de 2003: [http://resistir.info/brasil/receituario\\_do\\_exterminio.html](http://resistir.info/brasil/receituario_do_exterminio.html)

Há algo de inquietante e preocupante neste documento que selecionei como um caso exemplar de manifestação do pensamento conservador no Brasil contemporâneo. Acredito que uma pesquisa sociológica sobre este tipo de pensamento poderá contribuir com a produção de conhecimentos sobre os processos sociais que estão na origem dos obstáculos à institucionalização da democracia e das persistentes desigualdades sociais da sociedade brasileira.

Em primeiro lugar, seria importante informar ao leitor qual o significado de pensamento conservador que estou adotando nessa dissertação. Mesmo que sejam traços apenas provisórios, estarei dirimindo algumas dúvidas que, porventura, possam pairar antes da leitura integral do capítulo um.

O pensamento conservador é uma modalidade de pensamento social que abomina as abstrações, considerando-as fruto de mentes intelectuais descoladas da realidade, do concreto.

A mentalidade conservadora, como tal, não possui predisposição alguma a teorizar. O que se acha de acordo com o fato de que os seres humanos não teorizam sobre as condições concretas em que vivem enquanto a estas se encontram bem ajustados. Tendem, em tais condições de existência, a encarar o ambiente como fazendo parte de uma ordenação natural do mundo, que, em consequência, não apresenta problema algum. (...) Somente o contra-ataque de classes oponentes e a sua tendência a romper com os limites da ordem existente irá motivar a mentalidade conservadora para questionar as bases de seu domínio, ocasionando necessariamente, entre os conservadores, as reflexões histórico-filosóficas concernentes a eles mesmos. Surge, dessa forma, uma contra-utopia que serve como um meio de auto-orientação e defesa<sup>2</sup>

O conservador suspeita e sente enorme medo do outro, uma vez que este seria a razão do caos, da desordem, da miséria, da confusão e da perda dos valores tradicionais, aglutinadores da “boa” sociedade. Estamos, portanto, tratando de um tipo de pensamento social que acredita que todos os seres humanos são naturalmente desiguais, e, desta forma, temos merecimentos, direitos e lugares distintos, não se descartando, quando preciso, até mesmo o extermínio daquele outro estigmatizado como a escória da humanidade, como vimos no panfleto anônimo distribuído à população da cidade de São Gabriel.

---

<sup>2</sup> MANNHEIM, Karl (1986). *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, p. 253.

Nesse sentido, o pensamento conservador edifica um mundo que será, inevitavelmente, antidemocrático e desigual. O filósofo Roberto Romano nos dá uma concisa definição para o conservador:

O que é “conservador”? O medo que a população estrague a festa do poder, destruindo a segurança, a propriedade, os vínculos da tradição, as inovações técnicas que só beneficiam alguns. Trata-se de conservar o social e o Estado (...) sempre no horizonte do pavor e do medo, da guerra, do soldado, da polícia, do carrasco<sup>3</sup>

Escolhendo como linha condutora os clássicos trabalhos de Karl Mannheim, podemos datar o conservadorismo como aquele pensamento social que emergiu em contraposição aos valores iluministas e à experiência histórica das revoluções burguesas. O pensamento conservador traduziria a vontade da permanência de uma maneira de organizar o mundo, tendo nos laços de sangue, nos princípios de nobreza, na monarquia, na tradição e na família seus eixos principais. Em oposição à ordem monárquica e a esses valores, a burguesia, classe social emergente, firma-se na contraposição àquela organização societária, chamando-a de “antigo regime”, sempre tentando desarticular os eixos de um projeto de vida que teve o seu ápice na desagregação feudal e na construção do Estado Nacional Moderno, quando muitos dos princípios medievais foram recolocados e reafirmados pelo conservadorismo. Pode-se dizer, inclusive, que o movimento iluminista luta, de maneira franca e direta, contra os ideais proclamados pelo conservadorismo. Temos, portanto, o nascimento da vontade, do desejo, da esperança, da luta, de uma verdadeira “contra-utopia”, para que essa sociedade do “antigo regime” sobreviva. É essa “contra-utopia” que é chamada por Mannheim de conservadorismo. Desse modo, ao longo dessa dissertação, sempre que estiver me referindo ao conservadorismo, estarei muito próximo da definição mannheimiana. Podemos dizer, também, que o conservadorismo associa-se, preferencialmente, ao comportamento político de direita, enquanto uma visão mais transformadora da sociedade está mais próxima da esquerda, embora esta também apresente traços conservadores. Essa discussão ganha importância na atualidade, quando essas definições passam a ser questionadas. Obviamente, discutir esse assunto não é o objetivo do trabalho, porém, ao avaliarmos a obra de alguns autores que se debruçaram sobre essa questão estamos, mais uma vez, encontrando o conservadorismo sendo discutido e conceituado. Dentro desse contexto, o filósofo italiano Norberto Bobbio escreve *Direita e*

---

3 ROMANO, Roberto. (1994). O pensamento conservador. Revista de Sociologia e Política, 1 (3): p. 29.

*Esquerda*, defendendo haver nítida distinção entre os dois posicionamentos políticos. Além de associar a direita à manutenção da ordem, Bobbio considera que muito do conservadorismo do pensamento direitista está em um ponto básico: todos somos diferentes. Daí vem a seqüência desse pensamento social: temos direitos, lugares e posições diferentes na sociedade, o que seria um fator justificador das desigualdades. Inversamente, a esquerda se identificaria com a igualdade e com a transformação da ordem.

Já o sociólogo inglês Anthony Giddens não foca suas preocupações na polarização igualdade-desigualdade, mas questiona as proposições de Bobbio quando retrata uma esquerda atual preocupada com a defesa daquilo que restou do *Welfare State* e uma direita ligada a destruição dessa mesma ordem.

Outro autor que retomarei é o filósofo Roberto Romano. Quando Romano retrata o romantismo alemão, do século XIX, ou a constituição do pensamento conservador moderno está, justamente, fotografando a passagem que acabei de relatar.

Portanto, se pensarmos que o desejo da permanência do antigo regime já é algo totalmente liquidado em nossa era, também podemos dizer que, livre dessas amarras, o conservadorismo passa a caminhar de forma independente, se tornando uma marca bastante reconhecível do nosso mundo. Então, por que não estudá-lo no Brasil?

No livro, *A Consciência conservadora no Brasil*, o ensaísta Paulo Mercadante argumenta que o fio condutor da história nacional, desde a colonização até o século XIX, seria a conciliação. Essa tese é corroborada pelo historiador José Honório Rodrigues, em *Conciliação e Reforma no Brasil, um desafio histórico-cultural*. Nesse sentido, pode-se pensar que esse espírito de não-ruptura acaba por se tornar um traço muito específico do pensamento conservador no Brasil.

Ao nos encontrarmos com os trabalhos do sociólogo Antonio Flávio Pierucci, realizados principalmente na década de 1980 e com outros estudos complementares aos iniciados por ele, podemos radiografar com muita nitidez a ação do pensamento conservador em nossas terras, podendo, inclusive, desvendar vários eixos para esse estilo de pensamento. Dois são bem claros, o conservadorismo popular e a mentalidade da “nova direita”. Enquanto o primeiro, advindo das classes médias e baixas, é mais claro e incisivo no que tange ao preconceito e a discriminação social e racial, o segundo é mais intelectualizado, aliando-se aos ideais privatistas dos anos de 1990.

Posso adiantar, que o caldo de toda essa discussão está em mostrar como as justificativas ideológicas para as desigualdades sociais estão profundamente presentes na

constituição da nossa sociedade. Ao mesmo tempo, difusas por ela, tornam-se senso comum e parte de um verdadeiro arquivo (in) consciente, permanentemente em ação na manutenção de todo esse estado de coisas.

Em resumo, apresento no capítulo um uma discussão teórica sobre as origens do pensamento conservador, para, a seguir, no capítulo dois, trazer essa discussão para o Brasil, identificando as duas matrizes mais importantes desse segmento. Ainda no capítulo dois, analiso um importante documento conservador brasileiro, *Populações Meridionais do Brasil*, do pensador Oliveira Vianna (1883-1951), um verdadeiro ideólogo do conservadorismo brasileiro. Nesta sua obra de referência, estabelece princípios que são pilares teóricos e, ao mesmo tempo, sobrevivências, quase arqueológicas, do pensamento conservador em terras brasileiras. Finalmente, no capítulo três, tento buscar nas cartas dos leitores dos jornais Folha de São Paulo e Correio Popular, de Campinas, evidências concretas de todo arcabouço teórico apresentado nos dois primeiros capítulos.

Ao encerrar essa breve introdução podemos nos munir, a título ilustrativo, daquilo que Scott Mainwaring, Rachel Meneguello e Timoty Power afirmam em *Partidos Conservadores no Brasil Contemporâneo*, sobre os partidos políticos nacionais, desde o século XIX, até os dias atuais. Segundo os autores, é possível estabelecer uma linha conservadora, desde pelo menos 1830, até 1985, fato extremamente interessante quando se quer mostrar a presença desse pensamento na constituição de nossa sociedade.<sup>4</sup> Será mero acaso o que afirmam os autores? Tentarei mostrar que não.

---

<sup>4</sup> MAINWARING, Scott, MENEGUELLO, Rachel, POWER, Timoty. (2000). Partidos Conservadores no Brasil Contemporâneo. São Paulo: Paz e Terra, p.12.

## Capítulo 1

### Discutindo um conceito

*Para ensaiar uma abordagem do pensamento político conservador, termo polifacetado e abstrato, servindo para recobrir formações teóricas diversificadas e, não raro, cumprindo a função de etiqueta polêmica, seria preciso possuir- repetindo a pretensão romântica- o olhar de um deus, que do alto de um monte- Olímpo ou Sinai, pouco importa- pudesse vislumbrar o Todo em que se movem as culturas e a reflexão sobre elas. Sem tal acuidade transcendente, resta apenas apontar alguns traços mais visíveis da fala e da prática ligadas aos nomes, tentando identificar alguns resultados políticos que eles provocam*

(Roberto Romano. Revista de Sociologia e Política, n.3)

### Considerações iniciais

O alerta do filósofo Roberto Romano, a respeito da pesquisa sobre o pensamento conservador, não é um mero jogo de palavras. De fato, esse estudo requer um recorte, um enfoque, escolhas, priorizações, que o tornam um verdadeiro caleidoscópio. Seguindo essa constatação, ou conselho, de alguém que já se debruçou sobre o tema, pretendo apresentar nesse capítulo, o meu balanço sobre alguns pensadores que, de uma maneira ou de outra, enveredaram pelos caminhos desse tema. Melhor explicitando o meu objetivo aqui, mais do que trazer as contribuições teóricas desse ou daquele autor, é mapear alguns traços que estão em comum entre eles, podendo sair desse capítulo já apontando ao leitor alguns pontos básicos característicos do pensamento conservador. Poderia ser questionado, pertinentemente, sobre como já apontar características do pensamento conservador sem ter apresentado uma pesquisa para tanto. Ora, devo assumir que não sou o primeiro pesquisador a enfrentar o tema em questão, aliás, as palavras iniciais de Romano já comprovam isso. Nesse sentido, estarei apenas apresentando um recorte sobre trabalhos, hoje clássicos, com relação ao pensamento

conservador. Dessa maneira, eles servirão como balizadores que nortearão o trabalho apresentado no capítulo três. Gostaria, também, deixar claro que não estou aqui montando um tribunal, através do qual estarei julgando o comportamento das pessoas e as impingindo a marca de conservadores ou progressistas. Ao contrário, o que quero demonstrar é apenas que o pensamento conservador é um traço claro e evidente, ou um “estilo de pensamento”, sistematicamente observável na sociedade moderna. Não se trata de classificá-lo como “*bom*” ou “*mal*”, “*certo*” ou “*errado*”, apenas grifar a sua existência, observando, inclusive, quais são as suas principais características, embora possa até questionar, devido às peculiaridades da nossa história, se o conservadorismo é uma barreira, um persistente e significativo elemento limitador para a adoção e consolidação de uma sociedade verdadeiramente democrática no Brasil. Aliás, que fique bem claro que a democracia entendida aqui é aquela que remonta o conceito de soberania popular, considerando esse popular como toda a sociedade brasileira, não apenas uma parcela privilegiada dela.

Começemos, então, com a nossa pergunta de partida: o que caracteriza o pensamento conservador? O que é o conservadorismo? Quais são os autores que já se debruçaram sobre esse tema e, ao mesmo tempo, quais os pensadores que poderiam, por meio da leitura de suas obras, remontar a própria expressão teórica desse conceito? Quais os traços que poderiam (re) constituir esse “estilo de pensamento”?

## Primeira Pista: Dicionário versus Filósofo

Ao iniciar minha pesquisa fui buscar, de forma aleatória, um Dicionário de Ciências Sociais. Lá, havia um verbete intitulado “conservantismo”. O resultado foi o seguinte:

é conservador todo o partidário de um sistema no qual se procura assegurar a continuidade do Estado político presente, rejeitando as revoluções que o modificariam (...) uma desconfiança ilógica perante qualquer mudança (...) o ideal da vida social consiste na ordem e na estabilidade. A política conservadora advoga a permanência de uma ordem político-social quer histórica quer eterna e não reconhece a possibilidade de um regime novo e melhor que os do passado, pretextando que os caracteres fundamentais das sociedades são sempre os mesmos, sejam quais forem as épocas”.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> BIROU, Alain. (1973). Dicionário das Ciências Sociais. Lisboa: Publicações Dom Quixote, p.83.

Porém, ao longo dos meus estudos, pude encontrar outras definições para o pensamento conservador. Uma delas está nas seguintes palavras do filósofo Roberto Romano:

É comum identificações entre o pensamento conservador e o atraso científico ou técnico (...) procura mostrar a falsidade destas assertivas, indicando o quanto o conservadorismo liga-se, de preferência, ao papel dado ao conceito de soberania. Filósofos conservadores podem ser amigos da ciência e do progresso técnico. Seu modelo é a obra hobbesiana. A atitude diante da soberania popular é a chave para se definir um pensamento político enquanto democrático ou conservador. No primeiro, o povo é tido como soberano, e respeitado por isto. No segundo, elimina-se a idéia de soberania popular em proveito de conceitos abstratos sobre o Estado, com o privilégio para os dirigentes e seus coadjutores, os técnicos de governo.<sup>6</sup>

Portanto, o caminho proposto por Romano difere daquele do dicionário, pois o filósofo está focando a questão do conservadorismo entorno da construção de categorias mentais que justifiquem a ausência de poder e autodeterminação para as classes populares, abalizando a concentração dessa soberania nas mãos de uma elite e seus intelectuais. Já o dicionário conduz a situação de maneira totalmente diferente, pois apenas tenta cunhar uma definição para o verbete. Não que o dicionário esteja errado, ao contrário, porém o cerne do problema, o ponto crucial, é outro. Em suma, saber que o conservador quer conservar é o óbvio.

Tentemos apresentar essa situação de maneira mais concreta. Para tanto, vejamos o que dizem Scott Mainwaring, Rachel Meneguello e Timoty Power em *Partidos Conservadores no Brasil Contemporâneo*:

Desde a sua criação na década de 1830 até 1930, esses partidos foram os pilares da ordem oligarquia. Com a introdução das eleições livres e do sufrágio de massa em 1945, eles se estabeleceram como uma força eleitoral hegemônica nas eleições legislativas até 1962, ajudaram a articular o golpe militar de 1964, e logo se tornaram um poderoso parceiro da ditadura de 1964-85. Desde 1985, no segundo “experimento de democracia” os partidos conservadores têm integrado, de forma consistente, a coalizão governamental no nível nacional.<sup>7</sup>

Notadamente, existe um fôlego assustador de um pensamento que merece ser focalizado e estudado e é esse o caminho que gostaria de continuar acompanhando. Vejamos então, a seguir, como essas definições iniciais podem ser contrapostas a linha de pesquisa dos

---

<sup>6</sup> ROMANO, Roberto. (1981). O Pensamento Conservador. *Revista de Sociologia e Política*, 1 (3): 21, .

<sup>7</sup> MAINWARING, Scott, MENEGUELLO, Rachel, POWER, Timoty. (2000). *Partidos Conservadores no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Paz e Terra, p.12.

seguintes pensadores: Karl Mannheim, Roberto Romano, Norberto Bobbio e Anthony Giddens, para que, finalmente, possamos esboçar alguns pontos constituintes do pensamento conservador.

## Karl Mannheim: Tradicionalismo X Conservadorismo

*Foi Chateaubriand quem primeiro deu à palavra seu significado peculiar quando chamou o periódico que publicava para difundir as idéias da Revolução clerical e política, de O Conservador.*

(Karl Mannheim)

Começemos então pelo pensador alemão Karl Mannheim. Em seus trabalhos sobre o tema ele vai defender a tese de que o pensamento conservador foi engendrado no refluxo da revolução francesa de 1789. Na visão de Mannheim, a própria contra-revolução francesa seria o marco constituinte do conservadorismo que, no plano das idéias, encontraria na Alemanha o seu solo mais fecundo.

sob a pressão ideológica da Revolução Francesa se desenvolveu na Alemanha um contra- movimento intelectual que reteve seu caráter puramente intelectual por um longo período e assim foi capaz de desenvolver suas premissas lógicas de forma mais extensa possível (...) A contra- revolução não se originou na Alemanha , mas foi na Alemanha que seus lemas foram pensados de forma mais completa <sup>8</sup>

Fica registrado, portanto, que a Revolução Francesa, na visão do pensador alemão, é um símbolo que dá vazão a um longo processo de uma lenta, constante e dolorosa passagem de um certo mundo antigo, tradicional (para lembrarmos de Weber e seus tipos de dominação) em direção a um novo mundo, em que as idéias são postas fora de lugar, ou melhor, estão em outro lugar em relação ao que está sendo deslocado. Em suma, o conservadorismo é expressão de dor de um mundo que enxerga o seu próprio ocaso e que luta com todas as suas forças

---

<sup>8</sup> MANNHEIM, Karl. (1986). O Pensamento Conservador. In: José de Souza Martins, Introdução Crítica à Sociologia Rural. São Paulo: Hucitec, p.84.

contra o devir moderno. Portanto, o que interessa não é que alguém esteja querendo conservar algo, mas qual a razão que o leva a tomar tal atitude.

É também importante lembrar que Karl Mannheim desenvolve, no estudo do pensamento conservador, uma clara distinção entre o que seria um mero pensamento reativo, o que denominou de *tradicionalismo* (lembrando novamente de Max Weber), uma reação quase inconsciente que se aproximaria de uma característica psicológica do homem de todas as eras da história, e o que chamou de “*conservadorismo moderno*”, engendrado numa sociedade de classes e do embate entre elas. Para Mannheim, o conservadorismo “é primordialmente nada mais do que o tradicionalismo tornado consciente”<sup>9</sup>. Registre-se, novamente, que o presente estudo adota como objeto de análise esse sentido tomado por Mannheim, sempre pensando nesse “conservadorismo moderno”.

Assim, podemos dizer que o desejo da conservação se dá através da junção do político e do social, ambos somando-se para a formação de um programa histórico, sendo o núcleo do conservadorismo social o setor mais resistente dessa agenda. Dessa maneira, funda-se o conservadorismo como proposta de sociabilidade antagonista ao projeto ilustrado. Karl Mannheim o chamou de “contra-utopia”: “*Devemos mostrar como a oposição de direita, política e social, não apenas se colocou contra a dominação política e econômica do capitalismo emergente, mas como também se opôs a ele (...) a ponto de criar uma contra lógica*”<sup>10</sup>

Em resumo, temos não só um conjunto de pensamentos ou idéias, mas um conjunto de práticas e ações que irão acompanhá-las formando um novo estilo de pensamento, que poderá manifestar-se tanto à direita, quanto à esquerda. “*O pensamento proletário tem, de várias maneiras, uma afinidade significativa com o pensamento conservador reacionário*”<sup>11</sup>

Observamos, nesse sentido, uma obsessão identitária. Não é de se estranhá-la, pois a sociedade que estava sendo drenada tinha como elemento chave às “origens” das pessoas. Essa obsessão se fundava na preservação e na construção de um “eu”, que faria parte de um “nós”, na proteção contra os “outros”. Na análise oferecida por Mannheim, o pensamento conservador é considerado como um verdadeiro “estilo de vida”, característico de um moderno mundo social e intelectual, embora ele seja, inicialmente, antimoderno.

---

<sup>9</sup> Idem, p.111.

<sup>10</sup> Idem, 97.

<sup>11</sup> Idem, p.99.

Mannheim também afirma que o pensamento conservador se apega visceralmente ao mundo do real e do concreto. Ora, as revoluções burguesas estão escoradas em ideais filosóficos e sabemos que estes estão, certamente, vinculados às abstrações. Estas não fazem sentido ao conservador, pois elas não são fundadas no aqui e agora do mundo real, já que não estão ligadas às experiências concretas e vividas dos homens. Para o conservador, o concreto toma a forma do elemento enraizador, constatado pelo bom senso das pessoas, todo o resto não passaria de quiméricas abstrações, formuladas por intelectuais, no caso os da vertente iluminista, desvinculadas da realidade prática da vida. Nessa visão conservadora de mundo, tudo o que é moderno, ligado à razão, ao abstrato, torna-se desenraizante, causando calafrios àqueles que apostam todas as suas fichas nas experiências cotidianas, manifestações imediatas e comprovadoras das “evidentes diferenças” entre os homens. Friso aqui que com essas elucubrações se pode construir todo um arcabouço teórico para se pensar na diferença como elemento constitutivo da sociedade, e é o pensamento e a prática da velha e nova direita que vai, melhor do que ninguém, apropriar-se dele.

Para resumir, o desenvolvimento e a existência generalizada do conservantismo, enquanto distinto do mero tradicionalismo, deve-se, em última análise, ao caráter dinâmico do mundo moderno; a essa dinâmica estar baseada na diferenciação social; ao fato de que essa diferenciação social tende a arrastar consigo o intelecto humano e a forçá-lo a desenvolver-se segundo sua própria orientação; e, finalmente, ao fato de que os objetivos básicos dos diferentes grupos sociais, não apenas cristalizam as idéias em movimentos reais de pensamento, mas também criam diferentes *Weltanschauungs* antagônicas e diferentes estilos de pensamento antagônicos. Em uma palavra, o tradicionalismo apenas pode transformar-se em conservantismo numa sociedade onde a mudança ocorra através do conflito de classes - numa sociedade de classes. Este é o contexto sociológico do conservantismo moderno <sup>12</sup>

Em suma, o conservador vai se apegar às diferenças e abominar os diferentes.

Mannheim mostra ainda como o conservadorismo vai ganhando corpo teórico através das contribuições de vários autores que assumem a matriz conservadora ao realizarem suas análises sobre a sociedade moderna. Forma-se, assim, uma corrente de pensadores conservadores, que possuem uma clara identificação teórica entre si. “O conservadorismo (...) é

---

<sup>12</sup>Idem, p.87.

*uma entidade com uma clara continuidade histórica e social que surgiu e se desenvolveu numa situação histórica e social particular (...) até a palavra conservadorismo é uma palavra nova, de origem relativamente recente.*<sup>13</sup>

Dessa maneira, podemos dizer que Mannheim apresenta o conservadorismo como um estilo de pensamento que vai ganhando consistência teórica à medida que acaba por formular aquilo que chama um “contra-sistema” ao ideário burguês. Assim, se o cerne do iluminismo estava naquilo que se chamou “direito-natural”, tratava-se de engendrar uma resposta ao ideário ilustrado. Nesse sentido, muito do trabalho conservador foi questionar a idéia de “estado de natureza”, de “contrato social”, dos “direitos do homem e do cidadão” e a chamada “soberania popular”. Dessa forma, pode-se verificar que diversos representantes do pensamento conservador atacam essa agenda burguesa, ora atacando um ponto, ora outro. Primeiramente, afirma Mannheim, vão questionar o princípio da razão, considerado-o abstrato. Substituem-no pelo de nação ou de história. A seguir, pode-se constatar um forte componente de irracionalidade, em contraposição ao estilo dedutivista da escola do direito-natural. Com relação às leis universais, válidas para todos, firma-se a especificidade e cunha-se o conceito de organismo social, uma vez que cada um teria uma função distinta dentro do mesmo organismo. É daí que o pensamento conservador finca suas raízes e segue vida própria influenciando direta, ou indiretamente, nos destinos da sociedade moderna.

mais tarde porém, eles descobriram um método muito mais radical de se utilizar das normas eternas do Iluminismo. Em vez de encarar o mundo como algo eternamente em mudança, em contraste com uma Razão estática, eles conceberam a própria Razão e suas normas em mudança e movimento. Dessa forma, o impulso de oposição ao pensamento do direito-natural realmente contribuiu com algo de novo, alcançou novas concepções que teriam um papel importante na evolução posterior.<sup>14</sup>

## Roberto Romano e a soberania popular

Roberto Romano articula sua argumentação indo até Thomas Hobbes, para, em seguida, relacioná-lo a um dos maiores clássicos do pensamento conservador, Joseph De Maistre. Acompanhemos seus passos. Pode-se dizer, afirma Romano, que o iluminismo

---

<sup>13</sup> MANNHEIM, Karl. (1982). “O Significado de Conservantismo”. In: Marialice M. Foracchi, Karl Mannheim: Sociologia. São Paulo: Ática, p.115-116.

<sup>14</sup> MANNHEIM, Karl. O Pensamento Coinservador. In: José de Souza Martins, Introdução Crítica à Sociologia Rural, São Paulo: Hucitec.

começou em solo inglês (onde nasceu Hobbes, inclusive), área mais avançada do desenvolvimento capitalista até então. A seguir, chega à França, onde atinge sua forma mais abstrata, materialista e revolucionária, para, finalmente, penetrar em solo alemão e se defrontar com uma sólida crítica contra-revolucionária, que propiciará a construção de todo um arcabouço que remonta à própria origem do pensamento conservador. Hobbes e De Maistre, acredita Romano, são um bom exemplo dessa passagem, pois ambos idealizam políticas para o controle dos homens. A metáfora nesses pensadores é a mesma: o estilhaçamento do corpo (uma metáfora da própria sociedade) como imagem de advertência aos que acreditam na razão humana acima de tudo. Resultado da ausência da providência e da figura divina, no caso de De Maistre, cujo pensamento foi altamente influenciado pelo catolicismo, o estilhaçamento deveria ser evitado a todo custo, na visão hobbesiana.

Assim, segundo Romano, metaforicamente, De Maistre desenha a figura do carrasco, colocado em oposição ao soldado. O mando repousa sobre estas duas atividades. Nesse sentido, o poder manifesta a vontade de Deus, ao qual a ordem e o bem não correspondem à nossa inteligência, aos nossos fins. O cadafalso é, nesse contexto, relacionado por De Maistre, ao altar. É nesse momento que Romano nos convida a lembrarmos dos campos de concentração tão horivelmente utilizados no correr da história do século passado.

Fica evidente, nesse raciocínio, que o poder, na ótica conservadora, almeja evitar o estilhaçamento de toda a sociedade, tal qual o período do terror jacobino da revolução francesa, na visão conservadora, havia propiciado. Visualiza-se, segundo Romano, a mão divina zelando pela manutenção da hierarquia e da ordem garantidos pelo estado. *“Desse último não se espera justiça ou bondade, mas que impeça o delírio filosófico dos democratas, cujos resultados teriam sido a indisciplina e o caos”*, afirma Roberto Romano sobre De Maistre.<sup>15</sup>

Já Hobbes, que não viveu os acontecimentos de 1789, mas que está colocado por Romano com o objetivo de se estabelecer um elo com De Maistre, acredita ser a demagogia o necessário resultado da ação daqueles que se aproveitam da raiva dos pobres, dizendo-lhes que a culpa de sua miséria reside nos seus governantes e não na sua própria indolência. Para Hobbes os “espertos” e “ambiciosos” manipulam a opinião “auto-indulgente” do povo com o seu “canto da sereia”.

---

15 ROMANO, Roberto. (1994). O Pensamento Conservador. *Revista Brasileira de Sociologia e Política*, 1 (3): p. 23.

Portanto, para Roberto Romano, a figura do estraçalhamento, na forma como foi descrita, é a metáfora da destruição social, sendo este um ponto em comum aos pensadores conservadores europeus modernos.

Romano também nos mostra como entre essas duas fórmulas distintas (Hobbes e De Maistre) instalou-se o liberalismo e as instituições democráticas. Nas luzes, esses conceitos atingiram seu apogeu e se delineou um ideal de cidadania democrática que, com o tempo, passou a rivalizar com o pensamento conservador, a fim de ganhar as preferências dos intelectuais e das massas. Dessa maneira, tanto Hobbes quanto De Maistre consideraram que o povo não é soberano, mas apenas deveria suportar a soberania da providência divina.

Donoso Cortés, na análise de Romano, seria um outro legítimo porta-voz do conservadorismo, quando afirmava serem os democratas e os liberais “*gente que discute sem decidir*”, mas “*quando o povo percebe essa indecisão perpétua joga-se nos braços dos poderosos*”. Outro importante conservador é De Bonald, para quem “*o direito do povo de governar a si próprio é um desafio contra a verdade. A verdade é que o povo tem o direito de ser governado*”<sup>16</sup> Por fim, para Edmund Burke: “*o povo, a maioria, não é soberano, porque o governo difere de um problema aritmético*”.<sup>17</sup>

Na visão de Roberto Romano, os pensadores conservadores unem-se em um elo teórico que retrata o medo do reconhecimento aos “direitos” de uma maioria popular. É nesse sentido que podemos reuni-los, filosoficamente, na luta contra os ideais iluministas e na construção teórica daquilo que chamaremos conservadorismo.

A igreja católica é um bom exemplo dessa corrente, pois vê sua até então vitoriosa explicação de mundo naufragar em direção ao secundário, depois do advento da hegemonia antropocêntrica. À medida que o tempo vai passando e a ciência vai, cada vez mais, ganhando terreno (Deus da modernidade?) quantos, sinceramente, continuam acreditando na fundação da sociedade através das figuras bíblicas Adão e Eva? Quem vai acreditar na infabilidade do papa? Na Terra como centro do universo? Na usura como algo satânico? Sem dúvida, um universo de pessoas cada vez mais restrito. É o primado da razão que se torna o novo paradigma, ou como querem Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Esclarecimento*, novo mito.

Em *Conservadorismo Romântico*, Roberto Romano ilustra esse momento através da figura de Nicolau Maquiavel, que ao desmistificar o mito do “bom governo”, torna-se odiado pela igreja católica. Dessa forma, Maquiavel é, em certo sentido, o ponto inicial do aniquilamento

---

16 Idem, p.26.

do mundo feudal. “Com Maquiavel, rompe-se a antiga tábua de valores: a bipartição do mundo em Bem e Mal será “posta de ponta cabeça”, invertendo-se radicalmente a experiência política do mundo...Neste instante Maquiavel e Lícifer passam a equivaler-se”<sup>18</sup>

A história registra, embora de maneira enviesada e centrada na questão da cidadania, esse lento agonizar daqueles que não acreditavam no homem como um igual aos seus semelhantes, que viam a condição de nascimento, de nobreza, de sangue, fatores primordiais para marcar diferenças. Abominavam qualquer possibilidade de soberania popular e, com o objetivo de proteger o velho estado de coisas, cunham e reproduzem o pensamento conservador.

Para demarcarmos os interesses ideológicos que estão ao redor de toda essa história, poderemos partir do seguinte raciocínio. O mundo das luzes aniquila as esperanças daqueles que não acreditavam no dinheiro, agora transformado em capital (fantasmagoria?), como veículo para a compra de “direitos” sociais. Dessa maneira, podemos pensar que o conservadorismo nasce de todos esses sentimentos contra-revolucionários, antiiluministas, umbilicalmente ligados a tais acontecimentos históricos. Porém, num momento seguinte, adquire vida própria e se torna um elemento independente, pois não necessita da Revolução Francesa para sobreviver. Aqui fica a alusão ao pensador alemão Max Weber que, em sua *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, mostra como a moral protestante incentivou e legitimou o acúmulo de dinheiro por parte dos seus seguidores. Já que a conduta ascética calvinista não o permite gastar esse excedente, que vai se avolumando, acaba o protestante por reinvestir essa soma no próprio sistema por ele criado, surgindo o hoje tão famoso capital. Nesse instante, quando o capital ganha forma, o capitalismo não mais necessita da religião e segue vida própria. Assim, fazendo um pequeno exercício comparativo, acabaremos chegando a mesma conclusão sobre o pensamento conservador, pois este não necessitará da Revolução Francesa para continuar seu caminho na história.

## A grande acomodação e o darwinismo social

Devemos, a essa altura, ressaltar um segundo momento da gênese conservadora européia. Momento em que o pensamento liberal tornou-se, em meados do século XIX, um

---

<sup>17</sup> Idem, p.27.

<sup>18</sup> ROMANO, Roberto. (1981). *O Conservadorismo Romântico*. São Paulo: Brasiliense, p.13-14.

núcleo importante, embora ainda não predominante. É nesse período, sublinha A. J. Mayer, em seu *A Força da Tradição, a persistência do antigo regime*, em que o pensamento conservador já se conforma em não poder mais reivindicar, no sentido estrito das suas aspirações, o retorno ao antigo regime, mas que, por outro lado, a economia política burguesa estabelecida já não mais desejava grandes mudanças na estrutura das sociedades às quais ela estava ajudando a forjar, que se verifica um certo entrelaçamento entre o conservadorismo e liberalismo.

Dessa forma, no contexto dessa nova aliança, as velhas aristocracias podem se perpetuar no poder, principalmente na forma da monarquia constitucional. Aliás, essencialmente, essa união guardava em si uma razão primordial que era o combate ao inimigo comum nascente: o socialismo. Duverger assim escreve sobre esse momento da história do pensamento social:

o partido liberal-conservador que guarda o nome de conservador mas com uma doutrina essencialmente liberal(...)Quando a ordem conservadora dominava e o socialismo não era ainda perigoso, os liberais aliaram-se a eles contra as monarquias e aristocracias estabelecidas. Quando a ordem liberal se estabeleceu e o socialismo pareceu ameaçá-la seriamente, os liberais se aproximaram naturalmente dos conservadores, para lutar contra os socialistas.<sup>19</sup>

Assim, o “jovem” liberalismo ainda débil para impor-se autonomamente acaba por clivar-se com os conservadores modernos, fortalecendo a construção do estado nacional. Este estado necessitará da feitura de uma “história” comum que aglutine os seus “cidadãos” em torno dela. Está dada a condição e o lugar da velha aristocracia ligada ao antigo regime. Esses dois, que gradualmente se tornam um, além de artificialmente criarem uma história ulterior congregativa, embebem-na com o otimismo da ciência e do progresso. Ambos garantiriam a paz e a estabilidade, tão desejadas e tão ardorosamente vislumbradas por aqueles que se forjaram conservadores.

Desmoronou muito rapidamente a tênue universalidade conferida ao indivíduo como ente livre. E, no entanto, exacerbou-se a crença no Progresso e na Ciência, postas como garantias de uma Paz Perpétua a assegurar o equilíbrio instável das Nações<sup>20</sup>

Nos estertores do XIX, com a crise do sistema, surge o fascismo. Esse novo elemento irá renovar esse casamento, sendo as elites, não mais as tradicionais aristocracias, guindadas aos

---

<sup>19</sup> DUVERGER, M. (1970). *Instituciones políticas y derecho constitucional*. Barcelona: Ariel, p.103-104.

<sup>20</sup> ROMANO, Roberto. (1981). *O Conservadorismo Romântico*. São Paulo: Brasiliense, p.26.

postos governantes através da figura do seu “ditador de plantão”. Aliás, esta é a tese central de Roberto Romano em seu *Conservadorismo Romântico*:

As páginas que se seguem (afirma Romano, sobre seu livro) são uma tentativa neste sentido. Procuram evidenciar o autoritarismo comum às representações progressistas e conservadoras que preparam a justificação teórica do Estado totalitário<sup>21</sup>

O corolário dessa retórica está no “super-homem” de Nietzsche ou mesmo até nas concepções de Pareto sobre as elites.

Nietzsche foi o menestrel-mor dessa batalha. Não obstante as contradições e elipses propositadamente provocadas de seus textos, seu pensamento era coerente e consistentemente antiliberal, antidemocrático, e anti-socialista, e isso se intensificou no decorrer do tempo (...) estava disposto a sacrificar o resto da humanidade na busca da alta cultura, à qual atribuía prioridade absoluta<sup>22</sup>

Ao lado do ideal nietzscheano, podemos citar, também, o darwinismo social como a outra pilastra teórica da chamada “persistência do antigo regime”, em suas formas mais conservadoras e autoritárias.

O darwinismo social (...) proporcionou um apoio pseudocientífico para as antigas classes dominantes e governantes que vinham se reafirmando. O darwinismo social se adequava à sua mentalidade elitista, onde a idéia de desigualdade estava profundamente enraizada. Em sua concepção, os homens eram desiguais por natureza, e o mesmo ocorria quanto à estrutura da sociedade, para sempre destinada a ser dirigida pela minoria dos mais aptos a governá-la<sup>23</sup>

Seria Charles Darwin um darwinista social? Patrick Tort dedicou parte de sua obra a refutar a resposta positiva para tal questão. Segundo Tort, a economia política burguesa, notadamente a inglesa, se apropriou das reflexões de Darwin contidas no livro “*A Origem das Espécies*”, esquecendo-se de dois aspectos. Primeiro: que os princípios lá defendidos são relativos somente ao mundo natural, não sendo feita nenhuma alusão ao mundo social. Assim, “a seleção dos mais aptos” é, segundo Tort, na visão de Charles Darwin, restrita à natureza. Segundo: a economia política burguesa se esqueceu de ler a obra posterior a *Origem das Espécies*, intitulada *A Descendência do Homem*, na qual Darwin sustenta a ocorrência, no âmbito da

---

<sup>21</sup> Idem, p.22.

<sup>22</sup> MAYER, Arno. J. . (1987). A Força da Tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914). São Paulo: Companhia das Letras, p.276.

<sup>23</sup> Idem, p.276.

sociedade e da cultura, de uma reversão da lei da sobrevivência dos mais aptos. A sociedade selecionaria o princípio da ajuda aos mais fracos e doentes, quanto mais enveredássemos no reino da cultura. Aliás, se fosse ao contrário, por qual razão se criaria a medicina? Portanto, segundo Tort, embora Charles Darwin estivesse distante do darwinismo social, suas idéias foram distorcidas com o objetivo de satisfazer aos interesses conservadores.

Desta extraordinária confusão que ocultou a interpretação exata de Darwin durante tanto tempo, e da qual tantos comentários fundados sobre boatos e tantos prefácios absurdos a uma obra não lida são testemunhas, a responsabilidade cabe (...) ao evolucionismo filosófico de Spencer, sistema de pensamento que serve como quadro de referência ideológica integrado ao ultraliberalismo radical do industrialismo vitoriano (...) no contexto saturado de lutas ideológicas que é o da Inglaterra dos anos 1860.<sup>24</sup>

## Direita e esquerda

Pode-se dizer que, no contexto atual, as palavras direita e esquerda (noções extremamente úteis quando se quer realizar um estudo sobre o conservadorismo) estão recebendo uma gama de críticas e ataques. Geralmente, defende-se a tese que esses dois termos já não mais definem, ou explicam satisfatoriamente, os posicionamentos dos homens frente à vida, notadamente quando nos referimos às questões políticas. Para enfrentar essa constatação, aparentemente equilibrada, advinda da observação dos debates mais atuais sobre nosso mundo contemporâneo, o filósofo italiano Norberto Bobbio escreve o relevante ensaio *Direita e Esquerda*.

Inicialmente, Bobbio busca levantar os principais argumentos que comumente são utilizados para explicar a não mais validação daquilo que chama “díade direita e esquerda”. Assim, gasta boa parte do livro enumerando-os e refutando-os. Nesse sentido, assim apresenta uma das facetas do pensamento de Nietzsche:

parte do pressuposto que todos os homens são por natureza desiguais (e para ele é um bem que o sejam, pois, entre outras coisas, uma sociedade como a grega, precisamente em razão de estar fundada sobre a escravidão e ter seus escravos era uma sociedade evoluída) e apenas a sociedade, com sua moral gregária, com sua religião da compaixão e da resignação, pode fazer que se tornem iguais. A mesma corrupção que, para

---

<sup>24</sup> TORT, Patrick. Darwin lido e aprovado. *Crítica Marxista*, n.11, p.110.

Rousseau, gerou a desigualdade, gerou para Nietzsche a igualdade.<sup>25</sup>

Os ideais dos dois pensadores acima citados estão colocados exatamente na passagem do antigo regime para a modernidade iluminista, o que levaria a conclusão de que enquanto um acredita na igualdade como algo positivo, o outro vai fazê-lo de modo negativo. É assim que Bobbio nos mostra a edificação do pensamento conservador. Ao mesmo tempo, ressalta que no nascedouro desse conceito, existe uma direita ligada ao conservadorismo, pois defende ser a desigualdade natural entre os homens. Por conseguinte, observa-se uma esquerda ligada a transformação da sociedade, uma vez que, nesse momento histórico, postula a igualdade social entre as pessoas. Ao lermos o ensaio, *Direita e Esquerda*, poderemos notar que Bobbio está muito mais preocupado com uma temática atual sobre a validação das diferenças entre direita e esquerda. Encontramos, porém, no transcurso da leitura, os elementos que reconstituem à própria caracterização do pensamento conservador, e novamente esbarramos na questão das diferenças como foco fundamental deste pensamento social. Na verdade, Bobbio acredita que a distinção entre direita e esquerda está, inicialmente, na ênfase em que se dá a quem são os iguais e quem são os diferentes. Para o filósofo italiano, não se constitui paradoxo determinados autores serem usados tanto à direita quanto à esquerda. Na verdade, os autores revolucionários e contra-revolucionários são extremistas contrapostos aos moderados, integrantes de uma díade que não obedece aos princípios de direita e esquerda. Nesse sentido, os extremistas possuem em comum o legado antidemocrático, defendendo Bobbio o princípio dos opostos que se tocam. Na verdade direita e esquerda, apesar de uma aparente troca de posições e relativas contradições, continuam mantendo alguns pontos básicos:

Se com a dessacralização do marxismo-leninismo terminou para sempre a leitura maniqueísta da oposição direita esquerda, esta não resulta inteiramente destituída de sentido: “a libertação do homem do poder injusto e opressivo (...) permanece, pensando bem, o núcleo duro da esquerda como categoria do político capaz de resistir a todo processo desmitificação”. De outra parte, também a direita “representa uma modalidade do humano”, na medida em que exprime o “enraizamento no solo da natureza e da história”, a “defesa do passado, da tradição, da herança”<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> BOBBIO, Norberto. (1995). *Direita e Esquerda*. São Paulo: Editora da Unesp, p.106.

<sup>26</sup> Idem, p.79.

Concretamente, para Norberto Bobbio a dupla direita e esquerda é uma vocação que permanece constante para além dos sistemas de governo adotados, sendo o “homem” de direita aquele que procura salvaguardar a tradição e o “homem” de esquerda aquele que irá priorizar a libertação dos seus semelhantes da cadeia a eles imposta pelos privilégios de raça, casta, classe, etc. Nesse sentido, posso acrescentar que não é demais lembrar novamente do trabalho de A. J. Mayer, sobre a persistência do antigo regime. Portanto, temos a contradição e o embate entre tradição e emancipação, sendo o pensamento conservador marcado pelo primeiro.

Tal como Karl Mannheinn, Norberto Bobbio estabelece a Revolução Francesa como marco constitutivo na formação de seis grandes correntes ideológicas, a partir dos acontecimentos de 1789:

Das seis grandes ideologias nascidas a partir da Revolução Francesa, três são clássicas: o conservadorismo, o liberalismo, o socialismo científico; e três são românticas: o anarco-libertarismo, o fascismo (e o radicalismo de direita) e o tradicionalismo.<sup>27</sup>

Para Norberto Bobbio, ocorre uma nuvem de fumaça que confunde as mentes e corações humanos na hora de se distinguir direita e esquerda, já que sua construção não coincide com a distinção entre clássicos e românticos. Trabalhando no aprofundamento dos conceitos de igualdade e desigualdade, tão pertinentes ao estudo do pensamento conservador, Bobbio mostra que no ideário “popular” as igualdades e desigualdades se tornam irrefutáveis, pois são confirmadas por provas empíricas claramente observáveis, fazendo com que muitos acreditem nas diferenças como algo natural. Uma maneira de ilustrar tal passagem traz novamente o contraponto entre o pensamento de Nietzsche e Rousseau. Enquanto para Nietzsche os homens nascem diferentes e a sociedade os tenta fazer iguais, para Rousseau os homens nascem iguais e a sociedade os diferencia, corrompendo-os, daí o mito do “bom selvagem”. Portanto, para o pensador alemão, a desigualdade é natural e a igualdade algo perverso, criado pela sociedade. Já para o intelectual francês a igualdade é natural, sendo a sociedade corrupta responsável por diferenciar os homens.

A antítese não poderia ser mais radical: em nome da igualdade natural, o igualitário condena a desigualdade social; em nome da desigualdade natural, o inigualitário condena a igualdade social.<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> Idem, p.83.

<sup>28</sup> Idem, p.107.

Finalmente, ao lado da díade igualdade-desigualdade existe, segundo Bobbio, outra não menos importante: o par, liberdade-autoridade. Combinado-as, elimina-se a cortina de fumaça que envolve a questão da direita e da esquerda:

Estes são dois critérios fundamentais que, combinados, servem para estabelecer um quadro que preserva a contestada distinção entre direita e esquerda, e ao mesmo tempo responde à bem mais difícil objeção de que são considerados de direita e esquerda doutrinas e movimentos não homogêneos (...) que explica, ainda, por que tais movimentos, embora não sendo homogêneos, podem estar, em situações excepcionais de crise, potencialmente aliados.<sup>29</sup>

## O contraponto de Anthony Giddens

Já o sociólogo Anthony Giddens, em seu *Para Além da Direita e Esquerda*<sup>30</sup>, propõe uma discussão oposta à de Bobbio, pois seu trabalho guarda a intenção de provar a não mais eficácia dos conceitos direita e esquerda, justamente para poder delinear uma chamada “terceira via”. Segundo Giddens, historicamente a esquerda se identificou com a transformação da ordem, enquanto a direita preocupou-se com a tradição, ou seja, com a manutenção da ordem. Ora, atualmente estaríamos assistindo aqueles que se posicionam como esquerda defenderem o que sobrou do *Welfare State*, enquanto a direita busca destruí-lo. Assim, segundo Giddens, não há mais sentido nas definições direita e esquerda, cabendo aos homens desenvolverem uma nova maneira de se encarar o mundo, que englobe aspectos das duas posições iniciais. O sociólogo britânico a chama de um conservadorismo radical (transformador) ou um radicalismo conservador. Assim, o trabalho de Giddens torna-se relevante, uma vez que o autor inglês realiza um bom apanhado sobre o pensamento conservador, principalmente no que se refere às diversas colorações que este acaba assumindo no correr do tempo.

Segundo Giddens há um **velho conservadorismo**, aquele que luta contra as abstrações (como o contrato social, a soberania popular e o cidadão, por exemplo), cuja origem remonta à defesa do antigo regime no contexto da Revolução Francesa. Esse velho conservadorismo tentou desafiar o êxito histórico do iluminismo e do liberalismo. Quais os seus principais

---

<sup>29</sup> Idem, p.118.

<sup>30</sup> GIDDENS, Anthony (1996). *Para além da Esquerda e da Direita: o futuro da política radical*. São Paulo: Editora da Unesp. Ver, principalmente, o capítulo I – Conservadorismo: o radicalismo adotado.

representantes? Louis de Bonald, Joseph de Maistre. O que defendiam? Hierarquia, aristocratização, primazia da coletividade ou do Estado sobre o indivíduo e o sagrado. Onde estaria esse pensamento nos dias de hoje? Morto, afirma Giddens, já que foi substituído por um **conservadorismo filosófico**. O sociólogo inglês aponta novos pensadores, como Oakeshott e Scrutton, que fundam seus trabalhos calcados nas noções de autoridade, lealdade e tradição, e neles encontra uma bipartição conservadora contemporânea: o **neoconservadorismo** e a **nova direita**, ou **neoliberalismo**.

Os neoconservadores aceitam a influência do capitalismo e da sociedade liberal, mas vêem a herança burguesa como destruidora dos símbolos e práticas tradicionais, os verdadeiros sustentáculos da existência humana. Segundo seus defensores a modernidade tende a dissolver a moral (construída através da história), sendo a função do Estado, ou da ação coletiva, agir no sentido da preservação da família e da igreja, fontes de significado ante um capitalismo homogenizador. Já a Nova Direita é considerada por Giddens como a força radical (transformadora) da política conservadora. Nesta vertente, o capitalismo é valorizado em si mesmo, pois o foco não está na tradição, mas no mercado. Estando este elemento em pleno funcionamento, principalmente através da propriedade e da hierarquia, a liberdade individual se encarregará de propiciar a democracia.

A Nova Direita (ou Neoliberalismo) acredita que os sistemas de proteção social e as instituições previdenciárias acostumaram as pessoas a esperar do Estado o seu sustento, o que, em gerações anteriores, era suprido pelas relações familiares. Assim, o *Welfare State* acaba por gerar a desintegração da família, uma vez que ele estimulou o aumento do número de núcleos familiares com um só provedor em oposição à família tradicional. Dessa maneira, assiste-se a crise da instituição chamada família, agora com mulheres à testa e homens sem autoridade. Estes tenderiam a vadiar e a ficarem sujeitos aos músculos e ao falo. Podemos dizer que Giddens acredita que a Nova Direita é a verdadeira herdeira dos dois séculos de pensamento conservador, pois de uma maneira ou de outra, ela é um elemento atualizador do conservadorismo. Nesse sentido, o neoliberalismo se sente triunfante, pois acredita que derrotou o keynesianismo e o comunismo. Na Inglaterra, essa corrente de pensamento ficou conhecida por *thatcherismo*, regime que combinou ataques as “práticas arraigadas” (não é utilizada a palavra tradição) e que via as funções do Estado unicamente ligadas a manutenção da lei, da ordem, da defesa da nação e da propagação dos ideais nacionais.

É dessa maneira que Giddens pode criticar o pensamento conservador, uma vez que, segundo ele, existe uma defesa da *tradição*, mas de maneira ainda tradicional (tradição tradicional), o que gera aquilo que chama fundamentalismo. Dentro desse contexto, ele defende uma alternativa a tudo isso, classificada de conservadorismo radical ou radicalismo conservador.

## Bobbio versus Giddens

Acredito que o diálogo entre esses dois autores não possa ser ignorado. Dessa maneira, vejamos o seguinte trecho de *Direita e Esquerda*, de Norberto Bobbio:

Se na crise de dissolução do Partido Comunista Italiano (...) com base no critério segundo o qual a conservação é de direita e a mudança, de esquerda, mas ao mesmo tempo poderia ser de “esquerda” no que diz respeito a um desempenho mais determinado na luta anticapitalista que caracterizou o movimento operário, por um século o grande protagonista da esquerda histórica; e vice-versa, a parte mais inovadora poderia pretender o nome de esquerda por ser mais favorável à renovação, mas apresentava um programa que, com base nos critérios tradicionais, deveria ser considerado mais de direita.<sup>31</sup>

Constatamos que Bobbio apresenta com ampla tranquilidade o que para Giddens é uma contradição insuperável. Ao contrário, Bobbio é quem demonstra que os conceitos de direita e esquerda estão “além” do par conservar/ transformar ou transformar/conservar. Na verdade, o filósofo italiano sublinha que o pensamento social possui um viés claramente dialético (guerra e paz, céu e inferno, preto e branco) e, no que tange ao posicionamento sobre o lugar dos homens na sociedade há, como já disse, dois pares fundamentais: igualdade/desigualdade, liberdade/autoridade. Dessa forma, mesmo a chamada “terceira via” estaria incorrendo na reorganização da clássica díade:

No debate político, o Terceiro Inclusivo apresenta-se normalmente como uma tentativa de Terceira Via, isto é, de uma posição que, diferentemente da do centro, não está no meio da direita e da esquerda, mas pretende ir além de uma e de outra. Em termos práticos, uma política de Terceira Via é uma política de centro, mas idealmente ela se apresenta não como uma forma de compromisso entre dois extremos, mas como uma superação simultânea de um e de outro, e portanto como uma simultânea aceitação e supressão deles (...) o Terceiro

<sup>31</sup> Bobbio, Norberto. (1995). *Direita e Esquerda*. São Paulo: Editora Unesp, p.64.

Inclusivo, sobretudo como doutrina em busca de uma práxis que, no momento que é posta em operação, se realiza como posição centrista (...) nestes últimos anos passou a fazer sucesso na esquerda em crise o ideal do socialismo liberal ou do liberal-socialismo, que é uma típica expressão de um pensamento terceiro-inclusivo.<sup>32</sup>

## A preeminência da mão direita

Finalmente, a propósito de toda essa discussão sobre direita e esquerda, ou se pensássemos naquilo que Bobbio apresentou como uma característica extremamente interessante do pensamento social que é essa recorrência a díades, tais como igualdade/desigualdade, manutenção da ordem/transformação da mesma, gostaria de lembrar um pequeno e esquecido texto de um autor francês, da escola durkheimiana, chamado Robert Hertz, intitulado: *“A preeminência da mão direita: Um estudo sobre a polaridade religiosa”*. Hertz nos apresenta um estudo que tem por fim estabelecer, dentro de um contexto da sociologia da religião, uma distinção entre o sagrado e o profano, sendo o corpo o local dessa distinção. Hertz demonstra que a simples oposição entre o uso da mão direita ou esquerda nos revela traços culturais representativos das próprias divisões sociais:

Como pode o homem, o microcosmo, escapar da lei da polaridade que governa tudo? A sociedade e todo o universo têm um lado que é sagrado, nobre e precioso e o outro que é profano e comum: um lado masculino, forte e ativo, e outro feminino, fraco e passivo; ou em duas palavras, um lado direito e um lado esquerdo-e apesar disso, só o organismo humano deveria ser simétrico? Um momento de reflexão nos mostra que isso é uma impossibilidade (...) Se a assimetria orgânica não existisse, ela teria que ser inventada.<sup>33</sup>

Aliás, o próprio Norberto Bobbio atenta para a relevância simbólica da distinção entre direita e esquerda:

O que comporta uma notável consequência no uso de “direita” e “esquerda” na linguagem política e em outras linguagens, nas quais, a começar da linguagem religiosa, “direita” tem sempre uma conotação positiva e “esquerda”, sempre uma conotação negativa.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> Idem, p. 38-39.

<sup>33</sup> HERTZ, Robert. (1980). “A Preeminência da Mão Direita: Um Estudo sobre a Polaridade Religiosa”. *Religião e Sociedade*, (6): 108-109.

<sup>34</sup> BOBBIO, Norberto. (1995). *Direita e Esquerda*. São Paulo: Editora Unesp, p.70.

## Considerações Finais

A tentativa de se realizar um balanço sobre um determinado assunto é um procedimento indispensável quando se pretende marcar algumas idéias centrais sobre qualquer tema. Esse foi o propósito principal desse capítulo. Porém, sei que também muito do que foi apresentado pode ser alvo de críticas, muitas vezes por uma má interpretação de minha parte sobre esse ou aquele tópico de um determinado autor. Ou, talvez, não daquilo que falei, mas do que não falei. Fica, em resposta a essas possíveis observações, que tentei apenas sublinhar alguns pontos que considere mais relevantes para o propósito desse trabalho. Gostaria, assim, poder tentar apontar alguns traços que me parecem mais relevantes do pensamento conservador, pois, de uma maneira ou de outra, estão presentes no corpo da pesquisa dos diferentes autores por mim aqui apresentados.

Inicialmente, podemos dizer que o pensamento conservador se apega naquilo que é **real e concreto**. Trata-se de um estilo de pensamento que se caracteriza por “*abjurar rigidamente tudo aquilo que possa cheirar à especulação ou hipótese*”<sup>35</sup>

Assim, percebemos que existe no pensamento conservador uma **obsessão identitária**. Dela decorre o temor ao “outro”, o sentimento de que esse “outro” (que pode estar em oposição a um “nós”) é o causador da **degradação, do rompimento das tradições, do caos, do estraçalhamento** da sociedade, como está bem demonstrado em Mannheim. Nesse sentido, abomina-se a chamada soberania popular, como bem acentuou Roberto Romano, uma vez que, devido ao mérito, alguns possuem mais direitos que outros. Nas conclusivas palavras de Mannheim, os conservadores defendem que “*os homens são essencialmente desiguais (...) desiguais em seus dotes naturais e habilidades e desiguais até o mais profundo cerne de seus seres*”<sup>36</sup>

O **darwinismo social** é um elemento importante quando se justifica a posse de poucos e a não posse de muitos, pois há aqueles que são mais aptos dentro do meio social. Assim, fundamentalmente, o conservadorismo é **antidemocrático e inigualitário**. Sobre isso foram fundamentais as palavras de Norberto Bobbio. Já Anthony Giddens demonstra como

---

<sup>35</sup> MANNHEIM, Karl. (1986). O Pensamento Conservador. In: José de Souza Martins, Introdução Crítica à Sociologia Rural, São Paulo: Hucitec, p.112.

<sup>36</sup> Idem, p.116.

ao longo da história esse pensamento vai se transformando. Se um velho conservadorismo morreu, ele é agora reconfigurado através do neoconservadorismo e da nova direita.

Dessa maneira, procurei fazer, até aqui, um pequeno e modesto apanhado sobre essa enigmática invenção moderna chamada conservadorismo. Gostaria de salientar, nessa altura do texto, que procurei obedecer ao caminho já proposto por Karl Mannheim e tentei identificar um fio condutor que ata os diferentes conservadores. Ao mesmo tempo, incorporei as contribuições dos filósofos Norberto Bobbio e Roberto Romano, além das do sociólogo Anthony Giddens, pensadores que considero fundamentais para a análise do pensamento conservador. Passo, a seguir, a analisar algumas manifestações deste pensamento na sociedade brasileira, foco principal de nossas preocupações.

## Capítulo dois

### Um recorte sobre o conservadorismo no Brasil

*Crescem flores de concreto*

*Céu aberto ninguém vê...*

*No Norte é veraneio,*

*No Rio é banho de mar,*

*Todo mundo está de férias,*

*E aqui é só trabalhar,*

*Porém, como todo defeito,*

*Te carrego no meu peito*

*São, São Paulo meu Amor!*

*São, São Paulo, Quanta dor!...*

(Tom Zé)

### Introdução: O legado da conciliação

Um pioneiro no recorte sobre a sociedade brasileira e que sugeriu a existência do conceito conciliação foi Sérgio Buarque de Holanda. Em *Raízes do Brasil*<sup>7</sup>, o autor já apontava nessa direção, principalmente quando descreve o tipo ideal chamado “*homem cordial*”, fruto de nossa história, herdeiro de uma estrutura política, econômica e social completamente instável, de famílias patriarcais e escravagistas. Em seu ensaio seminal, a cordialidade não está definida como sinônimo de civilidade, polidez, mas sim na impossibilidade que o brasileiro tem de se desvincular dos laços familiares quando o assunto é o mundo da esfera pública. Talvez, o corolário desse traço brasileiro esteja contemplado no capítulo *Nossa Revolução*, quando Sérgio Buarque mostra que não há uma grande ruptura, um claro momento verdadeiramente revolucionário em nossa história, pois a revolução brasileira seria um processo demorado, que vem durando já três séculos. A partir do último quartel do século XIX as cidades vão, aos

poucos, ganhando autonomia com relação ao campo, o que vem transformando os nossos laços tradicionais. Aliás, a nossa revolução seria um processo vertical na ótica de Holanda, o que o torna um autor singular para 1936, ano da publicação do livro, pois estávamos às portas do golpe do Estado Novo. “Uma revolução lenta, mas segura e concentrada, a única que, rigorosamente, temos experimentado em toda nossa vida nacional (...) A grande revolução brasileira não é um fato que se registrasse em um instante preciso; é antes um processo demorado e que vem durando pelo menos três quartos de século”<sup>38</sup>

Em seu *A Consciência Conservadora no Brasil*<sup>39</sup>, Paulo Mercadante faz um apanhado de nossa história, desde a formação de Portugal e as grandes navegações, até o século XIX, ligando a formação do Brasil, principalmente no que tange a elite rural, ao conceito de conciliação. Assim, se em um sentido mais amplo, esse desejo ao acordo, dentro de um senso de continuidade temporal, tenta, a todo custo, expurgar o mundo de transformações revolucionárias súbitas, desejando preservar a integridade de um certo legado da civilização, colocado em risco pelas lutas e transformações ideológicas de cada momento histórico, observamos que no Brasil, defende Mercadante, esse traço assume características muito peculiares, caminhando para aquilo que chama de estratégia da conciliação. No afã de evitar grandes rupturas, harmonizam-se elementos que, à primeira vista, são praticamente inconciliáveis. Nesse sentido, a união desse arcabouço mental engendrado desde a “montagem da colonização” ao conservadorismo moderno, nos lega um arranjo societário extremamente peculiar. Um exemplo é a clássica mistura acontecida no século XIX de um liberalismo, embora de fachada, com escravismo. Assim, pode-se dizer que Mercadante considera que entre nossas camadas dirigentes há um ecletismo que acaba por criar um espírito de um permanente acordo, inibidor das grandes transformações. Bastaria olhar para nosso processo de independência política de 1822, a abdicação de D. Pedro I, o período regencial e, assim, sucessivamente. Portanto, existe um clima propício para aquilo que se conhece por “desenvolvimento gradual”, através do qual nossas elites podem empreender grandes acordos, não obstante a diversidade e competição entre elas.

Outro autor que trabalha com a idéia de conciliação é José Honório Rodrigues. Em *Conciliação e Reforma no Brasil, um desafio histórico-cultural*, Rodrigues localiza a conciliação como

---

<sup>37</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de (2003). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

<sup>38</sup> Idem, p.171.

<sup>39</sup> MERCADANTE, Paulo (1965). *A consciência conservadora no Brasil*. Rio de Janeiro: Saga.

um traço originário já do início da colonização. Do contato entre o português e o índio surgem, através da figura do povoador, três matrizes ideais para o brasileiro: o **espanhol**, encontrado entre os potiguares, **João Ramalho**, de gênio indomável e **Diogo Álvares**, o caramuru:

o primeiro tipo, uma anormalidade, não poderia continuar; o segundo poderia generalizar-se, é dominante na época das violências e guerras, mas não poderia durar...Mas é o terceiro, o conciliador e transigente, luso-baiano, que sobreviverá, e da sua sobrevivência resultam conseqüências permanentes na psicologia do povo e da liderança brasileiras<sup>40</sup>

A chegada do negro só fortaleceu essa divisão, afirma Rodrigues, predominando uma bipartição entre o tipo “indomável”, responsável por momentos chamados “cruentos”, e o “conciliador”, ligado aos “momentos criadores”. Aos poucos, os tipos “Diogo Álvares” foram prevalecendo. O Segundo Reinado é a época em que esse processo se cristaliza, vide “o gabinete da conciliação” (1853-68), cujo objetivo era calar os liberais e evitar que estes se juntassem ao povo, com o objetivo de transformar radicalmente o Brasil. *“História cruenta e incruenta se alternam no processo histórico brasileiro, embora seja correto e justo afirmar que os exemplos de conciliação predominem”*.<sup>41</sup>

É bom reiterar que essa conciliação é feita entre os grupos da elite, sem a participação popular. É nesse sentido que o Brasil assiste uma história de reformas incompletas, uma vez que não aconteceu, em nossas terras, uma verdadeira revolução.

O processo histórico deixara, com a conciliação, de ser cruento, pois ele visava, pela acomodação a salvar o essencial. As minorias dominantes no Brasil, para evitar as convulsões sangrentas, sempre prometeram reformas, especialmente nas crises, e quando o povo de continha e elas se tornavam senhoras da situação, descumpriam as promessas<sup>42</sup>

Para melhor avaliar a permanência da conciliação em nosso país tentemos matizar o pensamento conservador, dividindo-o em dois blocos: o **conservadorismo popular** e a **nova direita**. Em seguida, proponho uma análise sobre uma matriz desse “estilo de pensamento” na sociedade brasileira através da leitura de *Populações Meridionais do Brasil*, de Oliveira Vianna.

---

<sup>40</sup> RODRIGUES, José Honório. (1965). Conciliação e Reforma no Brasil, um desafio histórico-cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.25.

<sup>41</sup> Idem, p.59.

<sup>42</sup> Idem, p.66.

## Metrópoles do conservadorismo popular

Nos desloquemos para o contexto social brasileiro de fins do século XX e início do XXI, para verificar a atualidade do conservadorismo em nossas terras. É dentro desse cenário que o trabalho do pesquisador da Universidade de São Paulo, Antônio Flávio Pierucci, ganha a maior relevância para a presente dissertação. Podemos dizer que Pierucci retrata, através de suas pesquisas, o voto conservador na cidade de São Paulo. Na verdade, em 1985, com o chamado processo de “redemocratização” do Brasil e o movimento das “diretas já”, Pierucci ficou interessado em desvendar e entender como uma figura tal qual Jânio Quadros, baluarte do conservadorismo, acabou vencendo as eleições municipais paulistanas, quando todos os institutos de pesquisa apontavam a vitória de Fernando Henrique Cardoso, naquela época identificado com setores mais progressistas da sociedade e integrante do PMDB, partido que teve participação efetiva no processo de democratização. A pesquisa de Pierucci não é sobre a história do conservadorismo brasileiro, resume-se a uma original interpretação do comportamento eleitoral da maior metrópole brasileira e alguns dos seus componentes conservadores.

Mas quais seriam as razões que tornam essas pesquisas da maior importância para qualquer estudo sobre o pensamento conservador no Brasil contemporâneo? O próprio Pierucci nos mostra, em seu *Ciladas da Diferença*, como é surpreendente a recorrência entre o conservador paulistano de 1985 e o conservador inglês de 1940. Como isso pode ser possível? Os traços conservadores apontados no capítulo anterior ainda estariam em ação?

Se levarmos em consideração que essa dissertação tenta demonstrar a hipótese de que o conservadorismo cria raízes profundas nas estruturas sociais pós-iluministas e torna-se, paulatinamente, um traço importante presente nas mais diversas sociedades, a constatação de que Pierucci caminha na mesma direção torna-se uma evidência bastante significativa. Posso dizer que este sociólogo está esbarrando nos cristais, nas pilastras, nas vigas do conservadorismo que, por incrível que pareça, estão lá prontas para serem observadas, embora embebidas com as feições de suas próprias conjunturas, quer se estude o inglês da primeira metade do século vinte, quer observemos os paulistanos do final do mesmo século.

Pierucci encontra e descreve traços bastante claros e, muitas vezes, espontâneos, de certa parcela da população paulistana que duvida da igualdade entre as pessoas, uma vez que os seres humanos são, para estes conservadores, naturalmente desiguais. Acreditam que alguns possuem mais direitos do que outros, pois estes merecem mais do que aqueles. A culpa do sentimento de degradação atual não seria, evidentemente, do outro? Do migrante? Do nordestino? Direitos humanos não são muita democracia para um “bando de acomodados” que não gostam de trabalhar como os paulistas? Esses traços estão muito presentes nas entrevistas de Pierucci e, também, estão claramente grifados no primeiro capítulo dessa dissertação. Acredito, firmemente, que isso não é uma mera coincidência. Ou seja, uma parcela considerável da população está envolvida, consciente ou inconscientemente, até o último fio de cabelo com o pensamento conservador. Basta ir ao seu encontro.<sup>43</sup>

E para reafirmar esse argumento posso aqui retomar o estudo de Elisa P. Reis acerca das *Percepções da Elite sobre a Pobreza e a Desigualdade*. Nesse artigo, a pesquisadora não só levanta os paradigmas da nossa elite nacional com relação ao referido tema, como os compara a outros países, notadamente a África do Sul, concluindo um eixo comum para o pensamento de elites de localidades tão distantes como as já apontadas. É outra coincidência? Continuo pensando de forma negativa.

As informações disponíveis sobre as elites da África do Sul e de Bangladesh nos permitem observar com maior clareza algumas das características das elites brasileiras. (...) Ambas as elites nacionais tendem a ver a pobreza, e mesmo a desigualdade, basicamente como corolários de insuficiente crescimento econômico.<sup>44</sup>

Vejam que Reis nos aponta, justamente, esse “eixo comum” que acabei de citar. Nesse sentido, temos um importante indicativo, como afirmei anteriormente, que nos afasta da idéia da coincidência.

Seguindo essa lógica até aqui desenvolvida, a cidade de São Paulo torna-se uma matriz de alcance ideal para podermos identificar o conservadorismo brasileiro do final do século vinte, tal qual o trabalho de Walter Benjamin intitulado *Paris Capital do Século XIX*. Segundo o

---

<sup>43</sup> Sobre o perfil conservador da sociedade brasileira ver: Nishimura, Kátia Mika. (2004). Conservadorismo Social: Opiniões e atitudes no contexto das eleições de 2002. *Opinião Pública* (10) 2: 339-367.

<sup>44</sup> REIS, Elisa P. (1999). Percepções da Elite Sobre Pobreza e Desigualdade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, (42): 143-152.

frankfurtiano o mundo não era tal qual Paris. Porém Paris, e seus atributos, representaria exemplarmente o mundo chamado moderno.<sup>45</sup>

Era como se ela me garantisse que eu sabia que estava diante de um objeto de pesquisa ideologicamente recortado, vale dizer, diante de sujeitos politicamente definidos. Eu apenas estava tentando os identificar sociologicamente...Em alguns setores esta divisão é muito clara: são setores passíveis de serem recortados sociologicamente, empiricamente. E descobri, como estratégia de pesquisa facilmente replicável, que partindo do voto é possível até mesmo reconstituir os estilos de vida ou, quando menos, estilos de pensamento. Refazendo o trajeto a partir do voto dado, indo em seguida buscar o ativismo eleitoral e aí, no ativismo, ficar atento as suas razões e à sua retórica, as motivações ideológicas que, no caso, fincam fundo em valores antidemocráticos e em interesses de conservação social, mas que ao mesmo tempo podem ser encontradas à flor da pele (é só perguntar!) e então, só então, ver-me levado a uma sinuosa e paciente **reconstituição de uma mentalidade urbana específica.**<sup>46</sup> (grifo meu)

Quais são as características encontradas por Pierucci que classificariam o pensamento conservador na cidade de São Paulo e que, guardadas as devidas proporções e singularidades regionais, (re) constroem os pontos chave desse “estilo de pensamento”?

Conservadores costumam ter as seguintes convicções:

As pessoas não brancas são inferiores; a miscigenação deve ser desencorajada; as mulheres não são iguais aos homens em inteligência; nem todos os seres humanos nascem com as mesmas potencialidades; não há razão para instituir a igualdade salarial; só as pessoas com um determinado nível de inteligência e educação deveriam poder votar; pessoas com graves problemas hereditários deveriam ser compulsoriamente esterilizadas; as leis atualmente existentes não favorecem os ricos; a propriedade privada não pode ser abolida; a estatização leva a ineficiência; a guerra é inerente a natureza humana; o tratamento que estamos dando aos criminosos não é rigoroso bastante; a pena de morte não é uma coisa de bárbaros; os crimes violentos deveriam ser punidos com açoite; os japoneses são um povo cruel por natureza; os judeus não são respeitáveis, tão honestos e tão bons quanto os outros grupos; não é uma conduta antiquada observar o preceito dominical; as leis contra o aborto não devem ser abolidas; as leis do divórcio não deveriam ser alteradas no sentido de torná-lo mais fácil; uniões conjugais consensuais não são desejáveis; não se deve proibir os experimentos científicos com animais vivos; a liberdade irrestrita de discussão não é desejável; deveria haver menos polêmicas e discussões políticas no rádio e na TV; os objetores de consciência são traidores;

<sup>45</sup> Benjamin, Walter. (1997). Paris, capitale du XIXe. Siecle: le livre des passages. Paris: Cerf.

<sup>46</sup> PIERUCCI, Antonio Flávio. (1999). Ciladas da Diferença, São Paulo: Editora 34, p.101-102.

somente com o retorno à religião pode a civilização ter esperança de sobreviver; a educação religiosa deveria ser obrigatória; a educação sexual não deve ser dada a todos, meninos e meninas; não é errado que aos homens seja permitida maior liberdade sexual que às mulheres; nossas dificuldades presentes se devem antes a causas morais que econômicas; a “vara de marmelo” é um bom princípio educativo<sup>47</sup>

Desse elenco de preconceitos, o traço que mais se destaca está fundado nas questões sobre a conduta e a moral. Porém, o que se pode abstrair, e, aliás, o que mais irrita o conservador é a abstração, remonta a identificação causal para todas essas “pérolas” no caminho de uma constatação empiricamente óbvia na mente desses conservadores: Os seres humanos não são iguais, ou seja, são naturalmente desiguais e isso para eles é um fato incontestável, já que “branco é branco, vermelho é vermelho e negro é negro”. Assim, a próxima assertiva deveria ser, dentro desse contexto, “as pessoas, naturalmente, devem ser encaradas e tratadas de forma desigual, de acordo com o seu merecimento, nascimento, berço, cor de pele e demais inscrições corporais”, ou como descreve Elisa Reis com extrema acuidade:

Parece bastante claro que a capacidade de empatia decresce significativamente à medida que nos diferenciamos socialmente do outro. Isso explica, embora não justifique moralmente, por que as tragédias e vicissitudes que abalam a classe média repercutem muito mais na mídia que aquelas que vitimam as classes baixas.<sup>48</sup>

## O conservadorismo popular

Em seu trabalho *As Bases sociais da Direita: Seus Medos, seu Dedo*<sup>49</sup>, Pierucci descreve algumas características encontradas por ele no seio desses engajados à direita, que chama de **conservadorismo popular**. Podemos recuperar algumas: o **medo** da ameaça do outro, o **desconfiança** com relação a chamada “esquerda da igreja católica”, ligada ao movimento da teologia da libertação, o discurso das **diferenças naturais** e evidentes e o sentimento da **insegurança**. Segundo Pierucci, os conservadores possuem a percepção que seu mundo está

---

<sup>47</sup>Idem, p.14-15.

<sup>48</sup> REIS, Elisa P. (1999). Percepções da Elite Sobre Pobreza e Desigualdade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, (42): 143-152.

<sup>49</sup> PIERUCCI, Antonio Flávio. (1999). *Ciladas da Diferença*. São Paulo: Editora 34, pp.58-86.

em decadência, “aqui já foi um bom lugar para se morar”. E de quem é a culpa de tudo ter piorado? Do outro, do diferente, do desconhecido. É dessa forma que estamos diante de pessoas que estão extremamente dispostas a se arremetarem em causas antiigualitárias, optando por soluções autoritárias de direita, muitas vezes, em nome da “legítima defesa”, uma vez que sentem medo, um profundo terror não só do outro, mas das mudanças que este pode representar.

Não é de se estranhar que o candidato à presidência da república, em 2002, pela frente trabalhista, Ciro Gomes, ao tentar, desesperadamente, conseguir votos nesse seguimento social, tenha dito, orientado por seus publicitários, que ele era a mudança segura, já que Lula representaria um partido de discurso radical que provocaria a “desordem” e “invasões de terra”, quando chegasse ao governo. “Eu mesmo já vivi isso quando sucedi o PT na prefeitura de Fortaleza”, declarou ao seu programa eleitoral, no rádio.

Ainda no plano eleitoral, podemos observar o relativo sucesso do discurso de Enéias Carneiro, notadamente nas eleições presidenciais de 1989 e 1994. Qual o seu partido? O Prona: Partido da Reedificação da **ORDEM** Nacional. Seria “ordem” uma palavra aleatória num contexto conservador? Lembremos que esta questão é um ponto central dentro do pensamento conservador: *transformação da ordem, desordem, desagregação, degradação*, etc. Para bem destacar tal situação tomemos como exemplo a própria candidata do referido partido a uma vaga na câmara estadual paulista. Esta declarou, tacitamente, no horário eleitoral de seu partido, em 2002: “*Senhor eleitor: No dia da eleição, quando vossa senhoria estiver se dirigindo à sessão eleitoral, pense se prefere a ordem ou a desordem, caso prefira a ordem vote no Prona!*”.<sup>50</sup>

Ao mesmo tempo, por incrível que pareça, o pensamento conservador apresenta algumas *contradições* em seu discurso, pois seus representantes mostram-se favoráveis ao direito de greve, embora não participem delas, já que, inevitavelmente, “descambam em bagunça”. Demonstram, também, certa simpatia pela reforma agrária, embora não se identifiquem com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), pois este também é um agente promotor da “desordem”. É impossível aceitar que alguém conquiste um pedaço de terra sem os “verdadeiros merecimentos”, justificam.

---

<sup>50</sup> A candidata em questão era a “Dra. Havanir”.

É interessante notar esse traço, aparentemente contraditório, do conservadorismo popular se agregarmos a essa idéia o mesmo relato de Pierucci sobre serem os seus entrevistados favoráveis à seguridade social e ao estado de bem estar. Assim, o neoliberalismo, argumenta o sociólogo da USP, acaba por se assentar mais claramente nas camadas de maior renda e escolaridade, ficando as mentes e corações desses conservadores populares, em certo sentido, distantes desse discurso. Para eles o que realmente faz diferença é a ampliação dos efetivos policiais nas ruas, com equipamentos modernos, maiores salários para os policiais, em suma, tudo que represente a política da “rota na rua”, reprimindo a criminalidade, ou seja, esse “outro” que tanto os atormenta, ou melhor, amedronta.<sup>51</sup> O preso deve ser condenado a penas maiores, cumprindo-as integralmente e com trabalhos forçados. Isso, na visão do conservadorismo popular, tiraria a certeza da impunidade e faria diminuir a onda de crimes. Em resumo: “bandido bom é bandido morto” ou “se queimar o colchão, dorme no chão!”.

Tomam-se anticlericais, embora se declarem, em sua maioria, católicos, justamente pelo fato da igreja se manifestar favorável aos chamados direitos humanos. Quando se fala em direitos humanos o assunto os deixa extremamente revoltados, pois acreditam que estes representem uma inversão de valores. “A turma dos direitos humanos só valoriza os criminosos! Nunca se lembram das vítimas!”, é uma frase que já ganhou domínio público. Na seqüência desse raciocínio consideram o preso àquele que recebe mordomias na prisão, na verdade “um hotel de luxo” bancado pelo estado, com o dinheiro do contribuinte. Também criticam a igreja católica, procurando o seguimento mais tradicionalista romano, repressor de uma moral mais aberta, principalmente com relação a temas como aborto, homossexualismo e pornografia<sup>52</sup>. O padre Marcelo Rossi é o corolário desse processo<sup>53</sup>. Muitas vezes, inclusive, acabam por migrar para o ramo evangélico, alcançando esse setor *status* nunca antes desfrutado. Em resumo, deixam claro que querem mais autoridade e menos permissividade.

Fundam-se, assim, as bases sociais do preconceito. Os seres humanos são naturalmente diferentes, essas diferenças inscritas nos corpos humanos são consideradas naturais. Portanto, devem ser tratados de forma diferente, de acordo com sua posição, nascimento, grupo, escolaridade, etnia, raça e nacionalidade.

---

<sup>51</sup> Durante muitos anos “por a rota na rua” foi uma das bandeiras de Paulo Maluf, símbolo político do conservadorismo paulistano.

<sup>52</sup> Sobre o assunto ver o capítulo três dessa dissertação.

<sup>53</sup> Esse setor católico ganhou o nome genérico de “carismático”, devido a semelhança de seus cultos aos das igrejas evangélicas.

Iguais?!, Quê que há, está me estranhando? Fazer o quê? A vida é assim, azar! Tratar como nosso irmão?! Eu trabalhei quarenta anos, não posso ser irmã de vagabundo. O que é isso, está me confundindo por quê, agora? Porque negro é isso (...) Todo mundo sabe que há racismo, sempre houve e vai haver até o fim da morte, amém. Negro é negro, branco é branco, azul é azul, vermelho é vermelho. E preto é preto. Não vem que não tem. Essas demagogias é bom em época de eleição. Isso é demagogia, isso é falsidade, isso é falta de religião católica apostólica romana. (Mariauta, 58 anos, escriturária aposentada, residente na Penha).<sup>54</sup>

O caldo que se pode abstrair de toda essa história é o seguinte: existe um culpado para todos os problemas. No caso paulistano, descrito por Pierucci, é certamente o migrante nordestino a “bola da vez”, mas podendo esta posição variar, dependendo do período histórico e da região estudada. No caso paulistano, o nordestino é visto como alguém que vem para deteriorar a cidade, sujar, favelizar, depauperar os costumes, rebaixar o nível de vida geral do município. E qual a solução para esse problema? Uma nova política migratória, que leve os migrantes de volta para a sua terra.

Muitas vezes esse discurso conservador procura por dados empíricos para se justificar. Argumentam que as prisões estariam lotadas de “baianos”, já que os paulistas seriam trabalhadores.

Visto isso, se eu fosse governo federal eu ia chamar o governo de Alagoas, “seu fulano, é o seguinte: lá em São Paulo tem muito alagoano”. Chamar o sicrano, vamos supor do Ceará e: “seu Pinto, lá tem muito cearense, toma conta porque senão nós te tiramos as verbas”. Ou estou errada? Sabe, se o dono da porcada não faz, quem vai fazer? Volta pra tua terra e vai trabalhar! Você roubou? Roubou porque tinha fome? Vai trabalhar lá na tua terra, vai criar galinha, pinto e porco. Vai pra lá! Já reparou que bandido paulista é muito difícil? Paulista não tem tempo de roubar, paulista quer trabalhar. Você não vê um homem caído no chão que seja paulista, você não vê um paulista metido em confusão. É que a gente não pode falar porque senão vão pensar que a gente é subversiva. (Maria Augusta, 44 anos, dona de instituto de beleza, residente no belenzinho).<sup>55</sup>

---

<sup>54</sup> Pierucci, Antonio Flávio. (1999). Ciladas da Diferença. São Paulo: Ed. 34, p.62.

<sup>55</sup> Idem, p.64.

O conservador está inseguro, construindo um discurso da insegurança, que se torna quase onipresente. Se você não foi assaltado provavelmente o será, pois fulano de tal tem um primo que já o foi. Esse fato acaba despolitizando a questão, dando margem a esse discurso protofascista que invariavelmente descamba para o preconceito em geral, notadamente voltado não só para os nordestinos, mas para os negros e os considerados mulatos, na clássica visão preconceituosa da degeneração devido à mestiçagem.

Eu acho que quando tem a miscigenação, o mulato é que atrapalha, o mulato. Lógico que não é generalizado o que estou falando. Conheço muito mulato que deu certo na vida, mas são geralmente os mulatos que são bandidos, que não gostam de trabalhar, pois o negro em si ele é mais honesto, ele tem a vida dele mais sossegada, ele gosta mais de trabalhar. A coisa está mais na mistura de raças, porque tem todo aquele negócio de miscigenação: então, é preto que se miscigenou com nordestino/nordestina, e começaram a sair esses mulatos. Geral, é disso que aumenta a criminalidade. (Zélia, 24 anos, dentista, Alto da Mooca)<sup>56</sup>

Continuando nesse caminho, podemos encarar a falta de crescimento econômico como degradação causada por um certo grupo social. Assim, não há ideologia política, mas desinteresse pela reflexão, predominando julgamentos morais. Envereda-se pelas “evidentes e naturais diferenças entre os seres humanos”, concluindo-se pela eleição dos negros e nordestinos como fatores desencadeadores da violência urbana. Nessa altura, é interessante notar o ponto ressaltado por Pierucci, sobre a incorporação de um discurso de valorização das desigualdades pela esquerda, encampando uma bandeira historicamente direitista. Essa “transferência de temáticas”, segundo Pierucci, está “borrando” as distinções entre direita e esquerda, o que facilita o discurso conservador sobre uma não mais validade dessa dicotomia (é só lembrar do trabalho de Anthony Giddens). Aliás, sobre o tema, o cientista político Leôncio Martins Rodrigues, fez um levantamento entre os parlamentares constituintes de 1988, através de um questionário sobre como os políticos se viam no cenário ideológico. O resultado foi uma gradação de apenas 6% se considerando à direita<sup>57</sup>. Já uma pesquisa semelhante, realizada pelo jornal Folha de São Paulo no mesmo período, revelou que 12% dos

---

<sup>56</sup> Idem, p.68.

<sup>57</sup> Rodrigues, Leôncio Martins. (1987). Quem é quem na constituinte: uma análise sócio política dos partidos e deputados. São Paulo: Oesp-Maltese. Ver, especialmente, cap. IV, Tendências Políticas e Ideologia, pp.95-124.

constituintes assumiam-se à direita.<sup>58</sup> Acompanhemos as palavras de Rodrigues sobre a questão:

A julgar pela autodefinição política dos deputados, o Brasil seria um país sem direita (...) Daí pode-se extrair uma conclusão óbvia que corrobora, aliás, a percepção comum: ser (ou parecer) de esquerda radical não é bom mas pior ainda é ser (ou parecer) de direita (...) a etiqueta é menos valorizada do que a esquerda. O fato é indicativo de uma predominância ideológica da esquerda, o que não significa dizer necessariamente uma prática política de esquerda<sup>59</sup>

## Um novo horizonte, uma nova direita

A seguir, gostaria de introduzir a esse debate o artigo da pesquisadora Maria Teresa Gonzaga Alves, *Conteúdos Ideológicos da Nova Direita no Município de São Paulo* e retomar o de Elisa Reis, *As Percepções das Elites sobre a Pobreza e a Desigualdade*. Começemos por Alves. A autora propõe uma análise do voto na capital paulista, tomando por base *surveys*, sobre as eleições presidenciais de 1989 e questionários de opinião, com temas relativos aos anos de 1993 e 1995. Fica claro que o conservadorismo daquela cidade encontra nos anos de 1990 algumas formas singulares. Alves critica um estudo em que o cientista político André Singer sugere que no país como um todo a dicotomia entre igualdade e desigualdade vem paulatinamente sendo substituída pelo par ordem e contestação da ordem<sup>60</sup>. Porém, através dos mesmos *surveys*, Alves demonstra que na cidade de São Paulo a questão da igualdade e desigualdade ainda permanece majoritária.

Se Pierucci classificou em seus artigos aquilo que chamou de “conservadorismo popular” ou “senso comum conservador”, característica de pessoas que apresentam pouco sucesso financeiro e escolaridade formal baixa, Alves, ao estudar novos conteúdos para essa

---

<sup>58</sup> Segundo pesquisa publicada pela Folha de S. Paulo, na edição de 19/1/1987, a composição ideológica dos constituintes era: 12,3% de direita; 23,4% de centro-direita; 32,5 % de centro; 22,5% de centro-esquerda; e 9,3% de esquerda. O interessante é perceber que podemos classificar cerca de 70% dos parlamentares à de direita, porém a maioria deles se sente mais “confortável” acoplando a sua posição pública ao termo “centro”. Sobre o assunto comentou Norberto Bobbio em seu ensaio *Direita e Esquerda*, p.38: “não há melhor confirmação do modelo dicotômico do que a presença, em um universo pluralista, de uma esquerda que tende a considerar o centro uma direita camuflada”, “o amigo de meu inimigo é meu inimigo, ou, inversamente, o inimigo de meu inimigo é meu amigo. Onde não existem mais do que duas posições possíveis, ou amigo ou inimigo”, p.66-67.

<sup>59</sup> Rodrigues, Leôncio Martins. (1987). Quem é quem na constituinte: uma análise sócio política dos partidos e deputados. São Paulo: Oesp-Maltese, p.99-100.

<sup>60</sup> SINGER, André. Identificação Ideológica e Voto no Brasil, São Paulo, Tese de Doutorado USP, 1998, p.210.

direita paulistana, nos aponta uma bifurcação, ou seja, um novo ramo, dentro do conservadorismo daquela cidade, chamando-o de “nova direita”.

Dessa maneira, se, por um lado, permanece esse “tipo ideal” descrito por Pierucci, encontra-se um novo elemento capturado pelo ideal conservador: Trata-se de uma classe média alta, relativamente escolarizada, que se vê seduzida pelo discurso neoliberal dos anos de 1990. Aliás, o neoliberalismo<sup>61</sup> é um ramo do conservadorismo já indicado por Pierucci, embora não aprofundado em seu estudo. Daí, dessa bifurcação conservadora, emerge a figura reeditada e revigorada de seu líder: Paulo Maluf, vencedor das eleições municipais de 1992 na cidade de São Paulo, muito graças a esse duplo recado. Ele, que não agregava votos além de seu reduto tradicional, que remontava justamente o núcleo identificado por Pierucci, pôde somar forças à sua retórica, ao incorporar o sentimento antipetista, insuflado principalmente com a vitória de Luiza Erundina na eleição municipal de 1988 e a então crescente onda neoliberal do período. Sua campanha eleitoral vitoriosa, que, inclusive, inaugurou a onda dos chamados “marqueteiros” na política, foi nitidamente voltada para o caráter daquele homem que “acorda cedo e dorme tarde”, ou seja, um genuíno e sincero trabalhador (e mais: “trabalha porque gosta!”), que além desse fato teria a capacidade e experiência para administrar a cidade dentro de ideais “modernos”, não aqueles “atrasados” da antiga administração esquerdista. Para materializar essa proposta eleitoral, foi contratado um conjunto musical chamado “Dominó”, que embora fosse de gosto duvidoso, obtinha relativa aceitação por parte de uma certa parcela da juventude da época. Assim, entoavam em alto e bom som: “A gente não tem nada contra o Suplicy (então candidato do PT a prefeito), só não quer mais o PT mandando aqui”.

Podemos também dizer que Maria do Carmo Campello de Souza, em seu estudo *The Contemporary Faces of the Brazilian Right: An Interpretation of Style and Substance*<sup>62</sup> nos esclarece ainda mais o tema. Souza nos apresenta fundamentos teóricos para compreendermos as causas e os motivos para o surgimento de uma nova direita no país. Segundo Souza, a chamada “Nova República”, especialmente durante o governo Sarney, criou subsídios para o

---

<sup>61</sup> Giddens também utiliza essa denominação. GIDDENS, Anthony. (1996). Para Além da Esquerda e da Direita: O Futuro da Política Radical. São Paulo, Unesp.

<sup>62</sup> SOUZA, Maria do Carmo Campello. (1992). The Right and Democracy in Latin American. New York: Praeger.

florescimento dessa nova direita, que irá colocar em cheque todo o legado varguista de Estado. A reação a três acontecimentos, na visão de Souza, foi fundamental na fundação dessa nova direita antiestatal: O Plano Cruzado (1986), a Assembléia Nacional Constituinte (1987-88) e o pacote econômico do ministro da fazenda Bresser Pereira (1987). A autora nos convida a refletirmos serem esses acontecimentos importantes na construção de um ambiente favorável à crítica da figura do Estado como provedor do desenvolvimento, sendo o mesmo rotulado de “inchado” e “burocrático”, conseqüentemente “ineficiente”, mesmo que parte daqueles que realizavam essa crítica tenham, por décadas, se beneficiado desse mesmo Estado em questão. Tratou-se, então, de popularizar, através da mídia, esse lema privatista, como sendo o remédio para todos os males nacionais. A eleição presidencial de 1989 foi amplamente dominada pelo tema. Nesse sentido, a nova direita, através da figura de Fernando Collor de Melo, associou essa ideologia à folclórica “caça aos marajás”, do político alagoano. Mostra-se uma nova face para uma nova direita, distante da direita tradicional, que sempre “mamou nas tetas do governo”, mas que acaba, também, aderindo à nova direita, transferindo-se, por sua vez, para a esquerda o papel de “estatista”, “antiga”, “ultrapassada”, ou uma palavra que entrou em moda naquele período devido a um filme de Steven Spielberg: “jurássica”.

Podemos dizer, então, que o Brasil assiste o chamado processo da “modernização de cunho conservador” e que, nesse contexto, surgem às bases do neoliberalismo, tão em voga nos anos de 1990.

## Um complemento para o estudo da nova direita

Para continuarmos no rastro dos conservadores de elite, e para marcar nesse trabalho algumas de suas posições, torna-se oportuno tecer alguns comentários sobre o trabalho da pesquisadora Elisa Reis, e seu estudo *As Percepções das Elites sobre a Pobreza e a Desigualdade*. Segundo a socióloga, que entrevistou políticos, burocratas, líderes empresariais e líderes sindicais, as elites, embora de maneiras distintas, reconhecem a existência das desigualdades, considerando esse tema como um sério problema nacional. Porém, acabam por transferir para o estado toda a culpa dessa situação. Para elas é função governamental acabar com a pobreza e as desigualdades, principalmente quando adentramos no ideário da elite empresarial. É como se estas elites, majoritariamente, não fizessem parte da administração do estado, não participando das decisões sobre os rumos do Brasil. Estão, portanto, segundo Reis, totalmente

descoladas da solução do problema, que na visão dessa porção da sociedade é exclusivamente estatal, e não do conjunto dos brasileiros.

Ao mesmo tempo, é curioso verificar a resposta dessas mesmas elites sobre quais as ações que o Estado deveria tomar para solucionar o problema das camadas menos favorecidas. A resposta mais recorrente é o investimento no setor educacional. Refunda-se o mito da educação como transporte para as soluções do Brasil, ou “transporte para o futuro”, como afirma o *slogan* radiofônico da Confederação Nacional do Transporte (CNT)<sup>63</sup>.

Segundo a percepção dessas elites, todos os indivíduos partiriam do mesmo ponto ao nascer, tendo os mais competentes as melhores oportunidades de crescimento, ou seja, existe um componente de um certo darwinismo social. Dessa maneira, essa argumentação por parte de amplos setores de nossas elites, além de ser altamente contestável, leva-nos a verificar que as soluções de cunho distributivistas não auferem grande aceitação por parte dessa camada, embora, se possa dizer que, as lideranças sindicais são mais simpáticas a uma melhor distribuição da riqueza nacional. Porém, em um sentido geral, como sugere a elite empresarial, o problema estaria centrado no indivíduo, e as saídas seriam, por consequência, individuais, não cabendo ao coletivo, no caso a sociedade brasileira como um todo, uma parcela de contribuição na melhor distribuição da renda e das oportunidades. Conclui-se, seguindo essa linha de pensamento, que não há o que ser redistribuído, mas sim o que ser distribuído, pelo mérito ou pelo crescimento econômico. A propósito, o tema virou um verdadeiro ícone na campanha presidencial, de 2002. Cria-se o discurso, hoje já tão desgastado, da “inclusão”, daqueles que estão “excluídos”.

Em suma, parte das elites não se sente culpada por nada. É o Estado é que deve agir dando educação para todos, sendo o mercado o elemento regulador do “melhor para o Brasil”. Até entidades sindicais investem milhões de reais na chamada “requalificação profissional”, aderindo ao chamando “sindicalismo de resultados”<sup>64</sup>. Desenha-se, mais uma vez, o velho quadro para a aceitação do neoliberalismo por parte de amplos setores das nossas classes dominantes. Assim, através de sua hegemonia ideológica, acabam por contaminar inúmeros

---

<sup>63</sup> Entidade ligada ao setor de transportes brasileiro. Percebamos que uma instituição com esse calibre utiliza o discurso descrito por Reis sobre a educação. Aliás, o presidente da CNT é Clésio Andrade, eleito pelo PL, vice-governador mineiro, em 2002. O jornal Folha de São Paulo publicou, em 29/08/2004, que o MPF (Ministério Público Federal) investiga a suspeita de lavagem de dinheiro para financiamento de campanha eleitoral em operações realizadas por duas instituições dirigidas pelo vice-governador.

<sup>64</sup> A entidade em questão é a *Força Sindical*, ligada ao então candidato à vice-presidência na chapa de Ciro Gomes, em 2002, Paulo Pereira da Silva, o Paulinho.

setores do restante da população, embora, como já vimos, os conservadores populares não aceitem essa agenda integralmente.

Não é demais lembrar que, no mesmo artigo de Elisa Reis, essas mesmas elites, já que não possuem autocrítica e nem culpa alguma, se posicionam contra as chamadas medidas de discriminação positiva, como as políticas de cotas, embora, de maneira surpreendente, se mostrem favoráveis à reforma agrária. Em tempo: a reforma agrária, na visão dessas mesmas elites, assustadas com a violência das grandes metrópoles, levaria de volta ao campo aqueles que, no sentimento deles, seriam os vilões dessa situação, os pobres. Percebe-se um entrelaçamento dessa visão com o conservadorismo popular, no sentido atribuído por Pierucci, sobre “mandar de volta os nordestinos para a terra deles”.

### **A face da nova direita: uma caricatura**

Voltemos a discutir o trabalho da pesquisadora Maria Teresa Gonzaga Alves, revelando dados amostrais levantados pela socióloga em sua pesquisa já aqui citada. Proponho, inclusive, analisar esses dados à luz de alguns estudos apresentados nessa dissertação, com o objetivo de tentar desenhar uma caricatura dessa nova direita. Aliás, o que é uma caricatura? É um desenho, exagerado, sobre alguém ou uma situação, explorando alguns traços mais visíveis do personagem, aumentando-os. Assim, através desses dados poderei ter o esboço da face dessa nova direita.

No texto *Conteúdos Ideológicos da Nova Direita no município de São Paulo*, Alves nos revela um *survey* sobre o pensamento dos eleitores paulistanos no contexto da eleição presidencial de 1989<sup>65</sup>. Alves nos apresenta dez afirmações com assuntos que versam sobre igualitarismo, neoliberalismo, moralidade e autoritarismo. Inicialmente, os eleitores deveriam se auto-classificar dentro do espectro direita, centro e esquerda. Em seguida, analisou-se a reação dos eleitores com relação ao igualitarismo, neoliberalismo, moralidade e autoritarismo.

Com relação ao igualitarismo uma das frases aplicadas foi: “*O Brasil estaria bem melhor se nós nos preocupássemos menos que todo mundo seja igual*”. Os que mais concordam com o antiigualitarismo são aqueles que se dizem de direita (59,1%) e centro-direita (51,5%). Dentre

---

<sup>65</sup> ALVES, Maria Teresa Gonzaga. (2000). *Conteúdos Ideológicos da Nova Direita no Município de São Paulo: análise de surveys*. *Opinião Pública*, 6 (2): 191-229.

os que se consideram de esquerda esse índice baixa razoavelmente (30,0%). Dos que votaram em Collor naquele ano, 59,6% concordaram com a frase e apenas 27,6% dos que votaram em Lula demonstraram visões próximas ao antiigualitarismo. É digno de registro que, mesmo dentre aqueles que se consideram de esquerda, 30% se colocou contra o igualitarismo. Esse fato nos indica que esse traço, característico do pensamento conservador, não é exclusivo da direita. É nítido que ele está presente também à esquerda. Disso tudo, podemos concluir que componentes do pensamento conservador estão presentes, de maneira dispersa, em todos os segmentos sociais.

A seguir, Alves analisou a penetração do neoliberalismo. Tomemos como exemplo a seguinte frase: “*O governo deveria oferecer menos serviços públicos, incluindo coisas como saúde e educação, para reduzir impostos*”. Nesse ponto, observa-se que, tanto a direita, como o centro, quanto a esquerda aferiu-se pouca aceitação à frase. Nota-se, nesse sentido, que o neoliberalismo tende a ser pouco prestigiado nas camadas mais populares<sup>66</sup>. Aliás, dependendo da afirmação, até elementos oriundos das camadas mais ricas repelem alguns contornos dele. Lembremos do artigo de Elisa Reis sobre as *Percepções das elites sobre a Pobreza*, que justamente mostra essa classe social jogando para o Estado a solução das questões de injustiça social e apostando suas fichas na educação. Seria contraditório com relação ao estudo se essa consideração auferisse grande ibope dentre os mais ricos, principalmente porque a frase cita, textualmente, a palavra mágica: “educação”. Interessante é notar que os menos escolarizados e aqueles que ganham entre 5 e 10 salários sejam os que mais concordem com o desmantelamento da proteção estatal.

Finalmente, nos quesitos, moralidade e autoritarismo, podemos enxergar melhor essa bifurcação conservadora, pois são as camadas mais populares que nitidamente tendem a repelir uma moral menos repressora e aderir a medidas mais autoritárias. A negação às frases “*Os homossexuais são pessoas que devem ser aceitas como qualquer outra*”, “*Deve-se permitir o aborto a toda mulher que queira fazê-lo*” e a aceitação de “*O divórcio ameaça a sobrevivência da família*”, estão, segundo a pesquisa de Alves, localizadas nos setores de menor renda e escolaridade da sociedade. Assim, podemos observar que realmente existe uma certa tendência, pelo menos nesse contexto, que confirma as observações de Alves e de Pierucci, sobre uma certa bipartição do ideário conservador na cidade de São Paulo nos anos de 1990.

De um lado, observamos nesses números a possibilidade de caracterizarmos a existência de um conservadorismo popular, ligado a uma moral mais rígida e tradicional,

inigualitário e autoritário, normalmente agregando baixa escolaridade e renda mensal apenas razoável, de outro, também verificaremos uma diferente faceta do conservadorismo, este ligado a pessoas mais escolarizadas e com maior renda. Sem dúvida, esse é o campo mais fértil para o apoio à agenda do neoliberalismo. Essas pessoas acreditam na formulação de um Estado mínimo, porém presente na educação e saúde, ao mesmo tempo conjugam essa visão a uma moral mais arejada.

## Conservadorismo e voto

Tentemos, agora, observar todas essas características até aqui descritas na dissertação de mestrado, *Tendências Políticas, Preferências e Atitudes Conservadoras Em São Paulo, Porto Alegre e Salvador*, de Kátia Mika Nishimura. Nesse trabalho, a autora procura demonstrar que os valores conservadores (muitos deles já foram aqui apresentados) estão relacionados ao voto na direita. Em regiões onde há baixa renda e escolaridade, pode predominar o caudilhismo e o clientelismo, enquanto onde há maior renda e a escolaridade, mais o posicionamento direitista vai se matizando. Segundo a autora, isso era mais claro na época da ditadura militar, pois havia uma polarização entre democracia X ditadura, MDB X Arena. Com o fim do autoritarismo e a realização da Assembléia Nacional Constituinte, de 1988, o pensamento político de direita vai, aos poucos, apagando seu passado autoritário e se identificando com a bandeira do neoliberalismo, tornando essa corrente a principal expressão conservadora do Brasil nos anos de 1990. Nesse sentido, as posições se despolarizam, revestindo-se de uma série de gradações.

A autora nos apresenta um quadro que confirma uma bipartição da direita: se de um lado observamos um posicionamento mais ideológico e politizado, adepto do neoliberalismo e antiesquerda, muito característico das classes mais favorecidas, temos, de outro, uma direita mais popular, conservadora em questões morais, autoritária na forma de ver a política, advindo das classes menos favorecidas. Nas eleições presidenciais de 1989, por exemplo, esse segmento votou em Paulo Maluf no primeiro turno e Fernando Collor no segundo turno. Dessa maneira, a autora considera serem a desvinculação da imagem conservadora da sombra do regime militar e o seu casamento com o ideário neoliberal os dois fatores determinantes, que vão explicar o vigor eleitoral do conservadorismo nas três cidades por ela pesquisadas.

---

<sup>66</sup> Sobre o assunto ver: Pierucci, Antonio Flávio. (1999). *Ciladas da Diferença*. São Paulo: Ed. 34.

Sabemos também, como defendeu Pierucci (2000), que a agenda neoliberal não encontrou grande popularidade no Brasil, principalmente no que tange ao impacto sobre as camadas mais populares, uma vez que a retirada de direitos estabelecidos pelo estado de bem-estar por parte da reestruturação produtiva em curso em nosso país mexe, direta e principalmente, com esse setor. Um ponto deve ser enfatizado dentre os muitos achados da pesquisa de Nishimura: a preocupação com a segurança pública passa a ser um tema que acaba transpassando praticamente todos esses seguimentos do pensamento social brasileiro. Considero esse ponto extremamente interessante, pois essa constatação pode nos dar uma pista sobre como o conservadorismo pode estar cortando transversalmente todas as nossas classes sociais, ou seja, ele não é um fenômeno exclusivo da elite, das classes médias ou das camadas populares, ao contrário, ele está integrado, com uma ou outra coloração, nos diversos segmentos sociais.

Outro momento relevante do trabalho de Kátia reside na sua análise dos partidos conservadores. Segundo a autora, “os partidos políticos ajudaram a cristalizar e tornar explícitos os conflitos de interesses presentes na sociedade, eles traduzem as clivagens sociais”. Assim, defende a autora, podemos tomar um tema qualquer, a industrialização, por exemplo, e recuperarmos sua trajetória no Brasil, justamente a partir da história dos partidos políticos brasileiros da década de 1940 até hoje. Com relação a essa passagem, encontro um ponto merece destaque: o estudo de Nishimura parte do fim do Estado Novo, momento histórico em que predomina o conservadorismo. Segundo a autora, o Estado Novo cria instituições que ficam. Nesse sentido, teríamos uma outra pista sobre ser o pensamento conservador um traço presente em diversas classes sociais, como, também, um elemento de longa duração no correr da história. Assim, seguindo a análise da autora, os antigos membros da UDN e PSD formariam a Arena, possuindo, ao longo da história, apoio eleitoral inversamente proporcional ao processo de urbanização.

No que se refere à direita e ao conservadorismo, existe todo um debate internacional sobre as razões do sucesso político destes a partir de meados dos anos de 1970. Assim, nesse momento histórico, houve uma teorização sobre a crise do estado de bem-estar-social e o renascimento da direita associada a valores conservadores. Nelas, estão contidas críticas sobre a incapacidade do estado em gerir esse sistema. Aliás, esse é um debate que se estende até hoje. Nesse sentido, essa onda defende um estado mínimo, com menos poderes coercitivos, a fim de realizar aquilo que chama liberdade individual. Em suma, existe uma crítica a um Estado

excessivamente intervencionista, apresentando os ideais de igualdade e justiça social como elementos inibidores desta chamada liberdade individual. É nesse mundo que surge o feminismo, a ecologia e os direitos civis. Porém, segundo a autora, associado à crítica econômica, emergiu uma onda de retomada de valores tradicionais, como uma espécie de reação a esses movimentos. Os maiores alvos dos conservadores são temas tais como o aborto, o direito da mulher e as minorias étnicas e culturais. Apresentam, em resposta, pois para eles esses ideais são destruidores do verdadeiro equilíbrio social, o respeito à família, a definição do papel da mulher e as virtudes do trabalho e da autoridade. Portanto, realiza-se, já em meados dos anos de 1970, uma fusão de valores tradicionais com os do capitalismo competitivo (Hunter, 1981). É nesse cenário que o presidente norte-americano Ronald Reagan e a primeira-ministra inglesa Margaret Thatcher realizam a crítica ao modelo igualitário surgido na Europa do pós-guerra. O mesmo ocorre na América Latina, que é influenciada por essa onda, adotando políticas econômicas privatistas e acordos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) que acabam propiciando uma certa negligência com relação à área social.

Se pensarmos na perspectiva brasileira, perceberemos que nosso país passou pela transição do regime autoritário para a chamada “nova republica”, assistindo uma inquietante e insistente permanência do conservadorismo, como bem demonstrou Alves (1999). O maior exemplo disso está nas ações do grupo conhecido como “centrão”, quando da assembléia nacional constituinte, de 1988. O arcabouço ideológico desse processo remonta a um certo “darwinismo social”. Traduzindo-o para a atualidade, a teoria defenderia a sobrevivência dos mais aptos na concorrência de mercado (o novo Deus moderno). Bons exemplos foram coletados e analisados em Alves (1999) e Pierucci (1987), que mostram os preconceitos vividos por nordestinos na capital paulista dos anos da década de 1980 e 1990.

Um outro ponto interessante do trabalho de Nishimura está, justamente, naquilo que foi teoricamente discutido no capítulo um: Esquerda X Direita. Podemos indicar que sua pesquisa revelou que a maioria das pessoas considera “ser de esquerda” os que se colocam contra o governo. Inversamente, considera-se “se de direita” aqueles que se posicionam a favor do governo. Nishimura argumenta serem as classes sociais um elemento preexistente nesse contexto e elabora um vínculo entre as diversas camadas sociais e suas identificações partidárias, embora considere o comportamento político não sendo imutável ou coerente. Na verdade, a localização no espectro ideológico, observável através do voto, revelaria todo um sistema de crenças sociais. Nesse sentido, seu trabalho nos desvela que esse “ser de direita”, no

imaginário popular, além de identificar um “partidário do governo”, pode ser representado pelas mais diversas palavras, tais como “rico”, “empresário”, “elite”, “antidemocrático” e “contra manifestações”. Já o “ser de esquerda”, além de ser “contra o governo”, é visto como uma pessoa que defende “políticas sociais”, “o povo”, “o socialismo” ou o “comunismo”. É muito interessante, embora seja apenas um jogo de palavras, o que acaba não definindo com acuidade os conceitos, que no imaginário popular estes vocábulos revelem, quando pensamos na esquerda, situações de luta: lutar pelo povo, pelo socialismo, pelo comunismo, ou seja, momentos de transformação da ordem. Também, não deixa de ser algo destacável, a ligação da direita com setores sociais que desejam, devido suas posições mais vantajosas, manter a ordem: o rico, o governo, o empresário.

Dentro dessa perspectiva, a pesquisa de Nishimura também aponta as soluções que os conservadores sublinham para a resolução dos problemas sociais: combate ao desemprego e melhoria da educação. Percebe-se, novamente, como em outras pesquisas já foi constatado, ser a educação um elemento quase mitológico para a solução de todos os males da sociedade. A maioria dos dados apontados pela pesquisadora aponta para uma parcela significativa da população considerar as questões sociais um problema político, porém mostra que na cidade de São Paulo, esse tema torna-se mais polêmico, pois muitos consideram esse tipo de situação “caso de polícia”. Quanto à pena de morte aqueles que se consideram mais à direita são os mais propensos a aceitá-la, enquanto aqueles que se colocam mais à esquerda são mais resistentes à adoção da chamada “pena capital”. Em São Paulo, a maioria defende o uso das forças armadas no combate à violência, sendo de direita ou esquerda indistintamente. Mais uma vez, a questão da segurança pública transpassa todos os cenários possíveis, o que não deixa de ser instigante, para futuras pesquisas.

É interessante ainda notar que o sentimento de que a democracia é o melhor sistema político também se generaliza, embora em São Paulo entre os eleitores de Paulo Maluf predomine o “tanto faz”. Não devemos esquecer que Maluf participou do regime militar e, posteriormente, afinou seu discurso ao regime democrático pós-1985.

Ao mesmo tempo, a pesquisadora também traçou um perfil do conservador como sendo uma pessoa de mais de 30 anos, portador de baixa renda e pouca escolaridade. Em Porto Alegre as mulheres possuem um caráter mais conservador, enquanto em São Paulo esse título fica com os homens. *“Os resultados do nosso trabalho vem reforçando a idéia de que há, na cidade de São Paulo, redutos conservadores, que apresentam uma maior disposição em aceitar soluções autoritárias e conservadoras*

para os problemas sociais enfrentados”.<sup>67</sup> Vemos, portanto, a existência de um ideário conservador em ação. Ele pode ser mais clamoroso em São Paulo, mais localizado em Salvador, mais intelectualizado em Porto Alegre, porém ele continua aí, observável, atuante e vivo.

## Uma matriz do pensamento conservador brasileiro

Se, ao lidar com o tema do conservadorismo, acabei por adotar e seguir o caminho sobre ser tal expressão um traço social perfeitamente recortável, não é difícil imaginar que, através dessa opção, possa recuperar um pouco da história do conservadorismo no Brasil. Oliveira Vianna é um intelectual que, cronologicamente, construiu sua vida e obra no século XX. Porém, parece-me claro, que manteve um amplo diálogo, ao longo de sua trajetória intelectual e política, com o século XIX. Ele viveu e testemunhou a passagem de um Brasil notadamente rural, para um país que iniciava um amplo processo de urbanização e industrialização. Embora vivesse toda a experiência da transformação, seus fantasmas ainda o faziam exorcizar os males do evolucionismo, darwinismo social, positivismo, etc. Dessa maneira, uma análise mais aprofundada do escritor fluminense vai nos revelar toda uma cadeia de preceitos, crenças e valores, que estão vinculados às próprias origens do conservadorismo brasileiro. Ao mesmo tempo, essa análise acabará por desaguar na formulação de muitos temas conservadores que, ainda hoje, estão na pauta do dia.

Oliveira Vianna termina a redação de *Populações Meridionais do Brasil-volume um: Populações do Centro-Sul* em 1918, publicando-o em 1920. Era o seu primeiro livro. A partir da sua divulgação, ganha relevo nacional, passando a desfrutar da amizade de vários intelectuais contemporâneos, como é o caso de Monteiro Lobato. Oliveira Vianna é um autor importante e polêmico, não há dúvida. Para tanto, basta constatar que foi alvo de críticas de Gilberto Freyre, justamente no prefácio da principal obra do escritor pernambucano: “*de passagem observemos que o professor Oliveira Vianna, o maior místico do arianismo que surgiu entre nós, menos coerente que o cientista baiano (Nina Rodrigues)*”. (G. Freyre, Casa Grande & Senzala, prefácio à primeira edição, Rio de Janeiro, Schmidt Editor, 1936, p. XII.).

---

<sup>67</sup> NISHIMURA, Kátia Mika, Tendências Políticas, Preferências e Atitudes Conservadoras em São Paulo, Porto Alegre e Salvador, Dissertação de Mestrado Unicamp, p.164.

As referências, críticas ou não, não ficam apenas em Gilberto Freyre, aparecem em Alceu Amoroso Lima, Otávio Ianni, Élide Rugai Bastos, Sérgio Buarque de Holanda, Dante Moreira Leite, Guerreiro Ramos, Antonio Paim, Wanderlei Guilherme do Santos, José Murilo de Carvalho, entre muitos outros. Aliás, aí vai a resposta de Vianna às farpas gilbertistas:

tudo era cultura. Não havia aqui, literatinho novi-emplumado ou sociologista em cueiros que não invocasse a “cultura”, que não falasse a todo propósito, e mesmo sem propósito nenhum, da “cultura”, sem saber quase sempre o que tal palavra significava, ou qual o seu significado científico. (Oliveira Vianna, “Raça e Cultura”, in *Ensaio Inéditos*, pp.65-8.)

Tentemos recuperar a opinião de alguns destes comentadores:

Alceu Amoroso Lima afirmou ser *Populações Meridionais* “grande obra, que desde já podemos qualificar de monumental” (Lima, 1948, p.354), “Vianna compreendeu perfeitamente a nossa história, cujo problema máximo tem sido e deveria ser essa formação de estrutura nacional” (Lima, 1948, p. 356).

Já Élide Rugai Bastos se preocupa em enumerar alguns pontos que estabeleceriam uma ponte entre Vianna e Gilberto Freyre. Em primeiro lugar, na visão da socióloga, enquanto Freyre defende uma suposta sabedoria do patriarcalismo, Vianna afirma que foram, e são, os desvios das elites, que impedem a organização da sociedade brasileira.<sup>68</sup>

Em *A Cultura Brasileira*, Fernando de Azevedo assim define o trabalho de Oliveira Vianna: “em seus magníficos ensaios orientados num sentido preponderantemente antropológico e racial e penetrados de realismo político”. (Azevedo, 1963, p.353).

Dante Moreira Leite, em *O Caráter Nacional*, de 1954, não é nada conciliador: “Oliveira Vianna foi, diante das ciências sociais de sua época, incapaz de acompanhar, não só o que se fazia em outros países, mas também o que Roquete Pinto escrevia no Brasil” (Leite, 1976, p.220).

No livro, *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*, Guerreiro Ramos, bem ao estilo *isebiano*, tenta resgatar os diagnósticos de vários autores que pensaram o Brasil no passado. Oliveira Vianna seria um deles, fazendo parte de uma espécie de inconsciente sociológico brasileiro.

Antonio Paim, na introdução a sétima edição de *Populações Meridionais do Brasil-volume um*, cita a interpretação de Wanderley Guilherme dos Santos sobre a obra viannista:

---

<sup>68</sup> Bastos, Élide Rugai; Moraes, João Quartim de (org.). (1993). *O Pensamento de Oliveira Vianna*. Campinas: Editora da Unicamp, p.420-421.

Santos encontraria a feliz denominação de autoritarismo instrumental. Vale dizer: o autoritarismo é um instrumento transitório a que cumpre recorrer a fim de instituir no país uma sociedade diferenciada, capaz de dar suporte a instituições liberais autênticas (...) a grande limitação da proposta de Oliveira Vianna residiria na identificação da experiência brasileira do sistema representativo com a verdadeira natureza desse sistema<sup>69</sup>

Assim, segundo Santos, Oliveira Vianna acreditava só ser possível um regime liberal através de uma sociedade liberal, o que não se verificava no Brasil, uma sociedade clânica por excelência. Nesse sentido, o Estado seria, no pensamento viannista, o motor dessa transformação.

Já Otávio Ianni considerava Oliveira Vianna um conservador, pois defende o estado como elemento civilizador de um povo ainda despreparado para exercer ativamente sua cidadania.<sup>70</sup>

Assim, devo considerar que muitas são as interpretações, por parte dos mais diversos pensadores brasileiros, a respeito do que está registrado em *Populações Meridionais*. Nesse sentido, não estou abandonando ou recusando o referencial teórico proposto por outros comentadores, apenas estarei realizando um esforço para extrair aquilo que considero fundamental no contexto da pesquisa que realizo sobre a formação do pensamento conservador no Brasil e seu caráter difuso, em meio às classes sociais brasileiras. Dentro desses limites, farei algumas apreciações a respeito de *Populações Meridionais*, deixando claro que a obra viannista foi interpretada e reinterpretada por diversos autores, nos mais diversos períodos históricos, fato que comprova o impacto do livro em questão.

Oliveira Vianna inaugura uma nova interpretação do Brasil, fundada na observação e na pesquisa. “Para perfeita compreensão do passado, a investigação científica arma hoje os estudiosos com um sistema de métodos e uma reconstituição, tanto quanto possível, rigorosa e exata”.<sup>71</sup> Segundo o seu ponto de vista nosso país é possuidor de uma realidade específica e peculiar. “Nele estão os moldes ainda quentes, onde se fundiram essas idiosincrasias que nos extremam e singularizam, como povo, entre todas as nações da terra”.<sup>72</sup> Dessa maneira, tudo

---

<sup>69</sup> VIANNA, Oliveira. (1982). Populações Meridionais do Brasil e Instituições Políticas Brasileiras. Brasília: Câmara dos Deputados, p.24.

<sup>70</sup> BASTOS, Élide Rugai; MORAES, João Quartim de (org.). (1993). O Pensamento de Oliveira Vianna. Campinas: Editora da Unicamp, p.434.

<sup>71</sup> VIANNA, Oliveira. (1982). Populações Meridionais do Brasil e Instituições Políticas Brasileiras. Brasília: Câmara dos Deputados, p.40.

<sup>72</sup> Idem, p.39-40.

que vem de fora se torna “planta exótica”, “ideologia alienígena”, ou fruto de um certo bacharelismo, para remontarmos às suas pendengas com Rui Barbosa. A primeira conclusão que podemos tirar do pensamento viannista é a sua descrença, ao menos em terras brasileiras, pelo ideal iluminista, seja pela democracia, seja pelo sistema representativo.

O grande movimento democrático da revolução francesa; as agitações parlamentares inglesas; o espírito liberal das instituições que regem a República Americana, tudo isso exerceu e exerce sobre os nossos dirigentes (...) uma fascinação magnética, que lhes daltoniza completamente à visão nacional dos nossos problemas.<sup>73</sup>

Segundo sua ótica esses instrumentos são mais adequados ao “temperamento suíço” ou europeu como um todo, não vingando no Brasil, país possuidor de uma história muito particular. Dessas premissas decorre, portanto, o seu conservadorismo que, aos olhos de alguns, torna-se altamente sedutor. Considero já temos aqui uma primeira noção que se tornou senso comum: o povo brasileiro não está preparado, devido à nossa história, para o exercício democrático. Oliveira Vianna não acredita na democracia no Brasil, descartando, enfaticamente, a capacidade do povo em decidir os rumos do país, uma vez que a democracia é utilizada pelos líderes locais a fim destes locupletarem-se e realizarem seus intentos, através de uma intrincada e complexa, porém perfeitamente perceptível manipulação das massas incultas. Incultas não só pela falta de educação formal, mas também impossibilitadas de qualquer progresso devido a sua condição inferior de “não-ariana”. Nesse sentido, nossa única esperança seria o processo de branqueamento, mas que ainda não se concluíra, embora estivesse em pleno curso:

O que as experiências do Código de Processo e do Ato Adicional demonstram, entretanto, é que essas instituições liberais, fecundíssimas em outros climas, servem aqui, não à democracia, à liberdade e ao direito, mas apenas aos nossos instintos irredutíveis de caudilhagem local, aos interesses centrífugos do provincianismo, à dispersão, à incoerência, à dissociação, ao isolamento dos grandes patriarcas do período colonial. Está é, em suma, a tendência incoercível das nossas gentes do norte e do sul, todas as vezes que adquirem a liberdade de sua própria direção.<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> Idem, p.44.

<sup>74</sup> VIANNA, Oliveira. (1952). Populações Meridionais do Brasil, Volume Um, Populações do Centro Sul. Rio de Janeiro: José Olympio, p.297.

Quais foram, então, as razões que, na visão de Oliveira Vianna, levaram o Brasil, ao longo do século XIX, evitar o separatismo e a anarquia? A resposta é simples: a ação tenaz, de verdadeiros heróis, que erigiram um estado forte e repeliram a cantilena liberal, imprópria à nossa realidade:

capazes dessa coragem infinita: a de contravir ostensivamente às idéias de liberdade (...) esses reacionários audazes estão as maiores figuras de nosso história. Chamam-se Olinda, Feijó, Bernardo de Vasconcelos, Evaristo, Paraná, Eusébio, Uruguai, Itaborá, Caxias (...) serenidade, digna dos varões fortes das escrituras.<sup>75</sup>

Tudo isso propiciando a vitória da índole das populações meridionais sobre o espírito indomável daqueles do nordeste, verdadeiro “viveiro de homens temíveis”. Caso isso tivesse ocorrido, o que teria prevalecido seriam os excessos do liberalismo e da democracia, o que na visão de Oliveira Vianna equivaleria à morte.

Outro ponto fundamental que gostaria de recuperar em Populações Meridionais, é o latifúndio. Oliveira Vianna busca centrar sua análise naquilo que considera constitutivo na formação da sociedade brasileira. Para ele, o latifúndio é um instrumento central de análise: “o domínio rural (...) Dele é que parte a determinação dos valores sociais. Nele é que se traçam as esferas de influência”.<sup>76</sup>

Assim, inicialmente, a colonização foi feita por nobres “de sangue azul”. Com o passar dos anos, eles foram se isolando no meio rural, misturando-se com uma outra fração da elite local. Observa-se, dessa maneira, a ruralização do Brasil. Finalmente, será essa elite, um pouco distanciada dos nobres costumes de outrora que irá comandar o país. Para tanto, a vinda da família real concorre decisivamente e é fator primordial para esta “casta” realizar a independência. É interessante ressaltar que, no pensamento viannista, nesses primeiros quatro séculos de história, as elites agrárias são protagonistas de uma história heróica e por demais importante nesse contexto. Em suma, as elites rurais fizeram a nossa história.

Depois de três séculos de paciente elaboração, a nossa poderosa nobreza rural atinge, assim, a sua culminância: nas suas mãos está agora o governo do país. Ela é quem vai dirigi-lo. É esta a sua última função em nossa história. Dela parte o movimento pastoril e agrícola do I século. Dela parte o movimento sertanista do II século. Dela parte o movimento minerador do III século. Nela se apóia o movimento

---

<sup>75</sup> Idem, p.430.

<sup>76</sup> Idem, p.85.

político da Independência e da fundação do Império. Centro de polarização de todas as classes sociais do país, a sua entrada no cenário da alta política nacional é o maior acontecimento do IV século.<sup>77</sup>

Oliveira Vianna considera que as elites realizaram um “notável” trabalho seletivo, ao não se misturarem com as demais classes aqui existentes, mantendo a sua cor branca. Ao mesmo tempo, impediram a ascensão de membros das camadas inferiores, que, segundo o autor, possuíam genes degenerados. Devemos frisar, que o latifúndio foi um instrumento pelo qual as elites impediram a existência da pequena propriedade e, através do qual, exerceram seu poder despótico, não permitindo, através do preconceito, a inclusão de elementos não europeus em sua “casta”, permanecendo brancos em sua cor de pele.

Na família senhorial domina exclusivamente o elemento branco. Os preconceitos de raça e os sentimentos de fidalguia, então reinantes, o demonstram. Surgem mais tarde contingentes superiores, oriundos do cruzamento do branco com o índio: nos ancestrais de muitas famílias da época das bandeiras figuram cruzados mamelucos. O que não impede que, nas idéias, nos sentimentos, nos costumes desse grupo superior, as tradições arianas prevaleçam.<sup>78</sup>

Ademais, Vianna considera os preconceitos como algo positivo em nossa história:

Esse ambiente de preconceitos aristocráticos exerce, aliás, sobre a integridade moral desses caudilhos, bem como sobre sua pureza étnica, um papel principal e eficientíssimo de tutela e resguardo-o que vai ter sobre nossa evolução nacional uma influência inestimável.<sup>79</sup>

E reforça essa idéia:

Os preconceitos de cor e de sangue, que reinam tão soberbamente na sociedade do I, II, III séculos, têm, destarte, uma função verdadeiramente providencial. São admiráveis aparelhos seletivos, que impedem a ascensão até as classes dirigentes desses mestiços inferiores, que formigam nas sub-camadas da população dos latifúndios.<sup>80</sup>

---

<sup>77</sup> Idem, p.68-69.

<sup>78</sup> Idem, p.95.

<sup>79</sup> Idem, p.142.

<sup>80</sup> Idem, p.156.

É certo que devemos considerar Vianna um produto de seu tempo. Lembrar, sempre, que ele está dialogando diretamente com teorias que afirmam ser o Brasil um local onde a civilização não vingará, devido à miscigenação de raças. Dentro dessa lógica, o seu pensamento é altamente relevante, pois encontra uma saída para tal impasse. Assim, como já afirmei, a solução mais plausível seria o branqueamento, uma resposta racista e altamente conservadora. Haveria uma tendência, presumidamente científica, em afirmar ser a miscigenação, não só responsável pela herança de qualidades negativas dos ancestrais negros ou índios, ao contrário, haveria uma brecha para o branqueamento, justamente pelo fato do povo brasileiro ser uma “abstração”. O negro que aqui aportou veio de diferentes grupos étnicos e, alguns, poderiam ser excelentes coadjuvantes do branco na administração do país. *“Uma outra parte, porém, minoria diminuta, é sujeita, em virtude de seleções favoráveis, a “apuramentos” sucessivos e, depois da quarta ou quinta geração clarifica-se”*.<sup>81</sup>

Sobre esse assunto é surpreendente a nota de rodapé 124, do capítulo cinco, escrita por Vianna sobre a sua certeza do branqueamento: *“Em síntese: Todos devem desaparecer suplantados pelo branco. Coeficiente de fecundidade: Pretos 0,74, Índios 0,35, Mulatos 0,91, Brancos 1,28”*.<sup>82</sup> Assim, segundo a ótica viannista, quem deveria comandar o país? *“Essa função superior cabe aos arianos puros, com o concurso dos mestiços superiores e já arianizados”*.<sup>83</sup>

Quais as conseqüências dessas teorias no pensamento social brasileiro, ao longo de sua história? Para tentar esboçar uma possível resposta, peguemos o exemplo do presidente Luís Inácio da Silva. Se, hoje, sua figura já aparece até um pouco desgastada em âmbito intelectual, devemos lembrar que, ao longo do tempo, o medo constante sobre uma eventual vitória de sua candidatura, sendo ele oriundo das classes baixas, nordestino, operário e sindicalista, à presidência da república, sempre trouxe à tona essas recorrentes teses amalgamadas no seio das idiossincrasias do brasileiro médio.<sup>84</sup> É quase inegável que esse pensamento preconceituoso, que tem em Vianna um formato pseudocientífico, ficou. Se a academia já o repele, as ruas ainda o contemplam. Por ora, nos contentemos em nos aprofundar um pouco mais nessas

---

<sup>81</sup> Idem, p.162.

<sup>82</sup> Idem, p.162.

<sup>83</sup> Idem, p.165.

<sup>84</sup> Sobre o assunto ver revista Opinião Pública, 9 (1), Campinas, Maio de 2003.

questões a respeito do latifúndio e nossa “heróica” elite agrária, para que, depois, mais à frente, retomemos o tema Lula.

Dentro desse contexto, não restaria aos “desfavorecidos pela sorte” outra estratégia pela sobrevivência se não a de procurar pertencer ao campo de influência de um senhor, de um latifundiário. Essa situação acaba por criar a um traço marcante de nossa sociabilidade, a dependência pessoal. Não obstante tudo isso, o fato do povo haver sempre de criar estratégias para a sua sobrevivência, sendo, portanto, um elemento ativo em nossa história, nunca foi sublinhado por Vianna. Como já destaquei, ele desenvolve sua interpretação da nossa história através de um esqueleto básico: a elite. Assim, pela certeza da ausência do estado para a proteção desses “menos afortunados”, criam-se os laços de dependência, de obrigações mútuas a serem cumpridas, todas calcadas nessa certeza. Quem nunca escutou a expressão “muito obrigado”? Por consequência, as relações de dependência são desejadas pelos dominados, a fim de se protegerem da chamada “anarquia branca”, ou seja, a completa ausência de aparelhos de justiça no Brasil.

Segundo Oliveira Vianna, o povo não possui capacidade de organização e de luta contra a opressão dominante, justamente devido a sua índole inferior. Há algo mais atual que tal teoria, em meio ao senso comum? Assim, a classe dominante não tem medo do povo desorganizado. Porém, ao menor sinal de organização, responde com armas, metralhadoras, tropas, polícia, exército, repressão... “Vigiar e punir”. Se o povo não pode se engajar, ou não tem capacidade de organização, quem deverá conduzir o processo de “desbarbarização” desse país?

Oliveira Vianna trás, nesse instante, a figura do Estado à baila. Novamente sob um viés conservador. Recuperemos a teoria desde o começo: para Vianna é um equívoco estudar o negro, pressupostamente inferior intelectualmente, como uma categoria una. Há, as mais variadas etnias negras, vindas do continente africano. Algumas delas possuem um certo grau de possibilidade à civilização. O “tão salutar preconceito” não impedirá que os elementos negros dessas etnias, cruzados com os brancos consigam, através de sua índole superior, ascendam socialmente. É o chamado “mulato superior”, que tende a branquear-se, se não, na cor de pele, ao menos, no “caráter”. Dessa maneira, tais elementos advindos da massa poderiam auxiliar os brancos na condução do país, através de um Estado forte. *“Com esse intuito de trazer aos responsáveis pela direção do país, para o conhecimento objetivo do nosso povo, uma pequena contribuição- é que*

*empreendo esses ensaios.*”<sup>85</sup>. A partir desse raciocínio, somente um sistema político autoritário poderia construir uma sociedade verdadeiramente liberal no Brasil. Nesse momento a tão heróica elite agrária deixa de ser o “mocinho” da história e se torna o entrave ao nosso desenvolvimento, já que o poder local passa a ser menos interessante ao desenvolvimento da nação e a desafiar o poder central estatal.

Posso dizer que o caminho que trilhei até aqui implicou em uma não linearidade na análise viannista e, também, em um certo recorte que privilegiou certas passagens que mais me interessavam no contexto do pensamento do autor de *Populações Meridionais do Brasil*. É certo que o estudo poderia ser feito com muito mais riqueza, através de possíveis outros olhares. Porém, esse é o recorte que acabei por realizar. Assim, gostaria de citar duas passagens que guardam relação com aquilo que comentei até agora e que suscitarão uma futura ampliação desse debate:

De toda essa análise a conclusão que se extrai é que as instituições de ordem administrativa e política, que regem a nossa sociedade durante a sua evolução histórica, não amparam nunca, de modo cabal, os cidadãos sem fortuna, as classes inferiores, as camadas proletárias contra a violência, o arbítrio e a ilegalidade.<sup>86</sup>

Sobre esse assunto, completa em passagem à frente:

Entre nós, o homem do povo, o plebeu, o peão, o campônio não possui essa confiança interior e profunda, que a fibra central do caráter do cidadão suíço, alemão ou inglês, que a fibra central do caráter de qualquer homem. O homem que não tem terras, nem escravos, nem capangas, nem fortuna, nem prestígio, sente-se aqui, praticamente, fora da lei. Nada o ampara. Nenhuma instituição, nem nas leis, nem na sociedade, nem na família, existe para a sua defesa. Tudo concorre para fazê-lo um desiludido histórico, um descrente secular na sua capacidade pessoal para se afirmar por si mesmo. Desde os primeiros dias da colonização, sempre se vê diante dos poderosos, das suas cobiças, das suas arrogâncias, das suas animosidades, tímido, pusilânime, receoso, encolhido. O que os quatro séculos da nossa evolução lhe ensinaram é que os direitos individuais, a liberdade, a pessoa, o lar, os bens dos homens pobres só estão garantidos, seguros, defendidos, quando tem para ampará-los o braço possante de um caudilho local. Essa íntima convicção de fraqueza, de desamparo, de incapacidade se radica na sua

---

<sup>85</sup> VIANNA, Oliveira. (1982). Populações Meridionais do Brasil e Instituições Políticas do Brasil, Câmara dos Deputados, Brasília, p.46.

<sup>86</sup> VIANNA, Oliveira. (1952). Populações Meridionais do Brasil. Volume Um, Populações do Centro-Sul. Rio de Janeiro: José Olympio, p.142.

consciência com a profundidade e a tenacidade de um instinto...O nosso homem do povo (...) é essencialmente (...) o homem que procura um chefe, e sofre sempre uma como que vaga angústia secreta todas as vezes que, por falta de um condutor ou de um guia, tem necessidade de agir por si, autonomicamente.<sup>87</sup>

Após essas palavras, um outro ponto que poderíamos discutir sobre a obra viannista é o que de sua explicação da história do Brasil reflete, ou torna-se senso comum, ao imaginário popular, principalmente no ensino de história do Brasil, que foi reproduzido nos bancos escolares desde há muito tempo até os dias de hoje. Já no prefácio de *Populações Meridionais* o autor ressalta a nossa qualidade de país jovem, de história recente. Portanto, seria impossível que por aqui tivesse se desenvolvido um sistema democrático, uma vez que esse tipo de sociedade é característico de povos de longa história, como os europeus. Assim, falta-nos uma certa tradição para evoluirmos para uma verdadeira civilização, portadora dos melhores atributos da sociabilidade humana. “*Nossa história ainda é muito curta; não tem quinhentos anos. Enquanto povo, como o inglês, o francês, o português, historicam sua vida por um período milenar, dentro do qual as maiores transmutações sociais se operam na massa nacional*”.<sup>88</sup>

Podemos afirmar, também, que a leitura de *Populações Meridionais* nos conduz a visão de que o povo brasileiro é pacífico por natureza e toda demonstração em contrário seria sinal da presença de um traço anômalo devido à mestiçagem. “*É aqui que se começa a compreender a função providencial dessas populações centro-meridionais, o valor inestimável das suas virtudes pacíficas e ordeiras*”.<sup>89</sup>

Outro ponto que é repetido exaustivamente pelos mais diversos setores da nossa sociedade é a impressão de que este brasileiro em questão é destituído de memória. Somos, afirma o imaginário popular, “uma nação sem memória”. Curiosamente isto também está em Oliveira Vianna, tendo o estudioso contribuído para a solidificação desse lugar comum. “*Nós somos um dos povos que menos se estudam a si mesmo: quase tudo ignoramos em relação à nossa terra, à nossa raça, às nossas regiões, às nossas tradições, à nossa vida*”.<sup>90</sup>

Podemos, também, apontar que já no primeiro capítulo de *Populações Meridionais* existe um dos mais discutidos equívocos teóricos de Vianna. Trata-se de considerar a colônia

---

<sup>87</sup> Idem, p.146-147.

<sup>88</sup> Idem, p.39.

<sup>89</sup> Idem, p.432.

<sup>90</sup> Idem, p.40.

dos dois primeiros séculos (para usar uma terminologia cara ao autor) um ambiente de extrema riqueza e opulência, onde o elemento fidalgo é preponderante. Assim, na visão viannista, tudo se pode resumir numa simples importação da população cortesã lusa para a colônia, o que soa como uma aberração histórica. *“Tamanha as galas e as louçarias da sociedade, o seu maravilhoso luxo, o seu fausto, espantoso, as graças e os requintes do bom tom e da elegância”*<sup>91</sup>. O próprio Vianna aponta em seu *addendum* ser essa uma crítica pertinente a sua obra, embora não considere que a veracidade da crítica ponha em xeque o integral da teoria. Sobre o assunto escreveu o historiador Francisco Iglésias: *“Ora, ver nos rudes brasileiros dos séculos XVI e XVII o que vê, é algo delirante (...) Não se pode imaginar um Domingos Jorge Velho, um Antonio Raposo Tavares e outros brasileiros como gente fina, pois eram toscos, quase selvagens”*.<sup>92</sup>

Não obstante tudo isso, parece claro que todo esse olhar de Vianna sobre uma grande fidalguia da elite, principalmente vicentina, ajuda a construir uma imagem que estaria na gênese da visão do paulista como o elemento que “carrega o Brasil nas costas”. A esse respeito a quase divinização do bandeirantismo empreendida por Vianna cai como uma verdadeira luva, esquecendo-se inclusive do aniquilamento de várias nações indígenas empreendida por eles.

Construída essa idéia, pode-se dizer que Populações Meridionais ajuda no reforço da tipificação e da estereotipação do ser humano que habita as diversas regiões brasileiras. Se o paulista gosta de trabalhar e “é a locomotiva da nação” o nordestino, por conseguinte, é o oposto. Inclusive, a partir da leitura de Vianna, pode-se intuir que o habitante da região nordeste é um errante por natureza: *“É um desplantado, um deslocado, um infixo. Por isso, o seu nomadismo de caçador se transforma facilmente no nomadismo guerreiro do sertanista”*.<sup>93</sup>

Com relação à independência está presente a sensação de que ela foi provocada por um acidente histórico: as invasões napoleônicas. É somente a partir daí que o fazendeiro sai de seu domínio rural e acaba praticamente compelido a realizar o movimento de independência e governar o país. Oliveira Vianna tenta acalmar seu leitor ressaltando e demonstrando que a alma e a índole desse latifundiário permaneceu ariana e o sonho da nacionalidade pode continuar presente.

---

<sup>91</sup> Idem, p.49.

<sup>92</sup> IGLÉSIAS, Francisco. In: BASTOS, Elide Rugai e MORAES, João Quartim (org.). (1993). O Pensamento de Oliveira Vianna. Campinas: Editora da Unicamp, p.319.

<sup>93</sup> Idem, p.104.

Outra leitura que se pode abstrair de Populações Meridionais está na idéia da falta de autoridade, como fonte causadora dos nossos problemas e distúrbios sociais: *“Dessa instabilidade e dessa dissolução da autoridade paterna é que provém a maior parte das falhas morais do baixo povo dos campos”*.<sup>94</sup> Através desse viés, pode-se, facilmente, considerar que a “questão social é um caso de policia”. *“Na composição do nosso caráter entram (o povo mestiço), mas apenas como força repulsiva e perturbadora”*.<sup>95</sup> É através desse fio condutor de pensamento que se explicam as chamadas rebeliões nativistas, regenciais e os movimentos quilombolas, como obras do espírito inferior de bárbaros: “valentões”, “indomáveis”, “insociáveis”. Lembremos, também, que o autor nunca questionou, ou mencionou, serem as terras em disputa, nesse ou naquele momento, inicialmente pertencentes aos índios.

Fica patente, portanto, quando se deseja explicar a sociedade e a história dessa sociedade, que “trabalhando se chega lá”, mas, e é importante frisar isso, é preciso “gostar de trabalhar”. Porém, essa é característica de poucos entre aqueles que possuem o sangue negro ou vermelho. *“Os mestiços dessa espécie, por maior que seja a vilanagem das suas origens e mais degradadas as condições da sua existência, tendem a subir, a insinuar-se através dos elementos melhores, a dissimular-se entre os brancos, aristocratizando-se”*<sup>96</sup>

Em suma, a maioria não possui esses atributos. Estão justificadas as desigualdades sociais e, fundamentalmente, as classes podem ser divididas e distinguidas através da cor da pele. A função primordial do “mulato ariano” (aquele que possui atributos para subir) está, por suas tendências raciais, reservado ao campo das artes e esportes. *“Estes, humilhados pela subalternidade em que vivem, reagem, entreabrindo a sua emotividade em flores encantadoras de poesia ou de eloquência. São os nossos líricos ignorados, os nossos cantores obscuros, os menestrelis dos nossos sertões, ou os nossos evangelistas liberais e igualitários”*.<sup>97</sup>

Oliveira Vianna desenvolve uma explicação histórica fundamentalmente marcada pelo quesito “raça”, o que produz, aos nossos olhares atuais, algo que é praticamente inaceitável ou, no mínimo, completamente infundado.

---

<sup>94</sup> Idem, p.73.

<sup>95</sup> Idem, p.165.

<sup>96</sup> Idem, p.153-154.

<sup>97</sup> Idem, p.157.

Da preponderância do negro e do mestiço na classe dirigente do Haiti provém a sua desorganização atual. Na nobreza chilena predominam elementos bascos, e daí o alto tônus moral, que a destaca. São os saxões que preponderam na aristocracia britânica mas, se, invés deles, preponderassem os celtas comunitários, que eram o fundo primitivo da população, os destinos da Inglaterra estariam inteiramente transformados.<sup>98</sup>

Com todos esses elementos não é de se estranhar que o pensador em questão considere a abolição da escravatura um duro golpe desfechado contra os fazendeiros, defendendo inclusive a indenização. Para ele, o treze de maio foi algo precipitado, justamente pela nossa falta de preparo. Quanto a isso, o historiador Francisco Iglesias afirma que Vianna votaria contra a abolição, mesmo em 1925. Seria ele o último dos saquaremas?

Com relação ao segundo reinado (ou segundo império como imprecisamente escreve) tem-se o sentimento, já há muito cristalizado, sobre um período de relativa paz e tranqüilidade, devido à mão forte de Pedro II. *“Essa paz interior, esse império do direito, essa ordem pública, mantida e difundida por todo o país, é a obra excelente e suprema do II Império”*.<sup>99</sup> Esqueceu-se Vianna, nessa passagem, de sua própria teoria, pois essa “tranqüilidade” do segundo reinado é fruto do acordo e do sistema montado entre o poder central e os latifundiários, justamente os vilões da explicação viannista. No mais, soa um devaneio o país ser totalmente modificado em apenas três anos (1832-35), como está tácito em sua teoria. Porém, o mais grave da explicação e de maiores implicações para a formação de um ideário conservador no Brasil, está justamente em ignorar o significado dos movimentos populares ocorridos no século XIX, classificando-os como fruto de uma mentalidade degenerada. Sem dúvida, esse sentimento com relação às reivindicações populares ainda reina com extremo vigor em nossos dias.

Só, nos altos sertões, as caatingas bravas (...) ainda estremecem com o estrépido do tropel do banditismo indomável...O poder monárquico não consegue integrar na sua área de legalidade efetiva essa região (...) onde vagueiam impunes as hordas cangaceiras. Hoje ainda, ela forma o limbo de anarquia da nossa civilização, a sua larga orelha de turbulência e ilegalidade.<sup>100</sup>

---

<sup>98</sup> Idem, p.163.

<sup>99</sup> Idem, p.305.

<sup>100</sup> Idem, p.306.

## Considerações Finais

O capítulo dois teve por fim trazer à discussão do pensamento conservador para o Brasil. Dessa maneira, pudemos observar que os principais traços conservadores apresentados no primeiro capítulo aparecem fartamente no ideário de segmentos bastante identificáveis da nossa população. Os estudos apresentam fragmentos sociais totalmente ligados a questões identitárias, colocando no “outro” o ônus de todos os problemas. São, acima de tudo, antidemocráticos, antiigualitários. Na verdade, através da bibliografia aqui comentada existe um indício bastante seguro sobre uma dispersão desse pensamento em meio às classes sociais brasileiras. É assim que tivemos a oportunidade de conhecer o **conservadorismo popular** descrito por Pierucci, que na figura de dona Mariauta ganha relevo ideal. “Íguais! Tá me estranhando?”.

Outra matriz do nosso pensamento conservador repousa na chamada **nova direita** estudada por Maria Teresa Gonzaga Alves. Esse pensamento estaria ligado às camadas mais abastadas, que possuíam maior simpatia pela agenda neoliberal. Lembremos que para uma figura tal qual Paulo Maluf esse ideário foi fundamental na vitória nas eleições municipais paulistanas de 1992, pois, assim, conseguiu agregar votos de setores que ainda não haviam votado nele.

Chegamos à conclusão que, além daquelas características fundamentais do pensamento conservador, mapeadas no primeiro capítulo, que esse “estilo de pensamento” apresenta-se, no Brasil, difuso entre as camadas sociais, ganhando um **caráter transclassista**, embora nuançado em cada uma delas. Aliás, uma questão que parece estar envolta a tudo isso é a da segurança pública, que pretendo retomar mais detidamente no próximo capítulo.

Assim, em um segmento popular prioriza-se a questão do outro, das identidades, da conservação moral. Já para um setor de maior renda e, conseqüentemente, mais escolarizado, há o apego ao ideal neoliberal, de um estado mínimo, privatizações, investimento em educação, crescimento econômico para a distribuição da riqueza que for acrescida ao país, e não, obviamente, aquela que já existe.<sup>101</sup> Nesse sentido, vê-se uma reconstrução do darwinismo

---

<sup>101</sup> Sobre o assunto ver: REIS, Elisa P. (1999). “Percepções da Elite sobre pobreza e desigualdade”, Revista Brasileira de Ciências Sociais, (42): 143-152, fev.

social, uma vez que a proposição de que apenas os mais competentes se estabelecem ainda persiste, embora envolta por uma cortina de fumaça mais intelectualizada.

Temos, assim, uma noção de como o pensamento conservador vai ganhando espaço em nosso país, embora de maneira difusa, dispersa. Oliveira Vianna, dentro desse contexto, é uma fonte viva e inesgotável para a observação da gênese do que está diluído entre nossas classes sociais e que aqui delimitamos como manifestações de um pensamento conservador.

## Capítulo Três Ampliando Horizontes

*O absurdo perpetua-se através de si mesmo: a  
dominação é legada, de geração em geração, através dos  
dominados.*

(Theodor Adorno. *Mínima Moralia*)

### Introdução

No correr dos dois capítulos anteriores tracei alguns pontos característicos do pensamento conservador. Espero ter podido mostrar que o conservador é aquele que prioriza a existência de **diferenças** entre as pessoas, colocando-as como barreiras quase que intransponíveis para a **igualdade**, não só filosófica, mas, sobretudo, social e econômica. Foi com esse arcabouço teórico que inferi ser o pensamento conservador associado a um mundo fundamentalmente **antidemocrático**, pois como somos “evidentemente diferentes”, possuímos direitos e deveres desiguais. Nesse sentido, o conservador vai **abominar as reflexões filosóficas**<sup>102</sup>, pois, para este, elas nada contribuem, uma vez que as abstrações tentam modificar aquilo que é facilmente observável: os seres humanos são diferentes e possuem lugares na sociedade, seja por nascimento, mérito, conquista, etc., diametralmente distintos.<sup>103</sup> Assim, muito das justificativas conservadoras para as desigualdades sociais passam por essa explicação, o que, no limite, nos remete a um certo **darwinismo social**.

É dentro desse espírito teórico que convido o leitor a tentar identificar essas indicações da presença de tal “estilo de pensamento”, para nos lembrarmos de Mannheim, através das **colunas dos leitores de jornais brasileiros**, sendo este o *corpus* empírico para a pesquisa que

---

<sup>102</sup> Logicamente, como já destaquei ao correr do trabalho, os conservadores são ávidos produtores intelectuais. Porém, sua produção teórica seria um contra-ataque ao universo das idéias filosóficas abstratas, processo que Mannheim chamou de “contra-utopia”.

seguirá. Assim, é através da apresentação, tabulação e análise desses fragmentos enviados pelos leitores de alguns jornais diários brasileiros, que tentarei encontrar e sublinhar os pontos até agora teorizados nos capítulos anteriores.

## Sobre as colunas dos leitores

Jornais diários de grande circulação, nacionais ou regionais, têm por hábito manter uma sessão fixa para a qual os seus leitores podem enviar cartas (hoje também existe a possibilidade da mensagem eletrônica), ora comentando algum artigo ou matéria publicada pelo periódico, ora expressando alguma opinião sobre determinado tema. Geralmente, os editores usam algum filtro para selecionar as cartas que efetivamente serão publicadas naquele dia. O mais comum é a amostragem, uma vez que, o número de cartas remetidas à coluna extrapola o espaço a ela destinada. A revista *Veja* e a *Folha de São Paulo*, por exemplo, costumam divulgar os assuntos mais comentados pelos leitores durante a semana publicando, inclusive, valores percentuais.

Acredito que esse **fórum de discussões** não recebeu até hoje uma análise sociológica mais detida. Penso que um espaço em que as pessoas expressam sua opinião sobre os mais variados assuntos é um excelente campo, em potencial, para discussões sobre o pensamento social brasileiro, uma vez que temos, a partir dessa fonte, não só o registro das opiniões, mas também a possibilidade de agrupá-las, classificá-las e interpretá-las e, assim, observar tendências.

Dessa forma, a lente para tentar enxergar as cartas que arqueei está diretamente ligada àquilo que teorizei nos capítulos anteriores. Assim, basta lembrar que defendi a idéia de que o pensamento conservador é um traço bastante presente em nossa sociedade, porém apresenta um caráter difuso, disperso. Logicamente, pode-se argumentar, em contrapartida, que ele “trabalhe” favoravelmente às classes dominantes. Porém, levando-se em consideração, ou não, o argumento anterior, espero poder levar o leitor a crer que existe uma substancial possibilidade de que ele esteja mitigado pelas intrincadas redes sociais existentes. Assim, espalhado pelas classes sociais, assume características, matizes e colorações diferenciadas.

Aliás, esse foi o sentimento expressado pelo compositor Chico Buarque de Holanda, em uma entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, em 26 de dezembro de 2004. Estampou o periódico paulistano, na página E5 do caderno *Ilustrada* (os grifos são meus):

---

<sup>103</sup> Sobre o assunto ver: Pierucci, Antonio Flávio. (1999). Ciladas da Diferença. Editora 34, São Paulo.

## Querem exterminar os pobres do Rio

*Para Chico Buarque, um sentimento difuso a favor do apartheid social está hoje tomando conta da sociedade brasileira*

Vejamos algumas palavras de Chico, na longa entrevista que concedeu a Folha (o grifo é meu):

O medo da violência na classe média se transforma também em repúdio não só ao chamado marginal, mas aos pobres em geral, ao sujeito que tem carro velho, ao sujeito que é mulato, ao sujeito que está mal vestido. Toda essa indústria da glamourização, de quem pode, de quem ostenta, de quem torra dinheiro, enfim, ser reacionário se tornou de bom tom (...) Vejo um pensamento cada vez mais conservador, até mesmo na aparência das pessoas, todo mundo arrumadinho (...) Constatamos um sentimento difuso quase a favor do apartheid social

Apresentei, no correr dessa dissertação, fundamentalmente, a existência de dois ramos bastante nítidos do pensamento conservador no Brasil: O **conservadorismo popular**, ligado às camadas de menor renda e escolaridade. No campo político compõe discursos mais disciplinadores, tais como efetivos policiais nas ruas contendo uma criminalidade ascendente.<sup>104</sup> Nas questões relativas ao papel do Estado, o conservadorismo popular apresenta uma posição vacilante, uma vez que o desmonte da máquina estatal representa uma séria restrição de direitos. Já a **Nova Direita** representaria o ideário das camadas de maior renda e escolaridade, abertos a incorporar o discurso neoliberal contemporâneo.<sup>105</sup>

Assim, as colunas dos leitores dos jornais servirão para essa pesquisa como uma fonte onde tentarei encontrar algumas dessas características do pensamento conservador que acabei de apresentar, embora já possa sublinhar que as sessões de leitores não apresentam um forte

---

<sup>104</sup> Lembremos do sucesso de programas televisivos com temas populares ligados a assuntos policiais, tais como *Cidade Alerta*, *Brasil Urgente* e *Repórter Cidadão*, todos no rastro dos famosos antecessores *O Povo Na TV* e *Aqui, Agora!*

<sup>105</sup> Sobre o assunto Maria Teresa Gonzaga Alves afirma em *Conteúdos Ideológicos da Nova Direita no Município de São Paulo*, artigo da revista *Opinião Pública*, volume 6, número 2, p.192, o seguinte: “De uma forma geral, as correntes da Nova Direita querem repensar e propor novos parâmetros para as sociedades capitalistas avançadas frente à crise do Estado de Bem-Estar, seja através da justificativa teórica do antiigualitarismo ou de propostas de cortes nas políticas de bem-estar social”.

indicativo sobre renda e escolaridade do respectivo autor da carta. Logicamente, algumas profissões podem dizer muito sobre esses aspectos da vida de uma pessoa, porém, no caso da Folha de São Paulo, esse dado também aparece truncado, uma vez que não é sempre que é divulgada a ocupação do missivista. Parece clara, dessa maneira, a dificuldade de distinguirmos, a partir das cartas dos leitores, as duas vertentes do pensamento conservador apontadas.

Dessa maneira, trabalhei, em espaços diferentes de tempo, com as colunas de dois jornais brasileiros: Folha de São Paulo e Correio Popular, de Campinas. O procedimento aqui não foi nada aleatório, pois quis estabelecer um contraponto entre um periódico de grande circulação nacional e um de repercussão local. Penso que essa medida pôde ajudar na diminuição de possíveis distorções com relação aos temas levantados.

## **1- O pensamento conservador nas colunas dos leitores de jornais**

### **Resumo da pesquisa**

Entre os dias **13 de agosto e 13 de dezembro de 2004** pesquisei **532 cartas** enviadas pelos leitores do jornal **Folha de São Paulo** para a sessão Painel do leitor (esse universo representa todas as cartas publicadas pelo jornal no período indicado, considerando-se sexta, sábado, domingo e segunda-feira). Apresento, a seguir, um resumo estatístico daquilo que encontrei. Só informo ao leitor que ao final da dissertação há um apêndice, lá estão as tabulações dos dados apresentados.

Gráfico 1 : Os oito assuntos mais freqüentes nas cartas do período estudado.

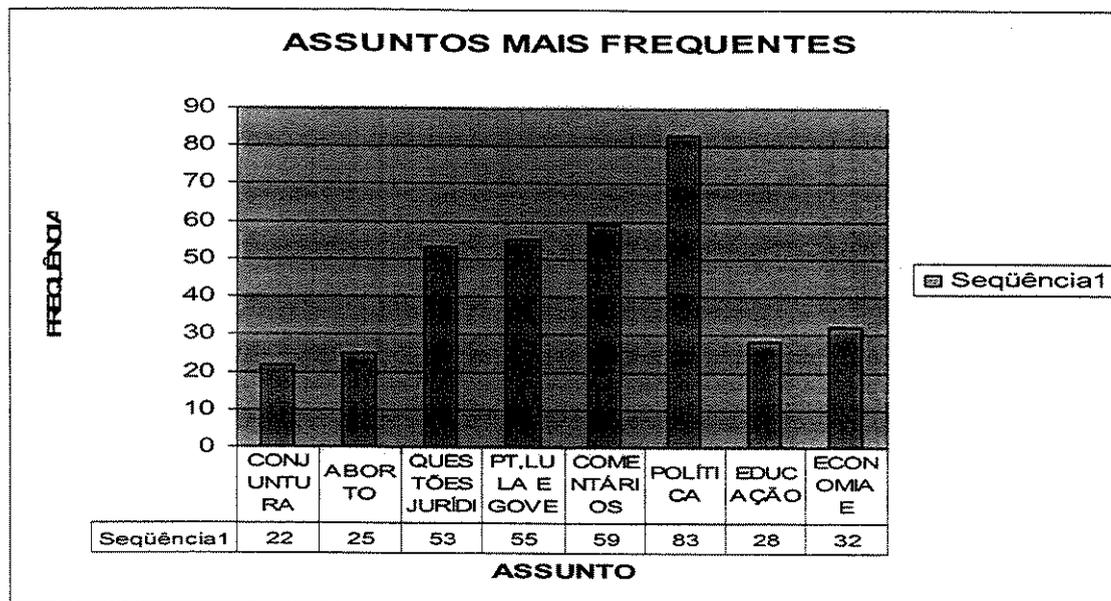


Tabela 1 : Divisão dos leitores por sexo

DIVISÃO POR SEXO	NÚMERO	%
MASCULINO	420	78,9
FEMININO	112	21,1

Gráfico 2 : Distribuição por sexo das cartas enviadas pelos leitores da Folha de São Paulo.

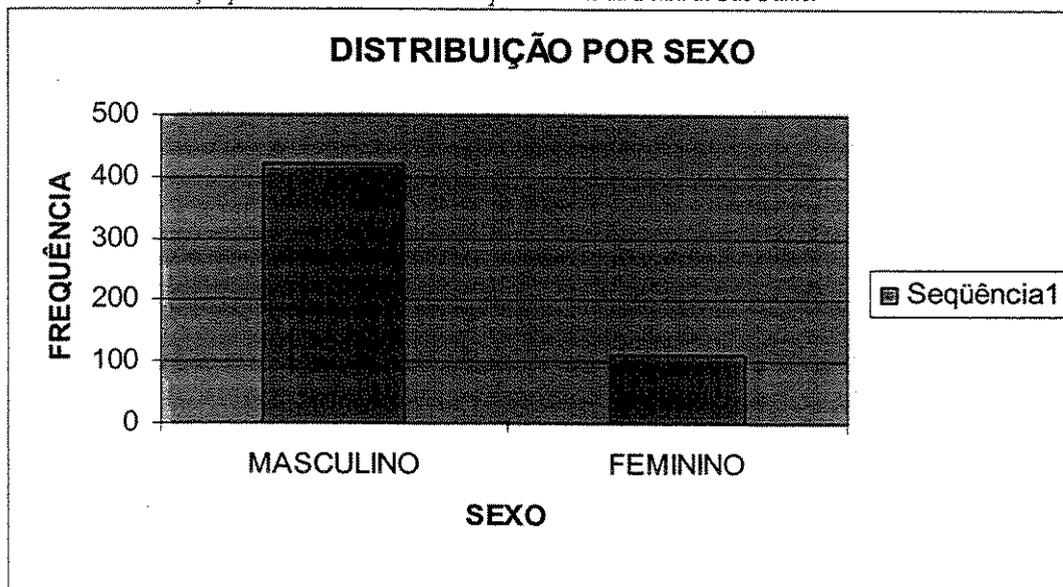
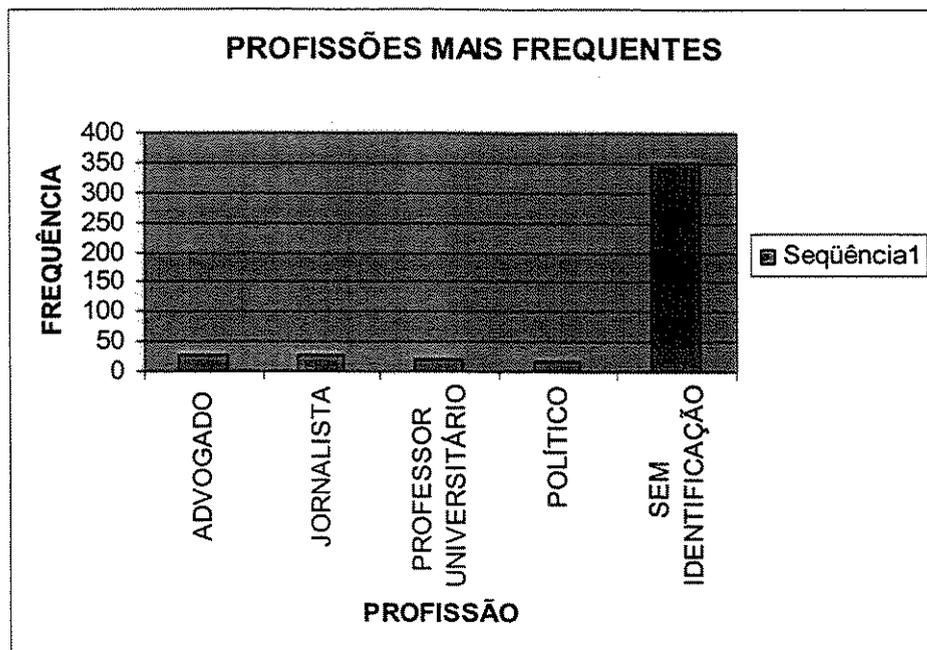


Gráfico 3: As cinco profissões mais frequentes dos leitores da folha que enviaram cartas para o Painel do Leitor no período estudado



### Análise do conteúdo das cartas

Sublinhamos, nos capítulos anteriores, ser o pensamento conservador engendrado dentro de um ambiente altamente predisposto a rejeitar teorias e abstrações. Logicamente, como mostrou Mannheim, os conservadores teorizam, e muito! Na verdade, os ideólogos e filósofos conservadores se sentem compelidos a apresentar uma resposta ao projeto iluminista de sociedade, pois encaram-no como uma ameaça. Nesse sentido, o ideal burguês é considerado como uma “utópica abstração” que, na verdade, põe em perigo o projeto conservador. Lembremos que Karl Mannheim cunhou o termo “contra-utopia” para tentar explicar esse fato. Assim, a abstração conservadora surge para responder a uma ameaça, ou ao

caos, representado pelas abstrações formuladas por intelectuais descolados da realidade concreta da vida.<sup>106</sup>

Vejamos nas cartas do Painel do Leitor da Folha de São Paulo um exemplo para essa situação apresentada:

Ao ler o artigo do dr. José Arbex Jr. nesta Folha ( A farsa da paz no Haiti, pág, A3,23/10), não pude deixar de achar graça. Ele se preocupa em citar Marx e Hegel, em mencionar o imperialismo yanque e não consegue ver o ponto central da questão (...) O efeito tem de ser combatido imediatamente, a causa deverá ser sanada em seguida. Só então haverá espaço para teorias sociológicas, históricas e valorativas. O governo brasileiro teve uma atitude louvável mandando tropas ao Haiti

Marcos Galvão, Caraguatatuba (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 25/10/2004)

Outra carta também ironiza os intelectuais:

É ótimo saber que a China vai mandar filósofos para o espaço na esperança de que, lá de cima, o homem tenha uma visão melhor da Terra (...) Realmente, o nosso mundo, visto daqui de baixo, está de enlouquecer qualquer filosofia (...) O próprio governo vive no mundo da Lua, cercado de filósofos de todos os lados. Devido à mudança do ponto de observação, os pensadores do PT estão tendo uma visão bem diferente de vários problemas brasileiros, como liberdade de imprensa e corrupção. Em breve, todos estaremos perdidos no espaço

Wilson Gordon Parker, Nova Friburgo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 13/08/2004)

Acompanhemos outra manifestação com a mesma significação:

A demógrafa Carmem Miro, em entrevista concedida a esta Folha (Cotidiano, 27/09), mostrou que nem sempre décadas de estudo sobre o mesmo tema garantem opiniões coerentes e sensatas. Ela afirma que o crescimento populacional na América Latina não contribuiu para a pobreza da região, dando como indício o fato de que ultimamente as taxas de natalidade têm diminuído na maioria dos países da região, mas a pobreza continua a imperar. Mas a premiada demógrafa se esqueceu de dizer que as taxas de natalidade diminuíram principalmente nas classes mais abastadas, que, por terem recebido educação e suporte familiar, planejam o número de filhos que vão ter. As classes miseráveis continuam a perpetuar e a reforçar a pobreza tendo diversos filhos, mas sem ter condições mínimas para garantir a dignidade e sustento para todos

---

<sup>106</sup> Sobre o assunto ver Mannheim, Karl. (1986). Ideologia e utopia. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, p.253.

Davi Resende, Ribeirão Preto (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 03/10/2004)

Podemos dizer, também, que os “devaneios” intelectuais podem ser, segundo os traços apresentados pelo pensamento conservador, os culpados pelos problemas do Brasil. Muitas vezes os pensadores comentem, “com boa intenção”, o pecado de acreditarem em “democracia demais”, um fator de desagregação, uma vez que o “povão” não possui preparo necessário para gerir seus destinos.<sup>107</sup>

Acompanhemos uma manifestação com esse teor:

Sou professora de história da rede pública do Rio e confesso que estou cansada e desiludida. Mas é salutar que estejamos fazendo autocrítica e meia-culpa. Todos nós, que, voluntariamente ou não, construímos o PT, temos nossa parcela de responsabilidade sim. Seguimos os cânones e a bíblia marxista, na qual se aprende que os trabalhadores braçais redimirão (?) os homens. Nesse contexto, um partido fundado e comandado por operários não tinha manchas nem pecados e não erraria. No Brasil, desqualificamos diariamente as elites como se fosse possível construir um país sem elas. Os intelectuais têm vergonha de pensar (fica mal num país com tantos analfabetos e ignorantes); a classe média (em extinção) sente culpa por não ter mãos grossas e calejadas e por ter de trabalhar cada vez mais para pagar as contas. Nesse quadro, é compreensível que um homem de origem pobre, com um projeto utópico de sociedade, viesse a encarnar com perfeição o tal messias redentor. É preciso assumir que recebíamos as críticas ao PT e a Lula como atitudes preconceituosas contra o povão. Não pudemos enxergar as contradições e os limites do partido e de seus dirigentes porque teríamos de admitir que o povão real não tem nada haver com aquele que encontramos nos livros e nas teorias

Helena Maria de Souza, Rio de Janeiro (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 26/11/2004)

Podemos perceber que, para alguns representantes do pensamento conservador, é muito complicado aceitar a idéia das classes populares no comando do nosso processo histórico.<sup>108</sup>

---

<sup>107</sup> Lembremos, nesse instante, daquilo que foi apresentado no capítulo dois sobre Oliveira Vianna. Segundo o intelectual fluminense alguns pensadores brasileiros se equivocam tentando vislumbrar um Brasil democrático, pois nossa história ainda é muito “jovem” e a população na está preparada para tal sistema. Assim, é necessário, primeiramente, “educar o povo”, para depois se pensar em democracia.

<sup>108</sup> Não é de se estranhar que versões historiográficas com o ponto de vista do “vencido”, “oprimido” tornem-se comuns. Um exemplo da história brasileira vista pelo “outro lado” é Trabalho, Lar e Botequim: O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque, São Paulo, Brasiliense, 1986, obra em que Sidney Chalhoub reconstrói a vida do Rio de Janeiro do final do século 19 e início do 20 a partir de processos crime, cujos principais personagens são membros das camadas populares.

Nesse sentido, povo organizado e democracia incomodam àqueles descrentes numa sociedade mais igualitária. Isso pode se manifestar das mais diversas formas. Tentemos verificar algumas.

Descrença e desvalorização do poder legislativo:

(...) Ninguém poderá criticar, por exemplo, os salários recebidos pelos nossos parlamentares mesmo que poucos produzam em favor da nação (...).

René Ruschel, Curitiba (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 04/12/2004)

Destaco outro fragmento com o mesmo sentido:

(...) Do jeito que estão agindo, merecem ganhar salário igual ao dos parlamentares que nada fazem (...).

Wilson Gordon Parker, Nova Friburgo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 04/12/2004)

Encontramos, inclusive, a velha idéia sobre ser o aprofundamento do processo democrático representativo gerador de um certo populismo<sup>109</sup>. Este seria prejudicial aos homens verdadeiramente sérios e com sólidos conhecimentos para conduzir o país, uma vez que as eleições transformam-se em “peças teatrais”, com o império da demagogia. Esse seria um fator ludibriador do povo, pois as camadas populares não estariam preparadas para distinguir os meramente populistas, daqueles verdadeiramente interessados no melhor para o Brasil. A seguir, uma manifestação com esse caráter:

Como brasileiro, acompanho a disputa entre o doutor Serra e a nobre prefeita de São Paulo, até porque sempre o PT fez do Estado de São Paulo seu objetivo estratégico. José Serra foi cassado no primeiro grupo de punidos em março de 64, foi presidente da UNE, um líder esquerdista. Foi para o exílio e só retornou anistiado. Não entendo a brutalidade que a militância do PT destina a um homem de esquerda. A violência não surpreende, pois de forma pior ainda os fascistas vermelhos, como os apelidou Rachel de Queiroz, trataram Mário Covas. O que me surpreende é a conduta do candidato Paulo Maluf, nitidamente a serviço do PT, que o execrava. Estou me desfilando do PP, depois de ter sido fundador da Arena, da qual o PP é o último rebento. Não

---

<sup>109</sup> Amplos setores da esquerda brasileira também embarcaram nessa crítica ao modelo pré-64. Em certo sentido, o filme *Terra em Transe*, do cineasta Glauber Rocha, apesar de ter sido produzido em 1967, pode ser encarado como uma severa crítica ao populismo brasileiro. Sobre o populismo ver :WEFFORT, F. (1978). Q populismo na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

mais temos um programa, segundo doutrina política, mas um desprezível jogo de interesses escusos

Jarbas Passarinho, São Paulo (Folha de São Paulo, 02/ 10/2004)<sup>110</sup>

Vejamos outra carta que trata do mesmo assunto, embora com uma sutil ironia:

Ao assistir ao debate na Bandeirantes entre os dois ilustres representantes da extinta esquerda festiva deste país e atuais representantes da direita mais retrógrada que já pude testemunhar, pude tirar de imediato algumas conclusões (...) Nada como a democracia, que, às vezes, nos prega algumas peças, pois os dois ganharam, e nós é que perdemos, pois temos que optar entre essas duas candidaturas

Nilton Nazar, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 17/10/2004)

Nesse sentido, deve-se, inclusive, evitar plebiscitos:

Cumprindo a sua função de bem informar o público brasileiro, a folha tomou uma lúcida posição no tocante ao projeto de lei de iniciativa popular preparado pela OAB, com apoio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em matéria de plebiscito, referendo e iniciativa popular legislativa. Permito-me salientar que, observando justamente a cautela preconizada pelo editorial Democracia Direta (18/11) no uso das consultas populares, o projeto de lei em questão não admite realização de plebiscitos sobre quaisquer matérias, como está atualmente na lei 9.709, de 1998. Pareceu, tanto à OAB como à CNBB, que as questões de costume devem ser obrigatoriamente submetidas à discussão parlamentar, e não decididas diretamente pelo povo

Fábio Konder Comparato, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 21/11/2004)

Percebemos que existe um “outro” e este é identificado com a possibilidade do caos, do medo, da destruição dos valores da boa sociedade. Este “outro” pode ser facilmente identificável, pois como ele está em oposição a um “nós”, seus valores, crenças e atitudes são os verdadeiros causadores do tumulto em que se encontra o mundo atual.<sup>111</sup> Identifiquemos e

---

<sup>110</sup> Jarbas Passarinho foi ministro do Trabalho, da Educação e da Previdência no regime militar (1964-1985) e da Justiça no governo Collor (1990-1992). Em 1964 era chefe do Estado Maior do Comando Militar da Amazônia. Foi um daqueles que assinou o Ato Institucional número cinco, em 13 de dezembro de 1968. Durante sua existência, o ato produziria a cassação de 94 deputados federais, 4 senadores, um número igualmente grande de cassações em Assembléias e prefeituras, prisões de toda a sorte de adversários do regime militar, além de torturas, mortes, seqüestros e desaparecimentos.

<sup>111</sup> Sobre o assunto ver Kowarick, Lúcio. Viver em risco-sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano. Novos Estudos Cebrap, nº 63, julho de 2002, p.23-26.

recortemos três situações que sugerem a existência desse traço de pensamento dentre os leitores de jornais:

### 1) Preconceito aos homossexuais:

Gostaria de manifestar minha revolta em relação à novela Senhora do Destino, que, nos recentes capítulos, vem mostrando relações de duas homossexuais. É extremamente preocupante o alcance e a influência que essa novela terá sobre adolescentes e famílias que assistem. É vergonhoso como estão tentando tornar natural atos que são naturalmente desordenados, contra a natureza e a dignidade humana. Está mais do que na hora de a sociedade acordar e dizer um não a esse bombardeio de imoralidade que nos chega pela mídia.

Barbara Carvalho Pereira, Rio de Janeiro (Folha de São Paulo, 28/11/2004)

Assim, embora o conservador considere as pessoas “naturalmente diferentes”, existe um comportamento considerado natural, contra o qual esse “outro”, o “diferente”, irá se insurgir. Muito comum é o argumento ser deslocado para a figura de Deus. Este seria o ser que já haveria determinado aquilo que é considerado “natural”, tudo que estiver distante da concepção dos mandamentos divinos, mesmo que saibamos que isso pode ser bastante particular e individual, é considerado ameaça à sobrevivência da sociedade e da família.<sup>112</sup>

(...) Os demais temas tratados na novela, como o político corrupto, a prostituição e o seqüestro são casos de polícia. Homossexualismo é caso de moralidade, que fere os conceitos básicos da célula-mater da sociedade que é a família, pois, quando Deus criou o homem e a mulher, disse: “Crescei e multiplicai-vos”. E isso só é possível entre um homem e uma mulher de verdade. Se fosse para haver um terceiro sexo, Deus o teria criado. Quem quiser pode me chamar de preconceituoso, mas vejo no homossexualismo simplesmente pessoas recalcadas querendo influenciar outras pessoas com seu modo de vida

Edésio Cláudio Verduro, Presidente Prudente (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 05/12/2004)

Torna-se recorrente e bastante perceptível que, para o pensamento conservador, esses “outros”, com todo potencial desagregador do qual são investidos, “não estão satisfeitos em guardar para si esse “perverso estilo de vida”, querem, na opinião de

---

<sup>112</sup> A religião está diretamente associada ao preconceito aos homossexuais. Segundo dados do ESEB 2002, 0% daqueles que se consideram ateus acreditam que os homossexuais “são pessoas com comportamento errado”, esse número atinge 63,2% quando se trata daqueles que se auto-proclamam evangélicos pentecostais.

alguns missivistas, “contaminar” o restante da sociedade com os seus valores decadentes, causadores de uma certa “doença social”.<sup>113</sup>

(...) Uma sociedade é aquela em que, ao serem detectados seus males, procura-se o remédio para curá-los. Se um homem foi feito homem, ele é homem. Se uma mulher foi feita mulher, ela é mulher. Assim como  $2 + 2 = 4$ . Será que é tão difícil de entender? Além do que, o ser humano é diferente do animal, porque, ao fazer suas escolhas, usa da inteligência e da vontade. A felicidade no homem vem do exercício das faculdades próprias de cada ser, sabiamente formado pela natureza. Cada coisa tem o lugar certo para funcionar e, quando o homem resolve, por conta própria, alterar essa ordem, o que acontece é que uma minoria hedonista e revoltada tenta aliciar muitos para não chafurdar sozinhos. É um triste retrato da animalização do homem

Cristina Pacheco, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 10/10/2004)

Aliás, o caos gerado por esse “outro” acaba, nos meandros do pensamento conservador, criando a **necessidade da autodefesa**. Tudo é possível quando se está defendendo a sociedade ou a família da ação daqueles que querem subverter aquilo que é concebido como “a ordem natural das coisas”.

O leitor José Alfredo Guimarães, na carta “Violência no Campo” (25/11), comenta a reação dos fazendeiros mineiros e a opinião do ministro Roberto Rodrigues e nos alerta de que assassinato é crime. Isso significa que, se um ladrão entrar na minha casa e eu atirar nele e mata-lo, eu vou ser julgado como criminoso? Eu só queria entender

Hermínio Silva Júnior, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 27/11/2004)

---

<sup>113</sup> Segundo dados do ESEB 2002, 33,4% das pessoas entrevistadas consideram os homossexuais “*peças com comportamento errado*”. Porém, quando questionados sobre um programa de televisão, que defende o casamento entre pessoas do mesmo sexo, ser censurado, a parcela que “*concorda muito*” com tal ação chega a 54,9%. Segundo Kátia Nishimura, “com o aumento do grau de instrução, a tendência a considerar homossexuais “*peças como quaisquer outras*” é maior” (49%). Nishimura, Kátia M. Conservadorismo Social: Opiniões e atitudes no contexto das eleições 2002. Opinião Pública, Campinas, 10 (2), Outubro, 2004, p.334.

## 2- Condenação à prática do aborto:

Outra atitude condenada pelo pensamento conservador é a liberdade feminina com relação ao corpo, mesmo quando o assunto é um feto que não tem a menor possibilidade de sobrevivência, caso dos anencefálicos<sup>114</sup>. Vejamos algumas manifestações nesse sentido.

De há muito eu estava aguardando , vinda do governo do PT, essa investida contra o nascituro. Não é à toa que, em um sem número de legislaturas passadas, esse partido, tradicional e reiteradamente, tem apresentado projetos liberalizando liberalizando o aborto. Quando da elaboração do Código de Ética Médica, quando eu defendia, em plenário, um artigo de minha autoria que garantia ao médico o direito à objeção de consciência para assunto que envolvesse essa matéria que, embora lega, fosse contrária aos ditames de sua consciência, um delegado, falando contra e defendendo sua rejeição, fez, em alto e bom som, a seguinte declaração: Nós do PT temos um acordo com as feministas para liberar o aborto e esse artigo dificulta esse propósito. Deus tenha piedade dos pobres nascituros.

Herbert Praxedes, Niterói (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 12/12/2004)

Dentro desse contexto, a ciência e a moral estão juntas:

(...) Os insensíveis instrumentos do aborteiro não são um bem para a criança nem para os órgãos reprodutivos da mulher. É menos ainda para o instinto materno e para a vida que está por vir, mesmo que seja curta após o parto. Inegavelmente, é menos agressivo para o corpo e para a moral das pessoas envolvidas o nascimento natural da criança com anencefalia do que a eutanásia pré-natal. Uma vida foi gerada, ela é digna e humana, como todas. E esse é o direito dela, a vida é da criança, e não da sociedade ou dos pais, e por isso o seu fim deve acontecer naturalmente, eticamente

Daiana Ruff, Porto Alegre (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 22/08/2004)

Vejamos outro caso:

Quando soube da decisão do STF, senti uma alegria e um alívio enormes! O fato de uma criança ser diferente ou simplesmente ter um tempo de vida pequeno não pode ser motivo para ser tratada como um monstro. O bebê anencéfalo tem genoma de ser humano, movimenta-

---

<sup>114</sup> No dia 20 de outubro de 2004, por 7 votos contra 4, foi cassada pelo plenário do Supremo Tribunal Federal a liminar expedida pelo Ministro Marco Aurélio em 1º de julho de 2004, que reconheceu o direito constitucional ao aborto a gestantes que, comprovadamente, fossem mães de fetos anencefálicos, ou seja, portadores de uma má-formação cuja característica é a ausência de cérebro. Tal situação leva o bebê à morte algumas horas após o parto. Durante o período do julgamento do caso houve forte pressão da igreja católica para que os ministros proibissem o aborto em tal situação.

se, deglute o líquido amniótico, urina e responde a estímulos. Por isso deve ser respeitado até sua morte natural. Por que matá-lo?

Ana Cecília de Campos Sampaio, Rio de Janeiro (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 22/10/2004)

De maneira diversa, a ciência pode ser encarada de maneira negativa:

(...) Quem são os cientistas para dizer que é lícito matar um bebê antes de seu nascimento?

Cristina Pacheco São Paulo, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 27/11/2004)

Segundo dados do ESEB (Estudo Eleitoral Brasileiro) 2002, 35,9% dos entrevistados acreditam que o aborto “deve ser proibido em qualquer situação”. Entre aqueles que professam a religião Mórmon, Adventista e Testemunha de Jeová esse número atinge a casa de 65,4%. Entre aqueles que afirmam que “não tem religião” a percentagem é de 24,3%. Sobre a pesquisa, comentou Kátia Nishimura:

Os posicionamentos mais conservadores, que defendem a sua proibição (aborto) em qualquer circunstância, localizam-se entre aqueles com mais idade, mais pobres e menos escolarizados. A opinião de que o aborto deve ser proibido de forma incondicional concentra-se na faixa dos 60 anos ou mais, entre aqueles que não tem renda ou com renda de até um salário mínimo e com pouca instrução<sup>115</sup>

## 2- Sentimento de degradação da sociedade

É muito interessante perceber que para o pensamento conservador os valores trazidos por esse perigoso “outro” acabam por serem os responsáveis pela própria desagregação social. Assim, se a sociedade está degradando-se devido à ação dos diferentes, quais seriam as medidas profiláticas a fim de trazer de volta a paz e a tranquilidade de outrora? Acompanhem algumas cartas dentro desse contexto.

A análise de Gilberto Dimenstein no texto “Pais, estudantes e o medo de seqüestro” (Cotidiano 19/8), sobre o medo de seqüestro de estudantes das escolas de classe média e alta da cidade ficaria completa se abrangesse também o medo que os pais da classe baixa têm de que seus filhos sejam seqüestrados

---

<sup>115</sup> Nishimura, Kátia M. Conservadorismo social: Opiniões e Atitudes no Contexto da Eleição de 2002. *Opinião Pública*, Campinas, 10 (2), p.357.

por traficantes nas imediações de escolas públicas. Ao contrário da classe média e alta, essa classe baixa não consegue o apoio do poder público para evitar essa situação, mas com certeza, o clima de pânico é o mesmo

Luiz Carlos dos Santos, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 21/08/2004)

Percebamos que, no contexto do pensamento conservador, a desigualdade é um dado muito próximo do natural e que existe uma quase certeza do desamparo para as classes menos favorecidas com relação ao Estado<sup>116</sup>. Caberia perguntar, para pensar em um problema contemporâneo, se essa não é uma razão para os filhos dos extratos menos favorecidos estarem “na alça de mira” do crime organizado, especialmente dos narcotraficantes.

Continuemos no rastro do medo...

O grande eleitor das eleições modernas é o medo. Todo mundo quer segurança. Qualquer mudança é aterrorizante. O empresário Mario Amato, em 1989, semeou o medo entre os eleitores (...) Regina Duarte, a namoradina do Brasil, tentou aterrorizar os eleitores do Brasil. Lula, que reclamou muito das palavras da amedrontada artista, ficou com medo e tratou de mudar o medo de lugar. Conseguiu e foi eleito (...) Marta Suplicy virou Marta Fevre e resolveu colocar o medo no colo do PSDB ao dizer que a eleição de José Serra para a prefeitura de São Paulo irá trazer o caos político para todo o Brasil. Não deixou por menos: transformou o medo municipal em terror nacional

Wilson Gordon Parker, Nova Friburgo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 11/09/2004)

Além do terror político há também, a possibilidade da degradação moral:

Assistindo a um famoso programa dominical por duas semanas seguidas, fiquei abismado com os assuntos reportados. Na primeira semana, entrevistaram uma criança (12, 13 anos?) que estava triste pois ainda não havia beijado uma menina na boca. E a repórter, toda interessada em resolver a pendenga, conversava com os meninos para saber o que eles achavam da “barbaridade”. Na segunda semana, a reportagem mostrava jovens que se vangloriavam de entrar em festas mesmo sem serem convidados (pulando muros, janelas...). Eu me pergunto: onde vamos para? Ou a sociedade perdeu o rumo das coisas ou os valores éticos e morais não valem absolutamente nada

Gilberto Ribeiro da Silva, Carapicuíba (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 04/09/2004)

---

<sup>116</sup> Oliveira Vianna chamou essa situação de “anarquia branca”. Uma estratégia de sobrevivência para as classes menos favorecida seria o agrupamento e o compadrio.

Vejamos outro caso mais claramente ligado à sexualidade:

Fiquei preocupada com a reportagem do Folhateen sobre o uso indiscriminado da pílula do dia seguinte entre jovens de 12 a 19 anos. Que padrão de conduta irresponsável pais, professores e a sociedade de um modo geral estão permitindo ao nosso jovem? Onde está a responsabilidade desses pais que admitem que seus filhos, numa fase de imaturidade física e psicológica, vivam a sexualidade de uma forma tão inconseqüente e degradante? Como estarão esses jovens daqui a dez ou 20 anos? Adultos saudáveis e realizados, em plena produção, ou engrossando a fila do SUS como portadores de doenças como câncer ou Aids? O útero dessas jovens estará em condições de conceber uma criança quando desejarem constituir uma família? (...) Não seria esse comportamento uma forma de prostituição? (...)

Nilce Maria de Souza, Pato Branco (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 03/09/2004)

Além de indicar a existência do caos, alguns apontam para a solução dessa situação. A **pena de morte**<sup>117</sup> eliminaria fisicamente esse “outro”, considerado pernicioso, algo muito parecido com uma higiene social<sup>118</sup>:

Penso numa opção que me parece melhor. Em vez de amenizar as penas para crimes hediondos para esvaziar as prisões, é melhor implantar a pena de morte para indivíduos considerados irrecuperáveis por uma equipe multidisciplinar

---

<sup>117</sup> Durante muitos anos o mais ardoroso defensor da pena de morte no Brasil foi o deputado Amaral Neto, o que o tornou um símbolo da direita. Outro que se beneficiou desse discurso foi o radialista Afanasio Jazadji, que se elegeu, seguidamente, deputado estadual em São Paulo. Na legislatura 2002-2006 propôs projeto de lei que revoga as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual. O mais interessante é a justificativa do deputado: o princípio consagrado pela Constituição da República de que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza”, garantindo-se a inviolabilidade do direito à vida, à igualdade e à propriedade. Ele sublinha a palavra “igualdade” e argumenta que a lei desiguala os iguais, ao mandar punir o que chama de “manifestação atentatória ou discriminatória praticada contra homossexual, bissexual ou transgêneros”, desfazendo do princípio da igualdade inerente à natureza humana. “Para essa lei, iguais são os homossexuais, os bissexuais e os transgêneros. Basta, segundo a lei, simples manifestação atentatória a eles e já haverá punição. Até mesmo este projeto, não fosse a imunidade parlamentar protegendo o mandato do Parlamentar, poderia ser tachada de ato ‘atentatório’ e, portanto, passível de punição”, argumenta o parlamentar. Sobre a questão da igualdade no universo contemporâneo ver o primeiro capítulo de *Ciladas da Diferença*, de Antonio Flávio Pierucci.

<sup>118</sup> Muitos pensadores acreditam que o clássico exemplo brasileiro de higiene social foi o caso da “reforma” da cidade do Rio de Janeiro, no início do século 20. Sobre o assunto ver Chalhoub, Sidney. *A Cidade Febril cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. Sevcenko, N. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 1993. Um exemplo mais próximo ao Brasil contemporâneo foi o aplauso público de amplos setores sociais ao “massacre do Carandiru”, referência a uma ação da polícia militar, em 1992, contra uma rebelião no extinto presídio paulistano, que redundou na morte de 111 presos do pavilhão número nove.

(psicólogos, psiquiatras, criminalistas). Em muito pouco tempo as prisões serão definitivamente esvaziadas

Roberto Sidney Varrone, Paraguaçu Paulista (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 29/08/2004)

Para o pensamento conservador o crime é fruto, numa sociedade de pessoas desiguais, de mentes degeneradas, pois seus atos possuem uma explicação em si mesmo, ou seja, pela própria maldade do agressor. Caberia, então, ao Estado disciplinar esses “vândalos” com a adoção de medidas disciplinadoras:

Fico abismada ao ver a ousadia dos bandidos, que roubam e matam como se algum direito tivessem sobre a vida de seus semelhantes. Não é possível que os governantes deste maravilhoso país vivam pacificamente com a situação tão grave e que não tomem nenhuma medida drástica a esse respeito. Não basta querer desarmar o cidadão honesto, pois este não mata senão em defesa própria. O que será preciso para que os senhores governantes instituem a pena de morte em nosso país?

Sueli de Sousa Alves dos Santos, Itapetininga (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 19/11/2004)

A idéia do exemplo para os demais membros da sociedade é fundamental para o pensamento conservador, uma vez que somente assim se poderá brevar a violência no país. Some-se a esse traço de pensamento o ideal da certeza da impunidade. Este seria um fator primordial para a escalada da violência no Brasil. Assim, a pena de morte, dentro do pensamento conservador, poderia retirar esse sentimento que estaria arraigado no inconsciente dos criminosos.

(...) O criminoso habitual não teme mais a cadeia. Pensa que não será preso e, se o for, fugirá da cadeia cedo ou tarde. Se for um “chefão”, mesmo preso continuará decretando a morte e o seqüestro de quem bem entender. Não há mais como discutir e não consultar a população sobre a conveniência da pena de morte e da prisão perpétua no Brasil. Como só o medo inibe o crime organizado, é preciso reformar a Constituição. Argumentar com cláusula pétrea é manietar a sociedade, impedindo-a de se defender. Se 100% da população quisesse a pena de morte, seria preciso fazer uma revolução, seguida de uma nova Constituição, só para modificar um item de um artigo? Revolução contra quem, se todos estariam de acordo? Instituída a pena de morte, com prioridade absoluta para o julgamento de recursos dos réus condenados, muitas vidas de inocentes poderiam ser poupadas

Francisco C. Pinheiro Rodrigues, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 17/10/2004)

Assim, dentro da agenda conservadora, somos naturalmente diferentes, inclusive uns são mais merecedores de direitos sociais e políticos do que outros. As justificativas seriam o nascimento, o mérito, o trabalho, a ordem, a obediência aos valores tradicionais. Estão aí edificadas as bases para uma sociedade desigual e profundamente autoritária, a final de contas, é “natural” que uns devem deter mais possibilidades do que outros.

A ciência mostra que uma sociedade igualitária e democrática é uma utopia irrealizável:

O ser humano gasta mais recursos naturais do que a Terra pode repor (...). E triste é saber que, se todos os habitantes do planeta tivessem o padrão de consumo médio dos americanos, seriam necessários atualmente três planetas Terra. A utopia de um mundo melhor para todos não é um sonho, mas somente uma impossibilidade

Aurélio Nunes Rolan, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 24/10/2004)

Através dos traços apresentados até aqui se percebe que o pensamento conservador está ligado à construção de uma sociedade desigual, portanto antidemocrática. Assim, vamos tentar enxergar alguns pontos ligados a essa visão de mundo. As justificativas para as abissais diferenças sociais existentes no Brasil<sup>119</sup> podem estar escoradas em diversos pontos, tais como o mérito ou a necessidade do emprego do autoritarismo. O objetivo é evitar a degradação<sup>120</sup>. Dentro desse contexto até a tortura pode ser considerada válida.

Causa pasmo a recente manifestação do sr. Ministro da Justiça, em que afirma que, apesar da Lei dos Crimes hediondos, a criminalidade não diminuiu. Ora, pena é castigo, e quem comete um crime hediondo merece castigo na idêntica proporção. Pouco importam as estatísticas ou os “critérios sociais”. O que interessa é que o delinquente fique confinado todo o tempo a que foi condenado. Creio estar na hora de termos no Ministério da Justiça um defensor da sociedade (quicá um membro do Ministério Público), porquanto ilustres advogados de defesa, caso de nosso ministro, não estão, com efeito, propiciando o sossego que a sociedade brasileira espera

Rubem Prado Haffmann Júnior, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 13/08/2004)

---

<sup>119</sup> Segundo a FIBGE, durante a década de 1990, os 10% mais ricos detinham 48,7% da riqueza nacional. Já os 50% mais pobres apenas 11,4%.

<sup>120</sup> Dentro desse contexto, para o pensamento conservador, medidas autoritárias possuem um caráter nobre. Também lembremos do capítulo um dessa dissertação, quando apresentei Roberto Romano comentando as obras de Hobbes e de Maistre.

Não se pode, inclusive, na visão do pensamento conservador, levar-se em conta a possibilidade da plena democracia no Brasil, uma vez que, desde nossa formação, elementos de caráter “inferior” constituíram-na. Justifica-se o racismo<sup>121</sup>:

Os colonizadores do século 16 teriam adorado estas tais terapias gênicas (...) pois, assim como elas acabam com a preguiça dos macacos, resolveriam o problema do banzo dos escravos e a indolência dos índios que se recusavam a trabalhar

Marina Helena Gonçalves Macrae, São Paulo (Folha de São Paulo, Paineleitor, 15/08/2004)

Pode-se apelar para o autoritarismo como uma medida enérgica necessária para que a sociedade “não desambe em bagunça”. Isso pode se dar em situações cotidianas, ou mesmo em explicações históricas.

Muito distante da realidade nacional (e do próprio cotidiano) a manifestação do ex-secretário nacional Antidrogas Walter Maierovith (...) Minhas escusas ao articulista, mas, na atividade policial nunca deparei com usuários de drogas conscientemente disciplinados e não consigo sequer vislumbrar a possibilidade de dependentes de drogas, ordeiramente, dirigindo-se às chamadas “narcosalas” para se drogarem, sob o olhar leniente do Estado a patrocinar tais recintos. O Estado tem, sim, que combater com rigor as drogas, inclusive mantendo criminalizado o uso de entorpecentes, pois, sem usuários a adquiri-los, não há traficantes a vendê-los

Antonio Vieira da Silva Hadano, Santos (Folha de São Paulo, Paineleitor, 22/11/2004)

Continuemos o que foi exposto com a seguinte carta:

Não vejo revanchismo na abertura dos arquivos da época do regime em que os militares impuseram a ordem no país, desde que o governo comece por publicar, na internet, também os graves fatos perpetrados por diversas de nossas autoridades atuais que as levaram ao exílio ou ao constrangimento de suas atividades naquele período. Quanto aos facínoras que se excederam na repressão, que se fez necessária, (...) Assim, já que não se pode impor o rigor da lei, devido à Anistia, a todos quanto exorbitaram na sua ação política, cumpre deixar como está, ficando para os historiadores a

---

<sup>121</sup> Oliveira Vianna insistiu na necessidade do “branqueamento”. Da leitura de Gilberto Freyre abstraí-se a idéia de “democracia racial”, ou seja, um país em que todas as “raças”, cada uma com sua “contribuição”, conviveriam em relativa harmonia.

tarafa de melhor elucidar o período quando tudo for  
passado remoto

Paulo Marcos G. Lustoza, Rio de Janeiro (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 25/10/2004)

Finalmente, agreguemos ao que foi apresentado à seguinte opinião de um leitor da Folha de São Paulo:

(...) Gostaria de ressaltar que todos os que conviveram com o general Vicente de Paulo Dale Coutinho sabem que ele foi um brasileiro honrado, que dedicou sua vida sua à família e ao seu país, de cujo interesse maior defendeu tanto quando, integrando a FEB, lutou contra os defensores do nazismo como quando, juntamente com seus companheiros de farda, impediu que fosse instalado no país um regime igual aos vigentes em Cuba, na Uniao Soviética e na China, responsáveis pelo massacre de milhões de seus cidadãos e que era o regime almejado pelos inimigos do país que ajudou a derrotar

Carlos N.M. Coutinho, Rio de Janeiro (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 05/11/2004)

Podemos, também, perceber que todos esses sentimentos podem ser justificados pelo mérito: uns possuem maior merecimento do que outros. Esse tipo de característica conservadora resvala nos mais diversos segmentos da sociedade brasileira.

A privatização dos serviços públicos deveria estender-se a vários outros setores, e não somente aos serviços cartoriais forenses (...) O fim da vitaliciedade, o mérito decorrente do desempenho e a racionalidade dos métodos de trabalho, por certo contribuíram para a desburocratização e para a conseqüente redução dos gastos com a manutenção de um serviço público que ainda deixa muito a desejar

José Claudio Curioni, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 03/10/2004)

## Contradições

Embora o pensamento conservador apegue-se à crítica ao Estado centralizador, podemos inferir que no Brasil esses sentimentos apresentem-se de maneira bastante **contraditória** dentro de tal imaginário, uma vez que o Estado mínimo implica em diminuição de direitos à parcela significativa da população brasileira.

O encolhimento da incipiente classe média brasileira é a prova mais consistente de quão errada está nossa política econômica e social.

**Privilegiar** o setor financeiro em detrimento do setor produtivo, o assistencialismo em vez da criação de emprego e a **burocracia estatal no lugar da desregulamentação** vai aumentar cada vez mais o fosso que separa nossos indicadores socioeconômicos dos do Primeiro Mundo. Só nos resta torcer para que nossos dirigentes acordem, antes que esses mesmo fosso seja intransponível

Luigi Petti, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 15/11/2004)

Dentro desse contexto, a ausência, ou ineficiência do Estado em certas atividades é encarado de maneira extremamente negativa.

(...) Moro na periferia (Itaquera, zona leste) e já precisei de atendimento no Hospital do Planalto, que fica no meu bairro, mas simplesmente não havia médico ali (...) O meu relato é apenas uma forma de extravasar minha revolta diante do artigo do secretário e principalmente do seu primeiro parágrafo, no qual ele diz: "um sistema inovador, voltado à ampliação do acesso da população à moderna tecnologia, melhoria de índices de saúde e controle de doenças(...)"

Sirlene Francisco Barbosa, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 05/11/2004)

Essa posição vacilante presente no pensamento conservador pode, inclusive, estar vinculadas a questões de ordem moral.

O papa João Paulo 2 disse que o comunismo foi, em algum sentido, um mal necessário. Disse ele: "De fato, pode acontecer que, sob certas situações concretas da existência humana, o mal revele ser de alguma maneira útil, na medida em que cria oportunidades para o bem". Então, eu, como católico, concluo que, perante a situação concreta de milhões de soropositivos para o HIV pelo mundo, o uso do preservativo, mesmo que a igreja católica diga que é um mal, se revela como um bem maior, já que cria oportunidade de vida para toda a humanidade

Luciano Garcia Resende, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 10/10/2004)

Acompanhemos outra carta sobre o assunto:

(...) A igreja não diz que a relação sexual deva visar sempre e exclusivamente à procriação, mas sim que o ato sexual deva sempre estar aberto à possibilidade da gravidez. Assim, o casal pode sim fazer sexo durante a gravidez ou, havendo motivo relevante (de ordem psicológica, financeira etc.), pode sim lançar mão de métodos anticoncepcionais naturais (como a "tabelinha"). A posição da igreja é eminentemente ética, compatível, aliás, com a ética kantiana (jamais tratar o outro como meio, mas tão-somente como fim), pregando a

responsabilidade diante da natureza e da pessoa humana, a qual é considerada, ao mesmo tempo e de modo indissolúvel, como corpo e alma

Edson Dognaldo Gil, São Paulo (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 15/11/2004)

## 2- “A questão social é um caso de polícia!”: O caso da manifestação dos trabalhadores informais de Campinas

Foi manchete do jornal Correio Popular, de Campinas, São Paulo, no dia nove de dezembro de 2004 o seguinte dizer (os grifos são meus):

A Polícia Militar reforçou o patrulhamento no calçadão da Rua 13 de Maio, ontem, um dia após o protesto dos camelôs, que espalhou o caos pelo Centro de Campinas. Equipes formadas por quatro homens monitoravam cada quarteirão. Não houve incidentes. O vice-prefeito Guilherme Campos Júnior, presidente da Acic, contratou escolta particular depois do **tumulto**. Além de ter sua loja sitiada pelos informais, o futuro secretário de Comércio, Indústria e Turismo da cidade afirmou ter recebido **ameaças**.

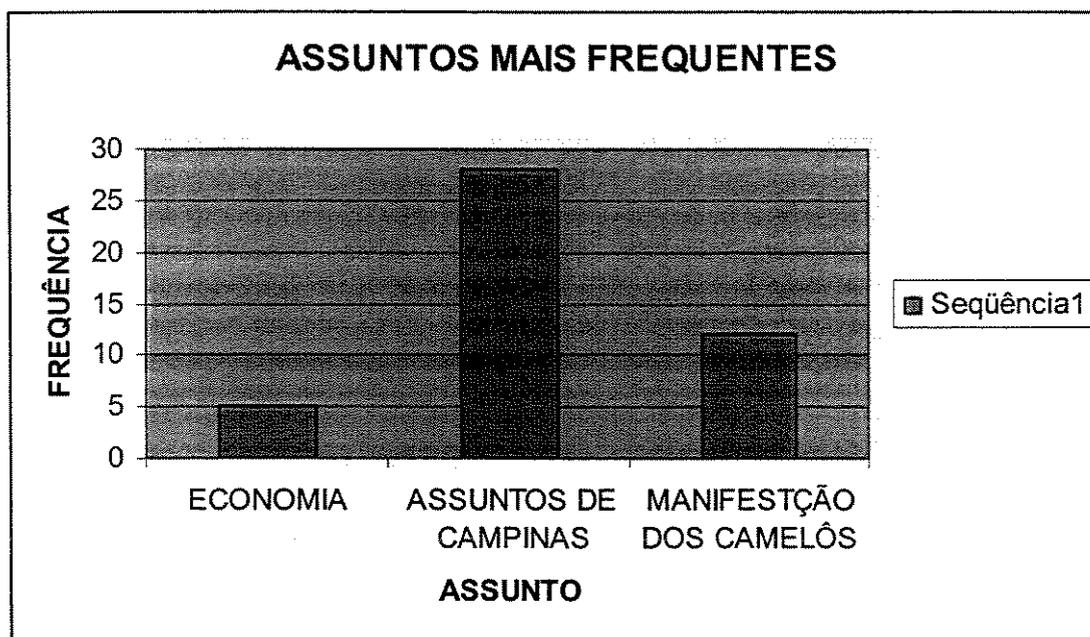
No dia sete de dezembro de 2004 os trabalhadores do setor informal de Campinas, São Paulo, realizaram um protesto contra aquilo que consideravam “abuso de poder” por parte de algumas autoridades policiais. Estas estariam, na visão dos camelôs, inviabilizando a sobrevivência da categoria com uma série de apreensões que não se justificariam, uma vez que os informais consideram que já pagaram pelas mercadorias que vendem e, nesse sentido, são os legítimos donos das mesmas. Deixando de lado o mérito da questão, ou seja, qual lado detém a razão no caso, tentemos registrar a maneira pela qual o jornal e os seus leitores encararam uma manifestação popular.

Logicamente, num contexto de imenso desemprego que assola o país, seria esperado que a população, em geral, e os meios de comunicações, em particular, fossem mais “complacentes” com a maneira pela qual uma parcela significativa da população se organiza para tentar estabelecer uma estratégia de sobrevivência.<sup>122</sup> Não obstante essa expectativa preliminar, a realidade mostrou-se bastante diferente. Lembremos que o pensamento conservador se

incomoda com a organização popular. Invariavelmente manifestações são classificadas como “bagunça”, “baderna”, geradoras de pânico e caos.

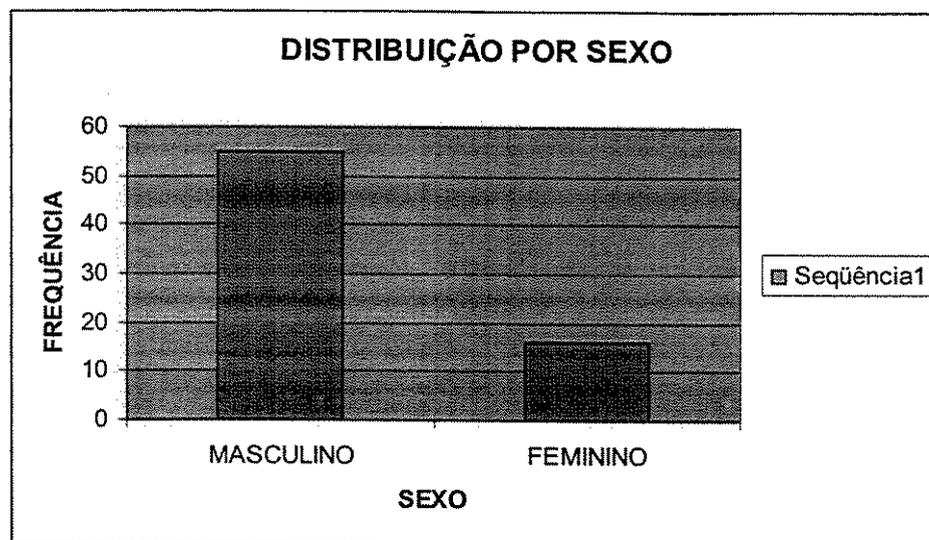
Verifiquemos, antes de mais nada, a compilação dos dados referentes a pesquisa na sessão Correio do Leitor, do referido jornal campineiro, com os dados sobre as cartas enviadas ao periódico naquele espaço de tempo. Assim, poderemos contextualizar os comentários dos leitores sobre a manifestação dos trabalhadores informais. Fica a lembrança sobre o apêndice ao final da dissertação, lá apresento a tabulação dos dados apresentados.

**Gráfico 4:** Os três assuntos que apareceram com maior frequência no período estudado



<sup>122</sup> Sobre a questão do trabalho precário afirmou Lúcio Kowarick para os Novos Estudos Cebrap, nº63, julho de 2003: “penso ser possível afirmar que está ocorrendo um vasto processo de desenraizamento do mundo do trabalho, na medida em que para muitos ele se tornou informal, instável e aleatório”, p.21.

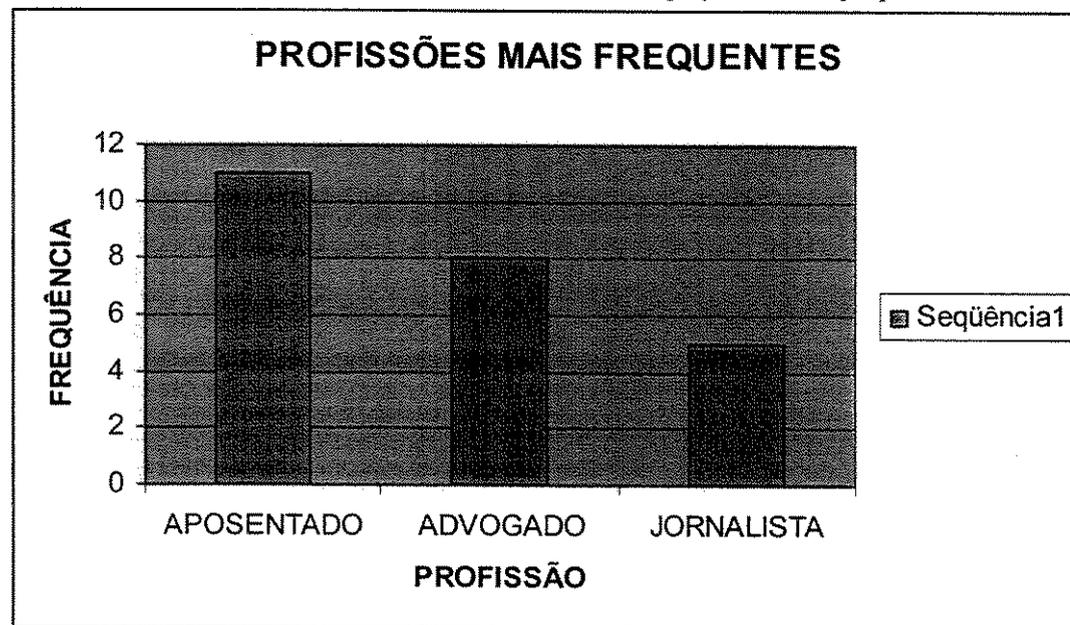
**Gráfico 5:** A distribuição por sexo do total de cartas remetidas ao Correio Popular.



**Tabela 2:** A divisão por sexo do total de cartas enviadas no período estudado.

DIVISÃO POR SEXO	NÚMERO	%
MASCULINO	55	77,46
FEMININO	16	22,54

**Gráfico 6:** Dentre os missivistas do Correio do Leitor as três profissões mais frequentes.



## Análise das cartas

Acredito que é necessário ao leitor conhecer um trecho da matéria do Correio Popular, publicada no dia 09 de dezembro de 2004, na página sete: (os grifos são meus):

Em virtude dos atos de violência que levaram ao caos à 13 de Maio na última terça-feira, o clima na manhã de ontem era de apreensão tanto por parte dos comerciantes quanto dos consumidores. “Fiquei sabendo da notícia por cima, por isso vim às compras. Mas se o meu marido soubesse do que realmente aconteceu, ele não deixaria eu vir ao centro hoje. É **perigoso**”, disse a dona de casa Adelaide Cardial Zotarelli, de 58 anos. De maneira tímida, algumas lojas deixaram para abrir suas portas a partir das 8h30, enquanto outras esperaram um pouco mais (...) Já para os consumidores, a meta era fazer as compras o mais rápido possível e voltar para casa. “Eu quero que seja feita justiça em relação aos camelôs. Nós campineiros merecemos respeito. Só estou me sentindo **segura** no Centro porque estou vendo bastante policiais por aqui”, disse a monitora Gilda Menezes, de 45 anos. (...) o delegado Voigt Júnior promete ser **enérgico**. “Vamos abrir inquérito. As pessoas que participaram do **tumulto** ontem no Centro da cidade serão identificadas e responderão inquérito pelo crime de formação de quadrilha e bando. O sindicato (dos trabalhadores informais) também será responsabilizado”, afirmou. A pena para esse tipo de crime é de um a três anos de prisão.

É sintomático que palavras como caos e tumulto, geradoras de um suposto pânico, que só poderia ser enfrentado, e superado, através de medidas disciplinadoras por parte da polícia, seja o fio condutor da matéria do referido periódico. No limite do argumento, lembra a velha expressão da época da república das oligarquias (1894-1930): “a questão social é um caso de polícia”, uma vez que o Correio Popular supervaloriza (repercute, para usar um jargão jornalístico) uma manifestação que resultou, segundo as próprias palavras do jornal, em “duas pessoas feridas”. Porém, se omitirmos esse dado, e o fiz de maneira deliberada, tem-se a impressão de uma verdadeira guerra tivesse ocorrido.

Baderna, bagunça, anarquia e total desrespeito. Isto foi o que aconteceu no dia 7 de dezembro na Rua 13 de Maio. Produto de uma política totalmente errada por parte da Prefeitura de Campinas. Política esta estabelecida pelo PT. Parabéns à Polícia Militar que soube atuar e defender a população dos baderneiros, pois trabalhador não faz o que foi feito. Quem quer trabalhar o faz em ordem. Não podemos permitir que atitudes desse tipo sejam aceitas ou caladas pela população de Campinas. Diga não aos camelôs, não compactue

com esse tipo de atitude que somente mostra o que há de pior. Não são todos, porém a grande maioria. A nossa Rua 13 de maio já está um lixo, somente faltava isso para dizer “Feliz Natal PT!”. A fiscalização tem que continuar, sim! O que for produto de contrabando, tem que ser exterminado, o contrabando tem que acabar.

Aléxis Pissarouk, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 13/12/2004)

Vejamos outras manifestações de missivistas do Correio Popular que aliam a visão do caos devido a manifestações populares à necessidade de medidas enérgicas para conter novas incursões com o mesmo viés.

É preciso distinguir questões sociais de selvagerias. É comum a complacência que temos com os excluídos. Claro, não se nega o desemprego, uma educação de ensino a desejar e outras mazelas da sociedade. Porém, não se pode admitir movimentos e protestos descabidos de pessoas com o intuito de tumultuar sem razão nenhuma. Punição severa a pichadores que emporcalham nossa cidade, bandidinhos de semáforo, pedintes vagabundos e, agora, esses manifestantes, bandidos, que, em nome de uma comunidade informal, se acham no direito de provocar quebra-quebra no centro da cidade.

José Henrique Antunes, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 12/12/2004)

Vejamos outra manifestação nesse sentido:

Lamentáveis as cenas do dia 17 de dezembro no Centro de nossa cidade. Verdadeiros arruaceiros e bandidos instalaram o caos no comércio campineiro. Até quando os lojistas devem suportar essa falta de comando? Precisamos de pulso forte contra esses camelôs que insistem em destruir o que resta de nossa querida cidade. Excelentíssimos senhores Guilherme Campos Júnior<sup>123</sup> e Mário de Oliveira Seixas não vamos esperar até o ano que vem, queremos providencias agora!

Edmundo Pontoni Machado, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 12/12/2004)

Podemos perceber que para o pensamento conservador as manifestações são contrárias à ordem. Pessoas ordeiras não tumultuam a sociedade com mobilizações e protestos. Embora o conservador esteja consciente dos problemas contemporâneos, considera que muitos deles foram causados pelas pessoas que migraram, nas últimas décadas, para os grandes centros

---

<sup>123</sup> A pessoa em questão é um importante comerciante da cidade, além de ser, à época, o vice-prefeito eleito. Repercutiram suas declarações que diziam que estava recebendo ameaças contra sua integridade física, embora não esclarecesse de onde partiam e qual era o teor das mesmas.

urbanos. Aliás, o protesto válido, na visão conservadora, é o dentro da ordem. Quem sai da ordem deve ser duramente reprimido.

Assistindo, no dia 7 de dezembro, às cenas chocantes de vandalismo praticada por camelôs, ou pseudocamelôs, na Rua 13 de Maio, fiquei indignado mais ainda quando uma repórter, ao entrevistar o comandante da Polícia Militar, insistiu em saber qual a penalidade que o soldado que deu uma cabeçada num indivíduo iria sofrer. Por que ela não perguntou qual a penalidade que os vândalos, que chutavam portas e jogavam pedras, iriam sofrer? Com certeza, o indivíduo que levou uma cabeçada não teria, antes, elogiado o policial. Já fui abordado inúmeras vezes em blitz de trânsito ou em campo de futebol e posso garantir que, se você trata o policial com respeito, ele jamais toma uma atitude agressiva. Para que chamar a polícia para conter vandalismo se a mesma for até o local só para assistir e até ser agredida? O policial é um ser humano e, a toda ação, cabe uma reação.

Antonio Carlos de Souza, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 11/12/2004)

Acompanhemos um exemplo que nos mostra como o “outro”, tão perigoso e que deve ser contido em nome da sobrevivência da sociedade, pode ser encarado como o elemento causador do sentimento de uma suposta decadência que o mundo assiste.

Quando se vivencia problemas como o episódio provocado pelos camelôs, na terça-feira passada, fica a pergunta: cadê a Campinas cultural e progressista que proporcionava índices de qualidade de vida invejáveis? Hoje, o que se assiste é uma demonstração de que a cidade se transformou numa terra sem lei e isso fica evidente (...) proprietários de glebas perdem suas propriedades em benefício de forasteiros que, atrás do rótulo de excluídos, geram verdadeiro caos na política habitacional do município, com sérios reflexos para a economia local e, principalmente, para a saúde pública. Come se isso não bastasse, há tempos se observa um verdadeiro “escoadouro” de cargas suspeitas, através de prática clandestina de comércio, em detrimento do segmento organizado que paga tributos e gera empregos e renda. E agora, cúpula retirante do Executivo e defensores dos Direitos Humanos: quem cuida da vida do vice-prefeito eleito Guilherme Campos Júnior? E, da nossa?

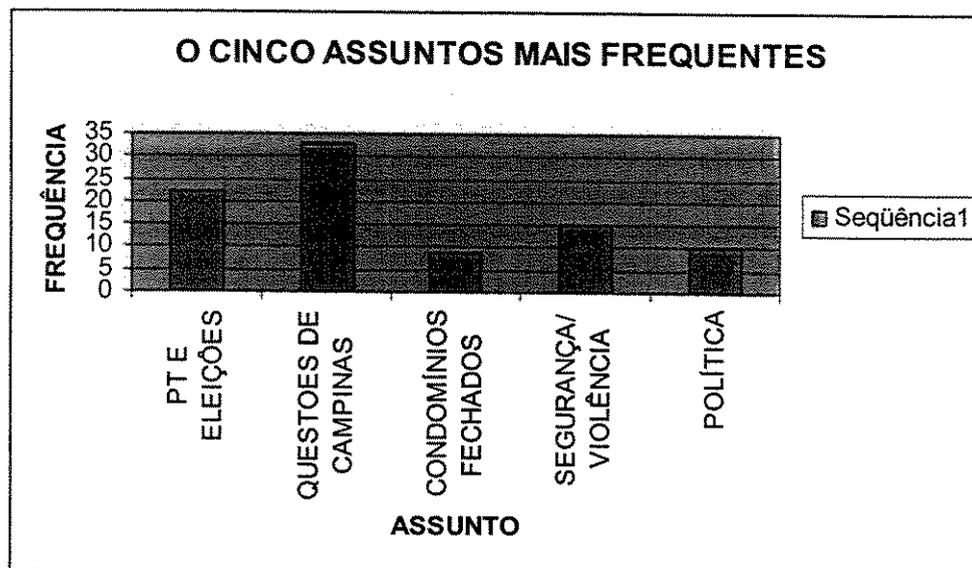
Maria Odette Ferrarri Pregnolato, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 16/12/2004)

### 3- O candidato Lula nas colunas dos leitores

Para avaliar as visões dos leitores sobre o candidato Lula observei o seguinte procedimento: Escolhi, aleatoriamente, durante o período de janeiro até dezembro de 2002, 150 cartas extraídas do Painel do Leitor da Folha de São Paulo. O mesmo fiz com o Correio do Leitor, do Correio Popular de Campinas. O resultado da pesquisa é o que se segue. Lembro, apenas, que para maiores detalhes há o apêndice ao final da dissertação.

#### Correio Popular

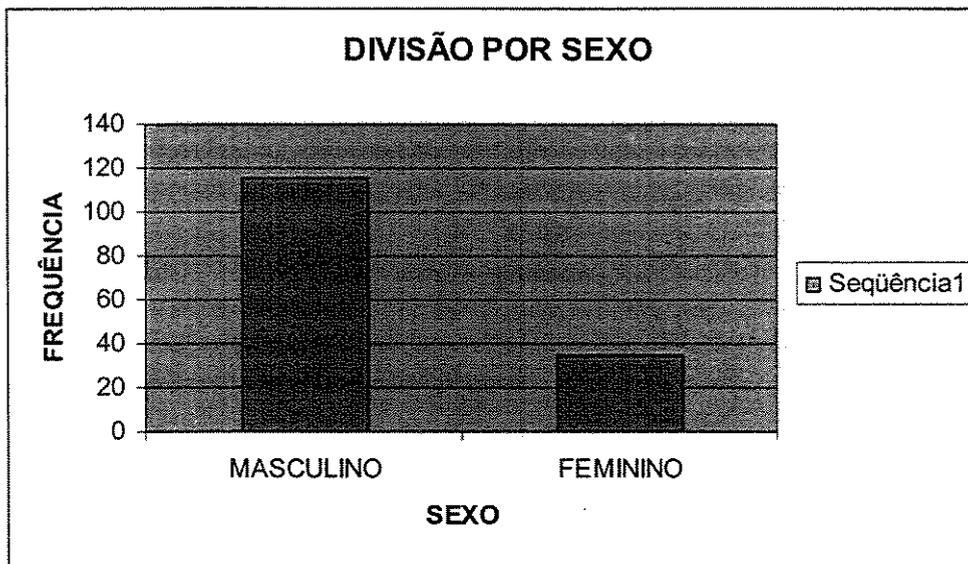
Gráfico 7: Os cinco assuntos mais freqüentes dentre as 150 cartas



**Tabela 3:** *Distribuição por sexo.*

DIVISÃO POR SEXO	NÚMERO	%
MASCULINO	115	76,66
FEMININO	35	23,34

**Gráfico 8:** *A distribuição por sexo das 150 cartas enviadas ao Correio do Leitor em 2002*



## Folha de São Paulo

Tabela 4: *Distribuição por sexo*

SEXO	FREQUÊNCIA	%
MASCULINO	106	70,66
FEMININO	44	29,34
TOTAL	150	100

Gráfico 8: *Distribuição por sexo das 150 cartas enviadas ao Painel do Leitor em 2002*

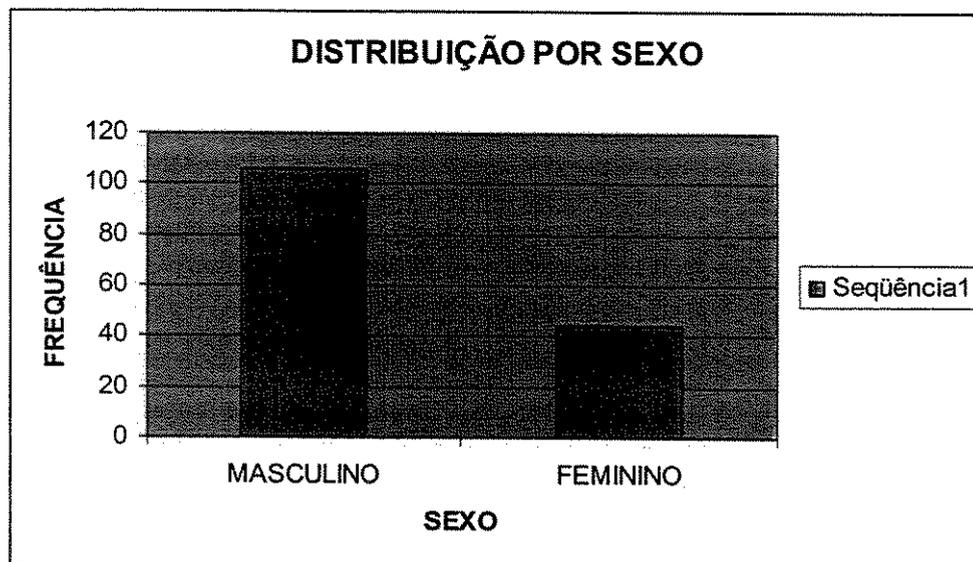
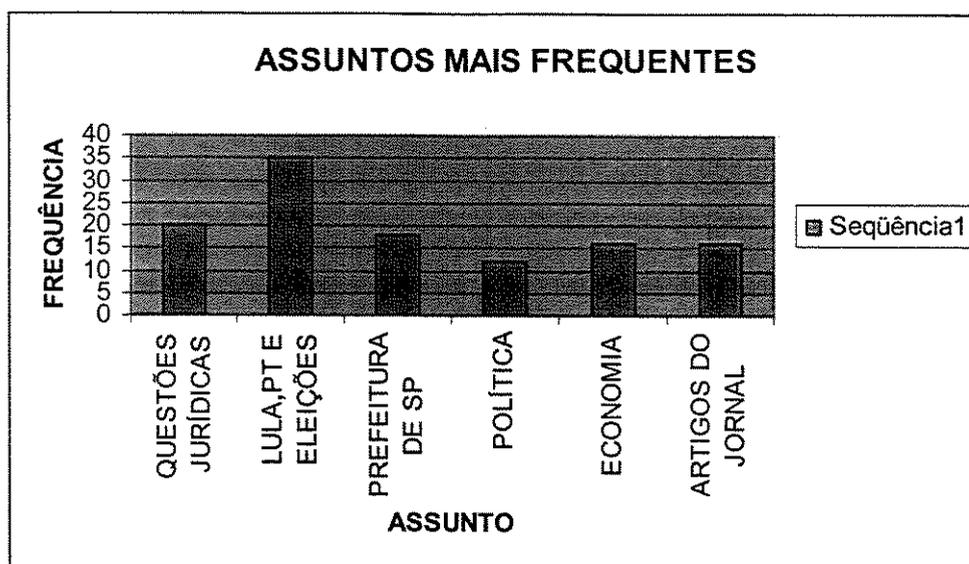


Gráfico 9: Os seis assuntos mais freqüentes dentre as 150 cartas pesquisadas na Folha em 2002



## Os objetivos

Durante a campanha eleitoral de 2002, procurei a opinião de leitores/eleitores sobre os rumos da eleição presidencial daquele ano. Para tanto, utilizei as colunas dos leitores dos jornais Correio Popular e Folha de São Paulo. Se, por um lado, o principal líder petista foi, ao longo dos anos, ganhando uma certa “confiança” do eleitorado, conseguindo finalmente superar essa barreira, à primeira vista quase intransponível, que foi sua condição sócio-econômica ao nascer em um país com os contornos e características do nosso, temos, de outro, um forte indício que algo está em transformação nesse cenário.

Apesar dessa constatação, sobre uma suposta alteração de nossa realidade excludente (que não é verdadeira), percebemos que determinadas explicações apresentadas como resistência a então candidatura Lula, desde as mais sérias, até as puras chacotas, apresentam-se ainda como uma considerável amostra do nosso ideário conservador. Ao lado delas, obviamente conservadoras devido a seus traços antidemocráticos, podemos encontrar outras que a primeira vista podem representar uma modificação da nossa realidade, mas que não resistem a uma percepção mais fina. Assim, abandonemos aquilo que supostamente possa ter mudado e que, aparentemente, seria o melhor caminho para uma análise e fiquemos com o que, de fato, não se modificou.

Talvez esse lado da moeda possa explicar o que se esconde atrás dessa aparente mudança de cenário, retirando a fumaça que esconde uma realidade bem menos transformada do que a vitória de um homem advindo das camadas mais populares para a presidência da república pode aparentar a primeira vista.

Vamos, dessa forma, analisar as colunas de leitores de dois jornais brasileiros, com o objetivo de encontrar elementos que possam nos revelar, através da manifestação espontânea de certa parcela dos “anti-Lulistas”, a quantas andava o nosso ideário conservador durante o momento eleitoral de 2002. Assim, percorrendo esse caminho, penso que poderemos pintar um quadro bastante interessante a respeito do nosso pensamento social, afastando o senso comum sobre uma sociedade que tenha realmente completado o processo de democratização. Poderemos observar que, na prática, muito daquilo que apresentei sobre Oliveira Vianna, permanece disperso e difuso no imaginário popular e é chave para explicações antidemocráticas, antiigualitárias, justamente quando pensamos ser uma democracia a efetiva oportunidade para que as camadas populares possam ascender socialmente, inclusive inserindo um de seus membros na principal função de comando do país.

O que gostaria de observar são as explicações dadas pelas pessoas ao não (e até mesmo ao sim, no caso de 2002) voto em Luís Inácio Lula da Silva nas eleições de 1989, 94, 98 e 2002. “Um anti-Lula de carteirinha”, é essa pessoa que estou procurando. Com relação a esse recorte há um outro fato bastante singular com relação ao material que manipulei. Em certo sentido, aquele que disse “não” ao petista nas três primeiras oportunidades e acabou votando neste na última oportunidade, dependendo da argumentação utilizada, também pode ser incluído nesse bloco que estou tentando delimitar.

É sabido que nenhum político, ou homem público, causou tanta polêmica e discussão quanto à figura do petista durante o correr das últimas décadas. Aqui não interessa o Partido dos Trabalhadores, já que se fosse assim estaríamos abrindo demais o leque e inviabilizando conclusões mais imediatas, embora esse seja um excelente objeto para futuras pesquisas.<sup>124</sup> Porém, o que penso valer à pena nesse momento é a abordagem sobre a própria figura de Lula.

Oriundo das camadas mais baixas da nossa sociedade, migrante da região menos rica do Brasil, aquela que Oliveira Vianna considera não possuir uma “índole tão recomendável”, e, portanto, extremamente incompreendida pelo imaginário das demais, operário, portador de

escolaridade formal de nível mediano. Enfim, esse é Lula. Uma pessoa com essa biografia como candidato a presidente certamente desperta, e despertou, toda uma série de preconceitos que o olhar cotidiano acostumado às coisas sabidas, porém não ditas, acostumou a calar, naturalizar<sup>125</sup>. Ao ler as colunas as quais tive acesso pude lembrar não só de Oliveira Vianna, mas também de Antônio Flávio Pierucci. Como sublinho no capítulo anterior, está claro e cristalino o grande medo dos conservadores. “Seu tique mais evidente é sentirem-se ameaçados pelos outros (...) Eles têm medo”, destaca o sociólogo.<sup>126</sup>

Assim, a questão do medo se torna algo indisfarçável. É como se aquela pessoa estivesse bem a sua frente bradando seu enorme medo pelo risco de entregar o destino da nação para alguém que, na visão dela, não possui a menor possibilidade de exercê-lo. E mais: o país comandado por uma pessoa como Lula se tornaria um caos, tal qual apregoava o então presidente da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) Mário Amato, em 1989, sobre os empresários abandonarem o país numa eventual vitória petista. Estão aí, nadando de braçada, como tentei mostrar nos dois primeiros capítulos, os traços antidemocráticos e antiigualitários, característicos do pensamento conservador. Pensando em âmbito mais geral, essas pessoas teriam, talvez, um pouco do pensador baiano Nina Rodrigues. Já outros, por sua vez, se aproximariam de Oliveira Vianna. Pensemos também que outra parcela se enquadre dentro do pensamento de um Gilberto Freyre. Porém, embora tipificados, existe uma clara intercessão entre eles: são unânimes em apontar o perigo pelo qual a nação está passando ocorrendo uma vitória de Lula. Há aqueles que até frisam que o petista seria adequado como coadjuvante na administração (começando como vereador ou prefeito de São Bernardo, por exemplo), porém ainda não seria possuidor do nível adequado para ser um presidente, “coisa de doutor”. Outros já possuem a capacidade de prever, estudando a nossa história, uma catástrofe anunciada e, dessa maneira, imploram a todos que abram os olhos enquanto há tempo. Metaforicamente, podemos dizer que se fantasiam de verdadeiros profetas

---

<sup>124</sup>Sobre o assunto ver: SAMUELS, David. (2004). As Bases do Petismo. *Opinião Pública*, Revista do Cesop, Campinas, 10(2), 221-241, outubro. MENEGUELLO, Rachel. *PT: a formação de um partido, 1979-82*. (1989). São Paulo: Paz e Terra.

<sup>125</sup> Sobre o preconceito contra Lula durante a campanha eleitoral de 2002 ver artigo de Luís Fernando Veríssimo, publicado nos jornais *O Globo* e *O Estado de S.Paulo*, em 15/10/2002. Ainda sobre o assunto, lembremos que Roberto Romano classificou Lula como “egocrata” e “totalitário”, a partir de uma entrevista dada pelo petista ao jornal *folha de São Paulo*, em 29/12/1986: ROMANO, Roberto. (1987). *Lux in Tenebris. meditações sobre filosofia e cultura*. Campinas: Ed. da Unicamp, p.141-142.

<sup>126</sup> PIERUCCI, Antonio Flávio. (1999). *Ciladas da Diferença*. São Paulo: Editora 34, p.58.

de um apocalipse anunciado. Por fim, existem aqueles que se auto-proclamam, possuindo legitimidade para tanto, filósofos denunciadores de uma revolução de cunho esquerdista em curso no país, que nos levaria paulatinamente rumo ao socialismo castrista ou chavista (alusão aos governantes de Cuba e Venezuela, respectivamente).

Certamente, o público assinante de jornal e que, ainda mais, o lê de uma maneira interativa, não corresponde à maioria da nossa população. Com bastante chance de acertar estou mirando em uma pessoa com certo nível de escolaridade e com uma renda mensal não muito baixa. É bastante provável que não sejam representantes das camadas mais populares do nosso país. Em suma, não são os mais legítimos conservadores populares de Pierucci, porém também não são os mais puros representantes da elite, já que não estamos englobando os jornais Valor Econômico e Gazeta Mercantil, leituras basicamente elitistas devido ao seu conteúdo focado no campo econômico. Não é difícil perceber que estou acertando numa mescla não muito equilibrada entre a amostra analisada por Pierucci e a de Maria Tereza Gonzaga Alves. Nesse sentido, o recorte que procuro remonta a pessoas que claramente não votaram em Lula nenhuma vez e continuam com medo de fazê-lo. Assim, eles possuem a missão de nos avisar dos perigos de tal nefasta escolha.

É bom explicitar que ao manipular o material encontrei uma situação inesperada. Não só aqueles que não votaram em Lula demonstram uma certa concepção conservadora. Também encontrei os que estão votando pela primeira vez, devido sua “guinada para melhor”. Estes também estão esbarrando nas pilastras conservadoras. Portanto, temos uma conclusão importante para esse fato: o que importa, primordialmente, não é exclusivamente o voto em determinada pessoa, pois isso apenas rotularia alguém disso ou daquilo. Na verdade, o que interessa é, após o anúncio da intenção de voto, a explicação, aí está o caldo de análise. Lembremos que Lula recebeu uma imensidão de votos “novos” (e que certamente foram responsáveis pela sua vitória) e que o perfil do nosso eleitorado, como bem mostrou Kátia Nishimura é conservador.<sup>127</sup> O que levaria esse conservador a votar em Lula? Obviamente, essa não é a proposta da presente pesquisa, porém pode-se aferir que esse eleitor sentiu-se “mais à vontade”, talvez por um sentimento de guinada “para melhor” do referido candidato. Aliás, embora seja um exemplo por demais enviesado, devido aos meandros da política-partidária, o

---

<sup>127</sup> NISHIMURA, Kátia Mika. (2004). Conservadorismo Social: Opiniões e atitudes no contexto das eleições de 2002. Opinião Pública, Revista do Cesop, Campinas, 10 (2), 339-367.

próprio candidato à vice-presidente José Alencar (PL), recorreu a esse argumento inúmeras vezes durante a campanha de 2002.<sup>128</sup>

Outro fator que por demais chama atenção e que nos indica um certo acerto nesse caminho de análise é bastante recente e extremamente ilustrativo. Vejamos a campanha publicitária do PSDB veiculada no ano de 2004: “Nós ensinamos o PT a ser governo, agora vamos ensinar a ser oposição”. O PSDB também possui o sentimento (para alguns, mal estar) que entre os dois não há muita diferença. Porém, o mais importante é o que está implícito: eles evoluíram para a nossa posição! Defendem os tucanos. Parece-me, nesse sentido, que a hipótese sobre a vitória lulista através de um viés conservador, numa sociedade, como veremos a seguir, com contornos extremamente conservadores, bastante plausível.<sup>129</sup>

---

<sup>128</sup> A revista Opinião Pública, vol.9, nº1, de maio de 2003, publicou uma pesquisa realizada em setembro de 2002, justamente o período pré-eleitoral. O estudo mostrava que mais de 50% dos entrevistados percebiam mudanças no discurso de Lula (para quase 46% dos entrevistados, Lula havia amadurecido e, portanto, estava pronto para governar). Aliás, diga-se de passagem, a maioria dos inquiridos avaliava que estas mudanças eram positivas. Ainda na mesma pesquisa, 80% mostravam uma opinião positiva sobre votar em Lula, mas destes, 24% se queixavam do medo em fazê-lo. De outra parte, 17,9% afirmavam que jamais votariam no petista. Nesse universo (medo ou rejeição pura e simples) destacavam-se as mulheres, os mais velhos e aqueles com renda familiar entre um e dois salários mínimos. Segundo o estudo, os fatores mais alegados para esta recusa eram o despreparo do candidato, a possibilidade de desordem e a perda de confiança de investidores internacionais. Em contrapartida, para quase metade dos entrevistados o passado operário e a trajetória de liderança sindical e política são aspectos que tornaram Lula preparado para governar. Nesse grupo destacam-se os homens e aqueles que têm renda familiar até um salário mínimo. Dentre os que consideram Lula mais preparado que outros candidatos para governar, destacam-se os homens e aqueles que têm renda familiar de até um salário mínimo.

<sup>129</sup> Idem. Acrescentemos, também, para nuançarmos os contornos conservadores de nossa sociedade que, segundo o ESEB 2002, 61,1% dos entrevistados que afirmaram haver votado em Lula nas eleições de 2002 diziam que *continuariam chamando o patrão por senhor*, mesmo que este lhe pedisse para ser tratado por você. Já 64,7% do mesmo contingente, caso fossem funcionários de um condomínio e recebessem o convite para freqüentarem a piscina do mesmo, agradeceriam e declinariam. Com relação ao *elevador de serviço*, 57,4% dos eleitores de Lula disseram que iriam continuar usando-o, mesmo que os moradores do prédio demonstrassem desejo do contrário.

## Medo Velado versus Medo Escancarado

Podemos classificar o medo (ou o não precisa ter medo mais!) dos leitores/eleitores em dois campos. Inicialmente aqueles que possuem um medo velado, criando inúmeras explicações para ele, aproximando-se do conservadorismo estudado por Alves. Cartas mais elaboradas, como as que possuem um medo mais escondido com relação ao candidato do PT, denunciam maior escolaridade aos autores, o que pode, por aproximação, nos fazer acreditar que estejam muito próximas do estudo sobre a nova direita. Outros leitores/eleitores possuem um medo nada escondido, ao contrário, não tem a menor cerimônia. Temem porque temem. No máximo, tentam formular justificativas que, pelo deboche e alto grau de preconceito, nem chegam a serem consideradas verdadeiras justificativas. Acabam se aproximando do estudo de Pierucci, sobre o conservadorismo popular.

Nunca duas palavras tiveram tanta repercussão quanto as palavras “tenho medo”. Na verdade, deveria ser “temos medo”, pois, além da Regina, milhões de brasileiros também tem medo. Medo de uma mudança radical que o PT quer impor. O sr. Lula pode até estar com boas intenções, mas o problema é que, se eleito, não é ele quem vai governar e sim o partido formado por extremistas radicais. O amigo de Fidel Castro está certo da vitória, e se ele vencer; após janeiro não adianta chorar o Lula empossado.

Walter Tavares de Andrade, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 23/10/2002).

Vejamos que os mais variados medos: do outro, do diferente, daquele que transformará “radicalmente” a nossa realidade, é uma característica muito presente no imaginário conservador.

Em relação às palavras do Sr. Antonio Carlos de Souza, publicadas nesta coluna, dia 21/10/02, referindo-se à juventude com medo, esqueceu-se de citar que o nosso medo é de pessoas sem capacidade que querem assumir cargos de extrema importância para decidir o futuro dos jovens e ainda por cima não reconhecem verdadeiros valores de quem se destaca com

muito esforço e é exemplo para todos como a nossa querida Sandy e seu irmão Junior.

Selma Soares, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 22/10/2002).

O mérito é um traço muito claro do pensamento conservador, pois sem ele todos teriam os mesmos direitos, ou seja, seriam iguais. O “medo” da edificação de uma sociedade em tais bases, representado pela vitória da candidatura Lula, é latente. Lembremos que a figura do petista, durante muito tempo foi associada a dois aspectos: despreparo intelectual, pois não possuía ensino formal e ociosidade, uma vez que “depois que se tornou político não mais trabalhou”. No caso da carta, o leitor acredita que a dupla musical Sandy & Júnior tenha mais méritos do que Lula, já que estes, no correr dos últimos anos, trabalharam mais do que o político.

Alguns textos tentam justificar o não voto em Lula argumentando a sua pouca ou nenhuma experiência administrativa. Para eles é importante um presidente possuir “preparo” para fazer um bom governo:

Para analisar os candidatos à presidência, temos além de suas propostas: de Garotinho, suas administrações em Campos e no Estado do Rio de Janeiro; de Serra, suas gestões como ministro (Planejamento e Saúde), secretário de Estado em São Paulo, deputado federal e senador; de Ciro, suas gestões na Prefeitura de Fortaleza e no Estado do Ceará.

E de Lula? Um mandato inexpressivo de deputado federal, que renunciou à reeleição (certa) para ficar no doce faz-nada de eterno candidato. E é o primeiro nas pesquisas. Não se pode encomendar um banquete no Itamaraty para quem nunca fritou um ovo

Carlos Antônio Anselmo Guimarães, Curitiba (Folha de São Paulo, Paineis do Leitor, 23/09/2002).

Outro leitor também apresenta a mesma preocupação:

Gostaria de fazer apenas uma pergunta ao candidato do PT à Presidência da República: como poderemos saber seu desempenho como governante se o mesmo nunca foi governador, senador ou prefeito? Se não me engano ocupou cargo apenas no legislativo. O exemplo que estamos tendo da administração petista não tem sido bom. Não tenho nada contra

o candidato, mas acho que ele deveria começar de baixo para poder provar para o povo o seu desempenho

Reinaldo S. Camargo, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 08/02/2002).

Há também aqueles que acreditam que uma pretensa falta de escolaridade formal de Lula seria um elemento agravante à sua inexperiência administrativa, vejamos:

O Brasil corre o risco de virar uma Argentina se os próximos governantes forem incompetentes. Esse alerta é do presidente da República. Ele só não citou o nome do Lula por uma questão de ética, mas percebe-se, nas entrelinhas, que a carapuça é para o petista, já que, entre os presidenciáveis, ele é o menos credenciado, inculto e sem nenhuma experiência administrativa. Como esse homem lidera as intenções de voto, temo pelo Brasil. Campinas com essa gestão petista negativa em andamento, justifica meu temor

Armando da Silva, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 08/02/2002).

Para alguns, a presidência assemelha-se à candidatura a um emprego:

Quando instituições querem contratar novos funcionários, não pedem saldo bancário nem declaração de bens, mas sim, alguns atributos necessários para que o funcionário desempenhe adequadamente suas atividades. No caso dos candidatos à Presidência da República, deveriam ser feitas a mesmas perguntas simples como: número de idiomas que domina, formação universitária, se tem doutorado, tempo de profissão, tempo de profissão antes de ser político, se já assumiu cargos como vereador ou deputado etc.

Mauro Augusto de Oliveira, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 08/02/2002).

Podemos dizer que outros eleitores/leitores acabam por mirar diretamente na questão da instrução formal. Acabam, inconscientemente, denunciando o *apartheid* social brasileiro. Sabemos que essa situação impede as classes sociais mais pobres frequentarem, por mais anos, os bancos escolares, a fim de possuírem um nível educacional mais elevado, fato que os releva às profissões de menor remuneração no mercado de trabalho e, conseqüentemente, menor prestígio social.

Você viajaria num avião em que o piloto fosse “democraticamente” substituído pelo faxineiro muito bem intencionado? A posição mais complexa do País, a que requer os melhores conhecimentos de economia, administração, conhecimentos gerais, cultura e muitos outros predicados necessários a um cargo de presidente, não pode ser entregue a qualquer um. Tenho vergonha de ser brasileiro, quando 40% dos eleitores prefere um semi-analfabeto para ser nosso presidente. Hoje, 75% dos brasileiros têm geladeira e TV a cores, catadores de papel andam de celular e os alimentos básicos estão com os preços praticamente estáveis há anos. Espero que nosso Brasil não se torne um Chile

Anônimo (Correio Popular, Correio do Leitor, 03/06/2002)

A clássica preocupação com a ordem também respinga sob a questão das eleições. No contexto da subida de Lula nas pesquisas de intenção de voto, mais uma vez o tema é levantado como uma verdadeira bandeira por aqueles que possuem medo de “democracia demais”, já que isso pode acabar gerando o caos.

Com a desculpa de associar ordem a ditadura, estão confundindo democracia com chiqueiro, a ponto de estarmos a beira de implorar por ditadura para ficarmos vivos. Toda a luta por democracia, tantos mártires, heróis e políticos bons vão para o mesmo balaio dos mais escroques criminosos, permissivos e demagogos. O Brasil, tão esplêndido em tudo em tudo, o melhor país para se viver e comer, temperatura perfeita, alegria solta no ar, liberdade, mistura de povos. Eu não admito que um país assim seja destruído pela desordem

Roberto Moreira da Silva, Cotia (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 08/07/2002).

Colocado o sentimento dos explicitamente conservadores, vamos a um dos mais significativos pontos levantados pelos leitores/eleitores conservadores. Eles estão preocupados com a mudança no tom do discurso lulista, agora conhecido como “light”. Mostram uma enorme desconfiança nessa atitude, demonstrando temor (sempre esta palavra) de que “quando ele chegue lá volte a ser um radical”. Sobre esse tema, o próprio comando da campanha serrista demonstrou extremo interesse em sua exploração. Noticiou o jornal Folha de São Paulo, dia 18 de maio de 2002:

O publicitário Nizan Guanaes, 44, marqueteiro da campanha do pré-candidato do PSDB à Presidência da República, José Serra...explicou que os filmes ainda estão em fase de elaboração, mas o conceito da campanha será mesmo de explorar a contradição entre as declarações de Lula de hoje e do passado. Guanaes selecionou, por exemplo, declaração de Lula em apoio à invasão de supermercados na Argentina.

Também estão sendo colecionadas frases em que o petista apóia invasão de propriedades por integrantes do MST (...). De acordo com que a Folha apurou...a campanha foi muito bem recebida por grandes empresários...a campanha pode servir para desmistificar a imagem “light” de Lula.

Vejamos dois comentários de eleitores entrevistados pela Folha para a sessão *Cabeça de Eleitor*, dia 18/09/02:

O advogado Helton Ney Silva Brenes, 23, diz que até pensou em votar em Lula (PT) nessas eleições, mas resolveu se manter fiel a Ciro Gomes (PPS). “Já votei em Ciro em 1998. Este ano, cheguei a cogitar votar em Lula, mas tenho medo dele. Não pelas propostas que ele apresenta agora, mas pelas do passado. Lula já botou muito medo na gente. Já Ciro não ameaça tanto. Ele é a mudança com segurança”, afirma.

Ana Paula Galo Alonso, 24, optou por José Serra. Segundo ela, é o candidato que apresenta mais coerência entre discurso e atitude. Ana Paula não vê a mesma coerência em Lula: “O Lula é um cara do povo. Mas ele resolveu usar ternos Armani. Ele deveria estar de camiseta como qualquer outro trabalhador que ele diz defende”.

A opinião desses dois entrevistados pela folha marca justamente a estratégia tucana de tentar jogar a opinião pública que Lula estivesse escondendo sua verdadeira cara, uma vez que seu passado “radical” não estaria totalmente apagado.

Outros chegam mesmo a identificar uma lógica histórica ao justificarem o seu temor por uma vitória petista:

Quem estuda história com um pouco de atenção, pode ver que tudo se repete. Outros países já viveram o que o Brasil vive.

O país vive anos reprimido por colonizadores, leva séculos para se livrar da empáfia feudal e depois passa para uma democracia vigiada. Aí, quando o povo se exalta, vêm os militares e ficam no poder por anos.

Depois vem a tão buscada democracia, que, com medo, solta seus freios. Logo vem os socialistas, aliados à direita e o seu jeito liberal teórico dá uma fase de sonho, mas empobrece o povo com tantos impostos. Então vem a revolta e os votos na esquerda. Em seguida, o povo, arrependido, volta a centro-direita, pois a esquerda é ótima na oposição, mas no governo acaba enfiando os pés pelas mãos - perde investidores e indústrias.

Se for esquerda boa, ao contrário de todas as das Américas, sai pelo voto - como em Portugal, na França, etc...

Mas, se for como em Angola, em Cuba e agora, pelo visto, na Venezuela, estamos fritos, pois só sai na bala

Roberto Moreira da Silva, Cotia (Folha de São Paulo, Painel do Leitor, 25/09/2002)

Ao mesmo tempo observamos a existência de verdadeiros filósofos do caos anunciado, uma vez que, através de suas autoridades intelectuais, constroem o quadro do terror. Afirma o jornalista e ensaísta Olavo de Carvalho á Folha, em 07 de janeiro de 2003:

O mais lindo espetáculo dos últimos tempos não foi a posse de Lula, escoltado por Fidel Castro, Hugo Chávez e uma penca de veteranos do terrorismo, numa praça adornada de bandeiras vermelhas e nenhuma do Brasil. O mais lindo espetáculo dos últimos tempos é a tranqüilidade com que, diante disso a mídia nacional assegura que não há mais comunistas em ação no mundo e que o país, no novo governo, tem o futuro assegurado de uma genuína democracia.

O reconhecido filósofo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Denis Lerner Rosenfield, em 08 de setembro de 2002, faz a seguinte declaração ao jornal paulistano:

De acordo com minha análise, a parte predominante reformista seria um terço do PT. No Rio Grande do Sul, a parte revolucionária é a predominante.

Para Olavo Carvalho está em andamento uma revolução comunista no Brasil, com a aquiescência da imprensa, notadamente esquerdista. Já para Rosenfield o termo revolução também é central. Em sua opinião o lado reformista do PT é extrato aproveitável do partido. Porém, os revolucionários são a maioria. Portanto, o Brasil está em perigo. Nesse sentido basta olhar para o estado do Rio Grande do Sul, até então governado pelo petista Olívio Dutra.

Podemos dizer, também, que existe o medo do radicalismo, pois Lula representaria os que nem sabem respeitar as divergências de opinião.

Causam-me espanto e medo as críticas petistas às atrizes Regina Duarte e Beatriz Segal. Radicalismo e Raiva é o que se nota. As críticas vão além das opiniões delas (como se dar opiniões fosse proibido). Partem para o ataque pessoal de formas grosseiras, desrespeitando o trabalho, o talento e a honestidade de duas atrizes que só fazem enriquecer a cultura no país. Quanto a Sandy e Júnior, é lamentável o que escrevem. Jovens que trabalham desde crianças merecem mais respeito. Eu também tenho medo do PT e de alguns petistas.

Nair Bonfim, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 22/10/2002).

Medo do comunismo:

País é como semáforo: ficou vermelho pára. O eleitor de Lula está pensando que vai votar num Fernando Henrique melhorado...conversa fiada. O FHC melhorado é Serra, não Lula. O PT vai empurrar o país para o socialismo bravo, sindicalista, castrista, com eficiência zero e quebra-quebra nas ruas e no campo. Seremos uma imensa repartição pública, uma Venezuela quebrada, esperando os quatro anos do santo officio passar

Fernando de Pina Figueiredo, Campinas (Correio Popular, Cartas do Leitor, 22/10/2002).

Outra classificação para o medo dos conservadores remonta a um público com discurso muito parecido com o descrito por Pierucci. Estes não escondem seus temores por trás de elaboradas teorias, são diretos: temem por que temem, são debochados, preconceituosos e não querem esconder.

Será que o Lula pensa que governar o Brasil, que já foi a 8ª economia do mundo, é o mesmo que presidir um sindicato classista do ABC paulista? Eu, como bom brasileiro, temo pela sorte do Brasil, numa eventual vitória do petista. Escudado na credence popular de que “Deus é brasileiro”, espero que Ele nos reserve uma grata surpresa com Serra vencendo no segundo turno desta eleição, para que as nuvens negras que pairam no ar não desabem sobre nossas cabeças. Amém.

Armando da Silva, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 19/10/2002).

Aliás, o temor deve ser escancarado, pois Lula claramente não sabe e não gosta de trabalhar. Qual outra explicação para ter perdido o dedo?

O leitor Marco Antonio de Araújo Bueno, em sua carta publicada ontem, depois de ofender-me dizendo que tenho pouco desenvolvimento mental, pergunta onde estive vagando nos últimos 35 anos. Estive estudando e trabalhando muito, caro leitor. Ao contrário do seu candidato Lula, que nesse período fez um curso rápido no Senai e trabalhou por três anos na Villares. Por sinal, trabalhou muito mal, o que lhe resultou um dedo a menos para sujar de graxa. Coisa que agora ele declara que não gostava de fazer.

Manuel Carlos Cardoso, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 27/09/2002).

Deve-se, inclusive, repudiar Lula por “amor a pátria”:

Segundo Rui Barbosa, três âncoras deixou Deus ao homem: O amor à Pátria. O amor à liberdade. O amor à verdade. Nestes dias tumultuados e indecisos nos colocamos a pensar: O nosso amor pela pátria – a Bandeira Brasileira é rica em cores e mensagens, de alegrias, esperanças, de luz intensa e não possui a cor e a estrela de quem quer governar: O amor à Liberdade – à escolha livre, respeitando o outro e não apenas criticando, se colocando sempre contra; o amor à Verdade – Há!, dias atrás, o senhor Luís Inácio mais o senhor Garotinho e o senhor Ciro não se entendiam e hoje se dão as mãos? Ainda há tempo...

Vera Menni, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 22/10/2002).

#### **4- O enclave fortificado e a questão da segurança pública: O caso do Alto do Taquaral**

Não há dúvida que a segurança pública é uma discussão das mais candentes na atualidade. No capítulo anterior, apresentei o trabalho de Kátia Nishimura, lá a pesquisadora já apontava ser esse tema um elemento que envolve amplos setores sociais. Acrescente-se a isso que há diversos dados e referências sobre uma provável vinculação entre o conservadorismo e uma certa noção autoritária de sociedade. Nesse sentido, as classes mais abastadas possuem uma maneira muito peculiar de enxergar nossas desigualdades, como já nos mostrou o trabalho de Elisa Reis. Porém, além da questão das percepções das elites sobre a pobreza e a desigualdade, também podemos aferir, através das colunas dos leitores dos jornais, como essas camadas mais abastadas enfrentam essa tão latente sensação de insegurança. Aliás, é possível afirmar que essa trilha a ser percorrida apresenta nítidas vinculações com as teorias viannistas, discutidas no capítulo dois.

Uma forma absolutamente palpável de se estudar as maneiras pelas quais as elites enfrentam a chamada insegurança é o famoso **condomínio fechado**. Durante o correr da última década do século vinte esse tipo de habitação tornou-se verdadeira coqueluche no ceio de determinada fatia da população, exatamente como uma reação à chamada insegurança. Assim, é muito sugestivo interpretar a maneira pela qual as camadas mais favorecidas consideram ser esse tipo de habitação o “melhor caminho” para a sobrevivência em uma sociedade que, aos seus olhos, “claramente está em decadência moral”.

Nas últimas décadas, a proliferação de enclaves fortificados vem criando um novo modelo de segregação espacial e transformando a qualidade de vida em muitas cidades ao redor do mundo (...) Enclaves fortificados são espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer ou trabalho.<sup>130</sup>

Segundo Teresa Caldeira, uma fração da elite vem migrando para uma nova forma de habitação, ao qual ela chama **enclave fortificado**. Estas localidades, além de residência, são dotadas de todos os serviços básicos e de infraestrutura. O objetivo é proporcionar maior “qualidade de vida” aos seus moradores. Sabe-se que o *locus* da pesquisa de Caldeira é a cidade de São Paulo, porém, sem medo de errar, podemos generalizar a discussão da pesquisadora para outras cidades brasileiras, uma vez que o aumento da criminalidade vem se tornando típico. Porém, qual a relação desse fenômeno com a questão do espaço e da democracia? É aí que Caldeira cunha o conceito da “cidadania disjuntiva”, uma vez que, enquanto a cidadania política se fortalece, a civil perde terreno<sup>131</sup>. Essa dicotomia redefine a noção de espaço público, tornando-o fragmentado e segregado. Não esqueçamos que o enclave fortificado é acompanhado pelo crescente número de favelas e moradias precárias. Nesse sentido, o enclave é, na visão de Caldeira, um novo estilo de vida, calcado na segurança e no *status*.<sup>132</sup>

Assim, pode-se dizer que na opinião de uma parcela significativa desse público abarcado pelo enclave, existe um “bando de bárbaros” a solta pelas ruas. Podem estar sozinhos ou organizados em grupos. O desejo mais profundo dessas pessoas seria matar, roubar, seqüestrar, estuprar, enfim, um desejo que tem sua explicação no próprio ato. Dessa maneira, “descobriram” uma maneira mais fácil de ganhar dinheiro, que é justamente querer se aproveitar daqueles que já trabalharam para amealhar isso ou aquilo. Assim, os “degenerados” (provavelmente oriundos de migração, possivelmente do nordeste) devem ser contidos a todo o custo. O Estado deveria, prendê-los, torturá-los, matá-los... Ao contrário, devido à ausência dele, o cidadão deve agir com as próprias mãos, sozinho ou organizando-se. É dessa maneira

---

<sup>130</sup> CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Enclaves Fortificados: a nova segregação urbana, *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap, março de 1997, n 47, 155-176.

<sup>131</sup> Esse sentimento é compartilhado por Lúcio Kovarick: “creio ser possível afirmar que não há déficit de democracia política no Brasil. O mesmo não se pode dizer dos direitos civis, em particular no que se refere a igualdade perante a lei e à própria integridade física das pessoas”. Kovarick, Lúcio. Viver em risco, sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano, *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap, julho de 2002, n°63, p.10.

<sup>132</sup> CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros*: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. (2000). São Paulo: Editora 34/EDUSP.

que surge o enclave fortificado. Ele pode ser fruto da especulação imobiliária, através da construção de novos condomínios, ou do fechamento de ruas de bairros de classe média alta.

Dentro desse contexto, aconteceu amplo debate na imprensa, notadamente na coluna dos leitores, durante boa parte do ano de 2002, sobre os chamados condomínios fechados. Aproveitando o *corpus* oferecido pelo Correio Popular (que já apresentei no item anterior) apresento, a seguir, algumas cartas com o referido tema.

É assim que encontraremos os moradores do bairro de classe média alta, Alto do Taquaral, tentando justificar o fechamento das ruas em seu entorno, com o objetivo de transformar a localidade em um condomínio fechado. A prefeitura de Campinas, à época, recusava-se a autorizar o fechamento, fato que gerou polêmica.

Será preciso informar à prefeita que, ainda mais agora com a abertura do shopping Parque Dom Pedro, o Parque Alto Taquaral ficou ainda mais perigoso? A prefeita demonstra ter um problema quase pessoal com o Parque Alto Taquaral e seus moradores, já que, além de deixá-lo liberado para os bandidos ao derrubar suas cercas, na última quinta – feira, ainda deu total apoio para que as vias de acesso ao shopping Dom Pedro passassem desnecessariamente pelo bairro. A prefeita preza muito o direito de ir e vir dos bandidos, porém desrespeita completamente o direito à vida dos cidadãos honestos de Campinas

Milena Escabeche, Campinas. (Correio Popular, Correio do Leitor, 13/04/2002).

Quais as razões que levariam a leitora considerar a construção de um *shopping* um fator que elevaria a insegurança do bairro campineiro de elite, Alto do Taquaral, localidade de intensa especulação imobiliária (diga-se de passagem, extremamente favorecida pela construção do empreendimento em questão) e que possui uma população com um nível socioeconômico bastante acima da média?

Parece bastante plausível que a missivista considera o incremento do afluxo de público ao bairro um problema. Diferentemente de uma crença tradicional sobre assaltos e crimes acontecendo em lugares ermos, de pouca circulação populacional, uma significativa parcela da população vê com maus olhos justamente esse ir e vir de pessoas. Portanto, o problema reside nas pessoas que passarão “desnecessariamente” pelo bairro. Muitos diriam que um *shopping* é uma obra de cunho particular, privada, reforçadora do sistema capitalista. Porém, abandonemos esse viés para enveredarmos por outro caminho.

Ao contrário de outros centros comerciais desse porte, que cobram estacionamento ou não possuem um razoável número de linhas de ônibus para o acesso, ficando muitas vezes isolado em meio a uma estrada, o centro de compras “Dom Pedro I” pretende atender uma faixa mais ampliada da população, não só da cidade de Campinas, mas de toda a região metropolitana que ela compreende. Dessa maneira, os moradores que desejam tornar o seu bairro um enclave fortificado, apontam para a necessidade de um verdadeiro *apartheid* social, pois estão com medo da frequência de uma fatia da sociedade não muito “selecionada”. Por consequência, o crime seria muito mais possível!

Dentro dessa lógica o Estado deve cumprir sua missão e proteger a “gente fina” dos desconhecidos. Ao não fazer isso a prefeita daquela cidade<sup>133</sup> está protegendo os futuros infratores da lei. Aliás, esses comentários acima transcritos estão, justamente, num contexto em que a referida prefeita campineira havia condenado uma ação *hollywoodiana* da polícia paulista ao prender alguns bandidos na região de Sorocaba-SP, fato que fez ampliar ainda mais a ira dos moradores contra a figura pública em questão. No mais, se um habitante de um dos mais abastados bairros de Campinas está insatisfeito com a prefeitura e a estrutura do local, o que dizer sobre o morador do bairro Parque Oziel, maior núcleo residencial formado a partir de ocupação de toda América Latina e que também está localizado na cidade de Campinas? Notemos, como sublinhou Caldeira, os enclaves surgindo paralelamente a moradias precárias.

Vejamos outra carta tratando do mesmo assunto:

Estamos vivendo há muito tempo um período de guerra. Com a falta de verba, deveria haver colaboração da sociedade com o poder público de modo a unir cada vez mais a todos contra o inimigo comum. É o caso dos bairros que se fecham para se defenderem. São áreas em que o poder público fica liberado de policiar, podendo utilizar seu pouco arsenal em outras áreas mais carentes. Guerra é época de exceção. Vamos nos unir nessa luta inglória até que um dia consigamos voltar ao equilíbrio.

Rubens Duarte Segurado, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 03/05/2002)

Acompanhando esse tema, inevitavelmente surge a discussão sobre a falência do Estado no setor da segurança (um dos motivos alegados para a edificação do enclave) e a

---

<sup>133</sup> Izalene Tiene (PT). Assumiu o cargo após o assassinato, em 10/09/2001, do até então prefeito Antonio da Costa Santos, o Toninho do PT.

necessidade da autodefesa, ou seja, os cidadãos devem pegar em armas, com o objetivo de defender sua propriedade.

Primeiro, o presidente desarma a população ao invés de desarmar os bandidos. Depois, a prefeita tenta invalidar o decreto-lei do saudoso Magalhães Teixeira que pode transformar bairros em condomínios fechados. E, na calada da noite, usando a Guarda Municipal, armada e pagando horas extras aos funcionários, a Prefeitura derrubou os alambrados do bairro Alto Taquaral. O único recurso que restou para nos defendermos dos bandidos foi instalar cercas eletrificadas, mas nem isso poderá ser feito pois a Câmara Municipal votou um decreto dificultando a instalação das mesmas. Parece que os políticos optaram por favorecer os bandidos

J. Bueno, Campinas (Correio Popular, Correio do Leitor, 15/05/2002).

Obviamente abstrai-se desse texto que estamos vivendo uma batalha e que o poder público deve tudo fazer para que se aniquile o adversário. Como o Estado está falhando na sua missão, uma vez que o leitor em questão está impedido de formar um enclave fortificado, deve-se apelar às armas.

Ainda sobre esse assunto, já em 2005, passada a euforia inicial com relação ao tema, os condomínios voltaram aos holofotes da mídia. Porém, o enfoque já era outro. Foi manchete do Correio Popular, em 10 de janeiro de 2005: *“Quadrilhas põem à prova segurança dos condomínios”*. Vejamos o que foi publicado na página quatro:

Antes consideradas ilhas de segurança pelo forte aparato de recursos tecnológicos e humanos, os condomínios fechados passaram a ter sua eficácia questionada nos últimos meses. Embora não existam estatísticas oficiais, o número de assaltos e invasões a estes empreendimentos com “segurança 24 horas” vem aumentando em todas as regiões do Brasil, inclusive na Região Metropolitana de Campinas (RMC). Para especialistas em segurança, com as dificuldades encontradas em assaltos a bancos, cargas e sequestros, as ações das quadrilhas estão migrando para os condomínios em razão da grande vulnerabilidade existente nos planos internos de segurança, que deixaram de acompanhar as evoluções dos assaltantes

Percebe-se que nem os enclaves fortificados resolveram os problemas de segurança das elites. Aliás, como já frisei, Teresa Caldeira mostra que essa forma de habitação geralmente é acompanhada pela “favelização” de boa parte dos demais membros da sociedade. Certamente, a tendência, seguindo o pensamento de Caldeira, é o incremento da intolerância e da própria violência. Nesse sentido, a matéria do Correio Popular não representa grande novidade. Qual a

solução, então? Distribuição de renda? Emprego? Melhores oportunidades?... O Correio Popular publicou, ao lado do artigo mencionado, como a questão deve ser encarada pelos moradores dos condomínios fechados:

### **Proteja-se:**

*Jamais comente sua viagem com pessoas estranhas.*

*Comunique sua ausência a um vizinho de confiança. Telefone para ele de vez em quando para saber se está tudo bem.*

*Nas ausências prolongadas, peça a um parente para visitar sua casa, para demonstrar a presença de pessoas (abrindo janelas, regando jardins, entrando com o carro na garagem etc.).*

*Suspenda a entrega de jornais e peça a um vizinho de confiança para recolher a correspondência*

*Não deixe jóias ou dinheiro em casa, mesmo dentro de cofres. Prefira cofre de bancos.*

*Não deixe luzes acessas, pois durante o dia significam ausência de pessoas.*

*No caso de residências com jardim frontal, contrate alguém para mantê-lo limpo, evitando aspecto de abandono.*

*Só deixe a chave com pessoas de sua absoluta confiança. Evite colocar cadeado do lado externo do portão: isso poderá denunciar a saída dos moradores.*

*Desligue a campainha. Assim, você deixa em dúvida quem vier a usá-la somente para verificar se você está em casa.*

*Feche as portas e janelas com trincos e tranças. Reforce a porta da frente com fechaduras auxiliares.*

## Televisão e Armamento

O apelo à chamada “legítima defesa”, como bem descreveu Pierucci, não é exclusividade das camadas mais abastadas da sociedade. Aliás, na mesma época em que estava acontecendo essa discussão acima descrita, havia um canal de televisão (que é uma concessão pública) apregoando, em seus intervalos comerciais, a necessidade da utilização de armamentos pela população. Esse mesmo canal disponibilizava uma “pesquisa de opinião pública”, em seu sítio na rede mundial de computadores, na qual o cidadão poderia votar a favor da utilização de armas de fogo pelo público em geral (tudo em legítima defesa, lembrando Pierucci). Ao mesmo tempo, o referido canal veiculava um programa policial sensacionalista chamado Brasil Urgente, que dava vazão a todos esses sentimentos autoritários já comentados nessa pesquisa. É interessante constatar que uma estação de televisão dê eco e alimente os desejos de uma certa elite não só paulista, mas notadamente paulistana, que acredita, conforme foi amplamente mostrado pelo trabalho de Pierucci, que paulista “gosta de trabalhar”, explicação para “São Paulo ser a locomotiva da nação”. Assim, a criminalidade só pode ser explicada pela migração de não-paulistas, cujo caráter é “duvidoso”. Não obstante tudo isso, através de toda uma “nova” grade de programas, ditos “populares” (Márcia, Gilberto Barros, Pegadinhas) a emissora afirmava: “A Band mudou pra você mudar pra Band”. Portanto, o canal acreditava existir um determinado público e, sem dúvida, ele havia optado em falar o que essa audiência desejava escutar<sup>134</sup>. Está aí um belo exemplo de como a mídia patrocina a participação de setores ligados ao conservadorismo popular, descrito por Pierucci, nesse processo.

---

<sup>134</sup> Não é estranho a TV Bandeirantes ser porta-voz do famoso senso comum: “São Paulo carrega o país nas costas”, não obstante a importância que o canal tenha tido na difusão do ideal de liberdade de expressão no final do período militar. Sabe-se que a emissora é fruto do trabalho de João Jorge Saad. O empresário casou-se com a filha (Maria Helena) de um influente político paulista, Adhemar Pereira de Barros (1901-1969), que foi governador do Estado entre os anos de 1938-1941 (interventor), 1947-1951, 1963-66 e prefeito da capital entre 1957-1958. Assim, Saad acaba por assumir, em 1948, a emissora de rádio do sogro, conseguindo a concessão para uma emissora de tv em 1954, inaugurando-a somente em 15 de maio de 1967. Saad, além de ter sido indicado presidente da CMTC (Companhia Municipal de Transportes Urbanos), foi um hábil condutor de negócios imobiliários na capital paulista. Loteou dois terrenos de sua propriedade que deram origem aos bairros Cidade Adhemar e Jardim Leonor (nome da esposa de Adhemar de Barros).

## Considerações Finais

Tentemos, ao final da pesquisa, reavivar ao leitor o caminho desenvolvido até aqui. O capítulo inicial teve por objetivo apresentar um recorte teórico sobre o conceito de pensamento conservador. Através da apropriação dos trabalhos de Karl Mannheim, Norberto Bobbio, Anthony Giddens e Roberto Romano fiz um esboço - quase impressionista, diga-se de passagem!- de algumas características presentes no imaginário conservador. São elas: **inigualitarismo e antidemocracia**, fundamentalmente.

A seguir, no segundo capítulo, translatei essa discussão para o pensamento social brasileiro, identificando duas ramificações para o conservadorismo brasileiro: O conservadorismo popular, trabalhado por Antonio Flávio Pierucci e a chamada “nova direita”, tendo Maria Teresa Gonzaga Alves como principal fonte teórica.

Cabe aqui, nesse momento, ressaltar que o estudo do conservadorismo popular assume um certo risco. Tornou-se quase ‘senso comum’, se levarmos em consideração boa parte do pensamento à esquerda no Brasil, identificarmos trabalhos que apontem às camadas de menor renda e escolaridade, caracteres positivos, cabendo às elites o papel oposto. A cristalização desse procedimento, que aqui não cabe julgá-lo com a pecha de *certo* ou *errado*, poderia levar ao leitor dessa dissertação, erroneamente, pensar que estou estigmatizando essas pessoas, impingindo-lhes uma série de preconceitos, embora poucos possam afirmar ser o trabalho defensor do ponto de vista das camadas de maior renda e escolaridade, uma vez que também apresento um estudo sobre a “nova direita”, que poderia ser interpretado da mesma maneira. Enfim, aqui não há tribunal, nem julgamentos. O objetivo é apenas mostrar que o pensamento conservador existe e já foi amplamente teorizado.

Em seguida, tentei demonstrar que ele está amplamente difundido entre as classes sociais brasileiras, assumindo colorações distintas em cada uma delas, não cabendo, assim, inferir ser o conservadorismo característica somente das elites ou, inversamente, daqueles menos escolarizados e com menor renda. Nesse sentido, devido a esse risco que aceitei enfrentar, levei em consideração um cálculo muito simples: que o leitor entendesse o propósito do trabalho. Acredito que esclarecido esse ponto, esgotam-se interpretações equivocadas a esse respeito.

Assim, após a leitura do capítulo três, quando trouxe minha pesquisa empírica propriamente dita, pudemos verificar que os principais traços do pensamento conservador, tais

como antidemocracia e antiigualitarismo, estiveram presentes nas cartas dos leitores do Painel do Leitor da Folha de São Paulo e do Correio do Leitor, do Correio Popular, de Campinas.

Um traço extremamente importante advindo da análise das cartas traz à tona a questão do “outro”, considerado perigoso. Logicamente, não estou inferindo ser essa característica majoritária em nossa sociedade, mas apenas sublinhando que ela existe e é muito presente, seja em maior ou em menor grau. Usemos o conceito de *mentalidade exterminatória* para melhor entendermos essa situação:

Uma condição que, cimentada nos alicerces da insegurança e do medo, já não conduz mais ao retraimento defensivo, mas à desqualificação ou destituição do outro, tido como diverso e adverso, como potencialmente ameaçador (...) não se trata apenas de isolar, confinar ou banir, mas (...) de negar ao outro o direito de ter direitos: é o instante extremo em que representações e práticas levam à demonização do outro, tido e havido como encarnação do mal e, portanto, passível de ser eliminado<sup>135</sup>

Dessa maneira, a leitura das cartas dos leitores apontou a existência de tal mentalidade, principalmente no que tange ao sentimento de que esse “outro” pode “contaminar” o saudável mundo natural vivido por certos grupos considerados (ou eleitos) normais. Nesse contexto, os **enclaves fortificados** são um bom exemplo desse processo. No afã de se livrarem do “incomodo” da presença desse “outro”, isolam-se em torno de moradias supostamente à parte do restante da “perigosa sociedade”.<sup>136</sup>

Já o caso da repercussão da **manifestação dos trabalhadores informais de Campinas** através da imprensa escrita é um exemplo típico da ação, permanência e atualidade de alguns traços do pensamento conservador. “Caos”, “tumulto”, “bagunça”, “sentimento de insegurança” (inclusive de um homem com imensos recursos, caso do vice-prefeito eleito e presidente da associação comercial daquela cidade) estão fartamente presentes no imaginário dos missivistas do Correio do Leitor. Além desses traços, nota-se um certo impulso em apontar a migração ocorrida nas últimas décadas para aquela cidade do interior paulista como sendo um fator preponderante para a decadência da localidade. Para o pensamento conservador, especialmente do conservadorismo popular, abstrações mais profundas, tais

---

<sup>135</sup> KOWARICK, Lúcio. Viver em risco-sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano, *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap, julho de 2002, nº63, p.23,24 e 26.

como a situação econômica brasileira, são devaneios.<sup>137</sup> Na verdade, se clama por polícia e austeridade. Essas seriam as soluções para o déficit social brasileiro.

Nesse sentido, parece-me bastante plausível distinguir as cartas sobre o caso dos enclaves fortificados no bairro Alto do Taquaral, de Campinas, como um típico exemplo do pensamento da nova direita, uma vez que seus autores se colocam como feridos em seus interesses, já que desejam residir em condomínios fechados. Só esse dado é bastante revelador sobre a renda dessas pessoas, nos permitindo fazer tal inferência. Já as cartas relacionadas a manifestação dos camelôs de Campinas não nos dá a mesma oportunidade, uma vez que não dizem muito sobre renda e escolaridade dos autores das mesmas.

Finalmente, gostaria, também, de deixar claro que a escolha da análise sobre o candidato Lula nada tem haver com sua vitória ou sua derrota nas eleições de 2002. Embora seu êxito pudesse, a primeira vista, representar um triunfo do não-conservadorismo de nossa sociedade contemporânea, resolvi deixar esse aspecto para outras pesquisas sobre o assunto. Na verdade, o que interessavam eram os comentários acerca de sua candidatura e as expectativas das pessoas sobre o que ele representaria como presidente. Foi daí, a partir dessas premissas, que pude extrair muitas colorações para o nosso pensamento conservador, podendo, inclusive, inferir a sua difusão, a sua porosidade, nas diversas classes sociais. Assim, perguntar qual o efeito da vitória lulista no pleito presidencial de 2002 para o pensamento conservador brasileiro extrapola os limites do estudo das colunas dos leitores de jornais e, no limite, da própria dissertação. Certamente, a vitória petista não marca o fim do pensamento conservador, ao contrário, como pude demonstrar, ele está aí, vivo, ativo, presente, difuso e difundido pela sociedade. Ao menos, tentei fazer essa aproximação, espero ter sido feliz.

É bastante significativo, também, perceber que a imensa maioria das cartas apresenta um missivista masculino. Vários fatores poderiam ser aventados para essa constatação. Historicamente, a mulher sempre foi relegada a um papel secundário no universo social. Esses números podem ser uma consequência desse processo. Certamente, são necessárias novas pesquisas que comprovem a recorrência desses números, embora seja uma evidencia bastante

---

<sup>136</sup> “O lema é evitar o diferente, pois a mistura social é vivenciada como confusão, desarmonia ou desordem: são os *enclaves fortificados* na segurança total do novo conceito de moradia e cuja relação com o resto da cidade e sua vida pública é de evitação”, Idem, p.23.

<sup>137</sup> Segundo Lúcio Kowarick “em 1990, 36% dos que moravam ou trabalhavam na cidade de São Paulo desenvolviam tarefas assalariadas ou autônomas marcadas pela informalidade, parcela que nove anos depois sobe para 49%-quase 2,2 milhões de pessoas-, ap passo que em período equivalente o emprego assalariado formal decresce em 18%”. Idem, p.17.

significativa ele ter aparecido de maneira bastante semelhante nas amostras coletadas nos periódicos estudados. Nesse sentido, reafirmo que novos estudos podem dar melhores contornos a esse achado.

Resta uma questão final a ser encarada. Nesse sentido, penso que as palavras de Lúcio Kvarnick são bastante importantes para tanto. Segundo o autor, devido a grande evidência das desigualdades e do farto desemprego existente, está cada vez mais difícil afirmar que o insucesso das pessoas seja causado por algum atributo racial ou pela falta de empenho ou vontade de trabalhar. Nota-se, dessa forma, uma mudança no discurso da sociedade, deslocando-o para um certo conformismo, uma quase naturalização desse processo. Dissemina-se o ideal de que “não há nada a ser feito”, pois é inevitável que um número altíssimo de pessoas fiquem sem emprego ou, pelo menos, envolvidas em trabalhos de caráter precário. Edifica-se, nesse sentido, o ideal de “cada um na sua”. Se não isso, a única ação que se vislumbra, em oposição a esta, é a filantropia. Como, por exemplo, o “Criança Esperança”, campanha anual da Rede Globo de Televisão, que visa “ajudar” jovens carentes. Talvez já estejamos presenciando, através desses aspectos, um deslocamento do pensamento conservador brasileiro.

Por último, cabe o questionamento sobre aquilo que chamo “profecia que se auto-realiza”. O quanto da violência não é a expectativa da própria violência? O quanto não é o armamento da sociedade, pretensamente no desejo de autodefesa, que produz a violência?<sup>138</sup> Segundo a Secretária da Segurança Pública do Estado de São Paulo, entre 1984 e 1999, a Polícia Militar matou 9.829 pessoas, na maioria negros e jovens que, muitas vezes, sequer possuíam passagem por uma delegacia. São números frios, mas que escondem por traz deles algo de inquietante, e a inquietação é, certamente, o maior combustível da sociologia.

Mas a desconfiança e o medo têm se constituído em elementos estruturantes dos modos de vida, fazendo que as pessoas organizem seu cotidiano tendo em conta sua vulnerabilidade em face da violência: insegurança, cautela e prevenção tornaram-se fenômenos disseminados, originando processos sociais que conduzem a uma situação de autodefesa<sup>139</sup>.

---

<sup>138</sup> Em seu premiado documentário, “*Tiros em Columbine*”, o cineasta Michael Moore avança essa possibilidade, quando da comparação entre os índices de violência canadenses e norte-americanos.

---

<sup>139</sup> Kovarick, Lúcio. Viver em Risco, sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano. Novos Estudos Cebrap,

## Bibliografia

- ALVES, Maria Teresa Gonzaga. (2000). "Conteúdos Ideológicos da Nova Direita no Município de São Paulo: Análise de surveys". Opinião Pública- Revista do Cesop, Campinas, 6 (2): 191-229, outubro.
- BASTOS, Élide Rugai; MORAES, João Quartim de (org.). (1993). O Pensamento de Oliveira Vianna, Editora da Unicamp, Campinas.
- BENJAMIN, Walter. (1997). Paris, capitale du XIXe. Siecle: le livre des passages. Paris: Cerf
- BIROU, Alain. (1973). Dicionário das Ciências Sociais. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- BOBBIO, Norberto. (1995). Direita e Esquerda. Editora Unesp, São Paulo.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Enclaves Fortificados: a nova segregação urbana, Novos Estudos. São Paulo: Cebrap, março de 1997, n 47, 155-176.
- . Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo. (2000). Editora 34/EDUSP, São Paulo.
- CHALHOUB, Sidney. (1986). Trabalho, Lar e Botequim: O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. São Paulo: Brasiliense.
- . (1996). A Cidade Febril, cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras.
- DUVERGER, M. (1970). Instituciones políticas y derecho constitucional. Barcelona: Ariel.
- GIDDENS, Anthony. (1996). Para Além da Esquerda e da Direita: O Futuro da Política Radical. São Paulo, Unesp.
- HERTZ, Robert. (1980). "A preeminência da mão direita: Um estudo sobre a polaridade religiosa". Revista Religião e Sociedade, (6): 108-109.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. (2003). Raízes do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras.
- KOWARICK, Lúcio. (2002). "Viver em risco-sobre a vulnerabilidade no Brasil urbano". Novos Estudos Cebrap, São Paulo, 63: 9-30, julho.
- MAINWARING, Scott, MEEGUELLO, Rachel, POWER, Timotty. (2000). Partidos Conservadores no Brasil Contemporâneo. São Paulo, Paz e Terra.
- MANNHEIM, Karl. (1986). "O Pensamento Conservador". In: José de Souza Martins, Introdução Crítica à Sociologia Rural. São Paulo, Hucítec.

- (1982). "O significado de Conservantismo". In: Marialice M. Foracchi, Karl Mannheim: Sociologia. São Paulo, Ática.
- MAYER, A. J. (1987). A Força da Tradição - A Persistência do Antigo Regime (1848-1914). Companhia das Letras, São Paulo.
- MENEGUELLO, Rachel. (1989). PT: a formação de um partido, 1979-1982. São Paulo, Paz e Terra.
- MERCADANTE, Paulo. (1965). A Consciência Conservadora no Brasil: Contribuição ao Estudo da Formação Brasileira. Rio de Janeiro, Saga.
- NISHIMURA, Kátia Mika, Tendências Políticas, Preferências e Atitudes Conservadoras em São Paulo, Porto Alegre e Salvador, Dissertação de Mestrado Unicamp.
- (2004). Conservadorismo Social: Opiniões e atitudes no contexto das eleições de 2002. Opinião Pública, Revista do Cesop, Campinas, 10 (2), 339-367.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. (1999). Ciladas da Diferença, Editora 34, São Paulo.
- REIS, Elisa P. (1999). "Percepções da Elite sobre pobreza e desigualdade", Revista Brasileira de Ciências Sociais, (42): 143-152, fev.
- RODRIGUES, José Honório. (1965). Conciliação e Reforma no Brasil, um desafio histórico-cultural, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. (1987). Quem é quem na constituinte, uma análise sócio-política dos partidos e deputados. São Paulo: Oesp-Maltese.
- ROMANO, Roberto. (1981). O Conservadorismo Romântico. São Paulo, Brasiliense.
- (1994). "O pensamento Conservador". Revista de Sociologia e Política, Curitiba, 1 (3): 21-31.
- (1987). Lux in Tenebris, meditações sobre filosofia e cultura. Campinas: Ed. da Unicamp.
- SAMUELS, David. (2004). As Bases do Petismo. Opinião Pública, Revista do Cesop, Campinas, 10(2), 221-241, outubro.
- SINGER, André. Identificação Ideológica e Voto no Brasil, São Paulo, Tese de Doutorado USP, 1998.
- SOUZA, Maria do Carmo Campello de. (1992). The Right and Democracy in Latin American, Praeger, New York.
- SEVCENKO, Nicolau. (1993). A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Scipione.

TORT, Patrick. "Darwin lido e aprovado". Revista Crítica Marxista, Editora Boitempo.

VIANNA, Oliveira. (1982). Populações Meridionais do Brasil e Instituições Políticas Brasileiras, Câmara dos Deputados, Brasília.

----- (1952). Populações Meridionais do Brasil, Volume Um, Populações do Centro Sul, José Olympio, Rio de Janeiro.

WEFFORT, Francisco. (1978). O populismo na política brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

## Apêndice ao capítulo três

### 1- Pesquisa sobre o pensamento conservador na Folha de São Paulo, em 2004

Tabela 1: Assuntos abordados pelos leitores da Folha de São Paulo na sessão Painel do Leitor, página três.

ASSUNTO	FREQÜÊNCIA	%
JORNALISMO	1	0,18
PEDÁGIO	1	0,18
MALUF	2	0,37
COLLOR	2	0,37
FORMA FÍSICA	1	0,18
DEUS	1	0,18
INSEGURANÇA	1	0,18
EXTERMÍNIO	1	0,18
PRIVATIZAÇÃO	1	0,18
SEXO	2	0,37
REMÉDIOS	1	0,18
FEBEM	2	0,37
EXÉRCITO	2	0,37
SONINHA	1	0,18
CIÊNCIA E TECNOLOGIA	8	1,5
CRESCIMENTO POPULACIONAL	1	0,18
CONJUNTURA INTERNACIONAL	22	4,1
POL. INTERNACIONAL DO GOVERNO	3	0,56
REFORMA AGRÁRIA	1	0,18
PENA DE MORTE	2	0,37
DROGAS	4	0,75
MORTE DE CELSO FURTADO	4	0,75
ANIMAIS	2	0,37
HOMOSSEXUALISMO	5	0,94
ENERGIA	4	0,75
TRANSPORTES	2	0,37
TELECOMUNICAÇÕES	5	0,94
SEM-TERRA	1	0,18
RELIGIÃO	5	0,94
DISTRIBUIÇÃO DE RENDA	4	0,75
SAÚDE	15	2,82
ABORTO	25	4,7
ESPORTES	6	1,12
TRÂNSITO	1	0,18
DITADURA	12	2,25
DEMOCRACIA	19	3,57

QUESTÕES JURÍDICAS	53	9,96
DIREITOS HUMANOS	4	0,75
CULTURA	19	3,57
POLÍCIA	13	2,44
ARQUITETURA	1	0,18
PT,LULA E GOVERNO	55	10,39
ECOLOGIA	4	0,75
COMENTÁRIOS ARTIGOS / MAT. FOLHA	59	11,09
TABAGISMO	2	0,37
POLÍTICA	83	15,6
EDUCAÇÃO	28	5,26
PRECONCEITO	8	1,5
ECONOMIA E POLÍTICA ECONOMICA	32	6,01
TOTAL	532	100

**Tabela 2:** Profissões declaradas pelos missivistas do Painel do Leitor da Folha de São Paulo. *Obs: A Folha nem sempre publica a profissão daqueles que enviaram cartas para o jornal.*

PROFISSÃO	FREQUÊNCIA	%
PRESIDENTE DO INSS	2	0,37
ADVOGADO	27	5,07
ASSESSORA ESP. DA CASA CIVIL	1	0,18
JORNALISTA	28	5,26
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO	21	3,95
ATRIZ	1	0,18
POLÍTICO	17	3,2
DIRETORA DE MUSEU	1	0,18
MINISTRO	1	0,18
HISTORIADOR	1	0,18
PSICÓLOGO	4	0,75
ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO	9	1,69
MÉDICO	9	1,69
MILITAR	5	0,94
COORD. FÓRUM EST. DEF. CRIANÇ/AD.	1	0,18
ASS.INT. RELAÇÕES EXT. DO CHILE	1	0,18
PROFESSOR	6	1,12
AGRÔNOMO	1	0,18
FISIOTERAPEUTA	1	0,18
ASSISTENTE SOCIAL	1	0,18
SINDICALISTA	2	0,37
APOSENTADO	1	0,18
EXECUTIVO	4	0,75
PRESIDENTE DA UNE	2	0,37
ESCRITOR	2	0,37
ENGENHEIRO	2	0,37
INDUSTRIAL	2	0,37
CONTADOR	1	0,18

DELEGADO	1	0,18
CINEASTA	1	0,18
SENADOR	1	0,18
SERVIDOR PÚBLICO	1	0,18
BIBLIOTECÁRIO	1	0,18
BIÓLOGO	1	0,18
ANTROPÓLOGO	1	0,18
PEDAGOGO	1	0,18
DENTISTA	1	0,18
PSICANALISTA	1	0,18
AUDITOR FISCAL	1	0,18
ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO	1	0,18
ENGENHEIRO QUÍMICO	1	0,18
BANCÁRIO	1	0,18
DRAMATÚRGO	1	0,18
ECONOMISTA	1	0,18
ODONTÓLOGO	1	0,18
PASTOR	1	0,18
DEMÓGRAFO	1	0,18
BISPO	1	0,18
MAESTRO	1	0,18
PUBLICITÁRIO	3	0,56
SOCIÓLOGO	2	0,37
EMPRESÁRIO	2	0,37
SEM IDENTIFICAÇÃO	351	65,97
TOTAL	532	100

## 2- Pesquisa sobre a manifestação dos trabalhadores informais de Campinas

*Tabela 3: Assuntos comentados pelos leitores que enviaram cartas para a sessão Correio do Leitor, do jornal Correio Popular entre os dias 09 e 16 de dezembro de 2004*

ASSUNTO	FREQUÊNCIA	%
PROF. DE NOVA ODESSA	4	5,63
ECONOMIA	5	7,04
ASSUNTOS DE CAMPINAS	28	39,43
MEMÓRIA DE PENIDO BURNIER	1	1,4
MANIFESTÇÃO DOS CAMELÔS	12	16,9
SEGURANÇA PÚBLICA	1	1,4
REF. ARTIGOS/MATÉRIAS DO JORNAL	3	4,22
ESPORTES	4	5,63
POLÍTICA	4	5,63
ASSUNTOS RELIGIOSOS	4	5,63
CRÍTICA AO 0800 DAS EMPRESAS	1	1,4
DROGAS	1	1,4

CURSOS DE DIREITO	1	1,4
EDUCAÇÃO	1	1,4
TOTAL	71	100

*Tabela 4: As profissões dos missivistas da sessão Correio do Leitor no período estudado*

PROFISSÃO	FREQUÊNCIA	%
ESTUDANTE	3	4,22
PSICÓLOGO	2	2,82
PEDAGOGO	2	2,82
APOSENTADO	11	15,49
ENGENHEIRO	1	1,41
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO	2	2,82
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO	1	1,41
VEREADOR	1	1,41
ADVOGADO	8	11,27
CONTADOR	1	1,41
PROFESSOR	5	7,04
ARQUITETO	1	1,41
METALÚRGICO	1	1,41
ECONOMISTA	1	1,41
ADMINISTRADOR DE EMPRESAS	3	4,22
IMPRESSOR GRÁFICO	1	1,41
BANCÁRIO	1	1,41
ESTAGIÁRIO	1	1,41
EMPRESÁRIO	2	2,82
SERVIDOR PÚBLICO	3	4,22
JORNALISTA	5	7,04
ASTRÔNOMO	2	2,82
PORTEIRO	1	1,41
PRODUTOR DE VÍDEO	1	1,41
ANTIQUÁRIA	1	1,41
GERENTE DE OPERAÇÕES	1	1,41
AUXILIAR DE BIBLIOTECA	1	1,41
PADRE	1	1,41
ESCRITOR	1	1,41
DONA DE CASA	3	4,22
DEDETIZADOR	1	1,41
CORRETOR DE IMÓVEIS	1	1,41
REPRESENTANTE COMERCIAL	1	1,41
PUBLICITÁRIO	1	1,41
TOTAL	71	100

### 3- Pesquisa sobre as visões dos leitores em torno do candidato Lula

#### Correio Popular

Tabela 7 : Assuntos levantados pelos leitores do Correio do Leitor em 2002

ASSUNTO	FREQUÊNCIA	%
COMENTÁRIO SOBRE ART/MAT JORN.	4	2,66
PT E ELEIÇÕES	22	14,66
QUESTÕES JURÍDICAS	5	3,33
FÓRUM SOCIAL MUNDIAL	1	0,67
QUESTOES DE CAMPINAS	33	22
BOAS FESTAS	2	1,33
MORTE DE CÁSSIA ELLER	1	0,67
ENCHENTES	1	0,67
CONDOMÍNIOS FECHADOS	9	4,67
SEGURANÇA/VIOLÊNCIA	15	10
ESPORTES	7	6
COMUNICAÇÕES	6	4
POLÍTICA	10	6,67
PERDÃO	1	0,67
SAÚDE	3	2
CARNAVAL	1	0,67
MULTAS	1	0,67
ANIMAIS	6	4
ECONOMIA	7	4,67
TRÂNSITO	1	0,67
TELEFÔNICA	1	0,67
CONJUNTURA INTERNACIONAL	5	3,33
MST	3	2
RELIGIÃO	1	0,67
MOV. SOCIAIS	1	0,67
CULTURA	2	1,33
DISTRIBUIÇÃO DE RENDA	1	0,67
TOTAL	150	100

## Folha de São Paulo

Tabela 8: Assuntos comentados pelos leitores do Painel do Leitor em 2002

ASSUNTO	FREQUÊNCIA	%
QUESTÕES JURÍDICAS	20	13,33
GARIMPO	1	0,66
LULA,PT E ELEIÇÕES	35	23,33
TURISMO	1	0,66
PREFEITURA DE SP	18	12
SEGURANÇA	3	2
CONJ. INTERNACIONAL	7	4,66
ESPORTES	2	1,33
POLÍTICA	12	8
PARMALAT	2	1,33
ECONOMIA	16	10,66
FOME	1	0,66
SALÁRIOS	1	0,66
ARTIGOS DO JORNAL	16	10,66
VENEZUELA	1	0,66
DIREITOS DAS CRIANÇAS	2	1,33
DROGAS	3	2
CLASSE MÉDIA	1	0,66
SINDICATOS	1	0,66
TRANSPORTES	3	2
RACISMO	1	0,66
SAÚDE	2	1,33
ANIMAIS	1	0,66
TOTAL	150	100

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL  
SEÇÃO CIRCULANTE